FUNDADOR — JOAQUIM MANSO

QUINTA-FEIRA, 9 DE AGOSTO DE 1962

ANO 42.º — NÚMERO 14 244

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO 44 a 48 - LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO - RUA DA ROSA 57, 2.

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

É grave a situação monetária no Brasil

O Conselho de Ministros decidiu enviar a Washington o ministro da Fazenda que tentará obter o apoio dos Estados Unidos para evitar que o Brasil vá para a bancarrota

BRASILIA, 9 — A brusca decisão do Conselho de Ministros de enviar o ministro da Fazenda, Walter Moreira Salles, em missão a Washington para aí recomeçar «as negociações entabuladas em Abril passado pelo presidente Goulart», põe em evidência a grave crise monetária que o Brasil atravessa.

Walter Moreira Salles, antigo embaixador nos Estados Unidos, partiu de Brasília para o Rio de Janeiro, onde deve tomar o primeiro avião com destino a Nova York. A crise monetária foi precipitada, segundo opinião expressa pelos círculos competentes, pela crise política aberta pela demissão em fins de Junho do primeiro-ministro Tancredo Neves. Todavia as suas causas profundas encontram-se na inflação galopante que lavra há cerca de um ano no Brasil e que provoca uma depreciação na moeda nacional que o Governo é impotente para deter.

Para enfrentar a crise e pagar aos funcionários os aumentos de salário, o Banco do Brasil emitiu, só no mês passado, 55 biliões de cruzeiros. Simultaneamente o «deficit» da balança comercial atingiu nos cinco primeiros meses do ano a soma de 43 milhões de dólares, enquanto a balança de cambios se equilibrava unicamente graças aos empréstimos norte-americanos e a diversas operações da consolidação da dívida externa.

Nessas condições, o Governo, para reagir contra a especulação, viu-se forçado a restabelecer o «controle» do Banco do Brasil sobre as

(Continua na 16.ª página)

É PRECISO LUTAR contra as causas dos acidentes de viação

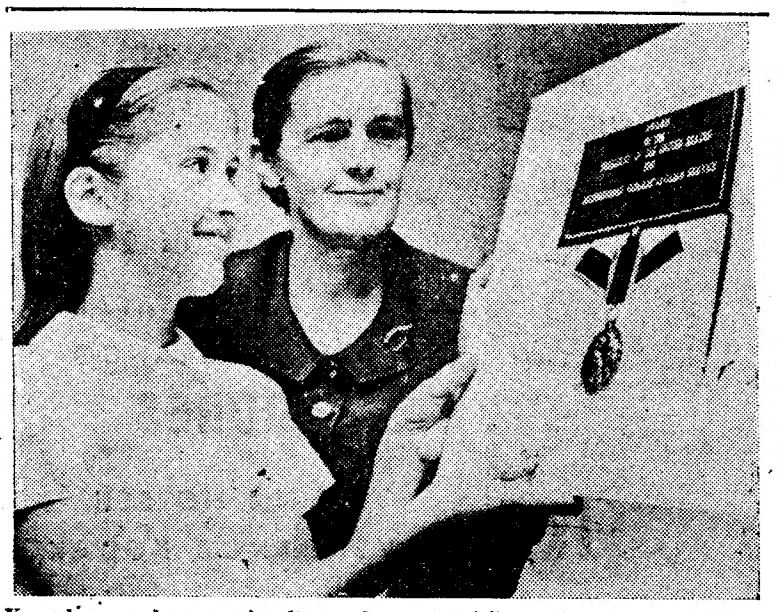
As causas dos acidentes provêm dos mais variados factores. No entanto, em face das grandes vagas de veículos e das enormes massas de peões, a questão deve ser encarada tendo por base um julgamento sério

(Continua na 6.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

Presidência do Conselho

Com o Presidente do Conselho trabalhou, esta manhã, o ministro de Estado.

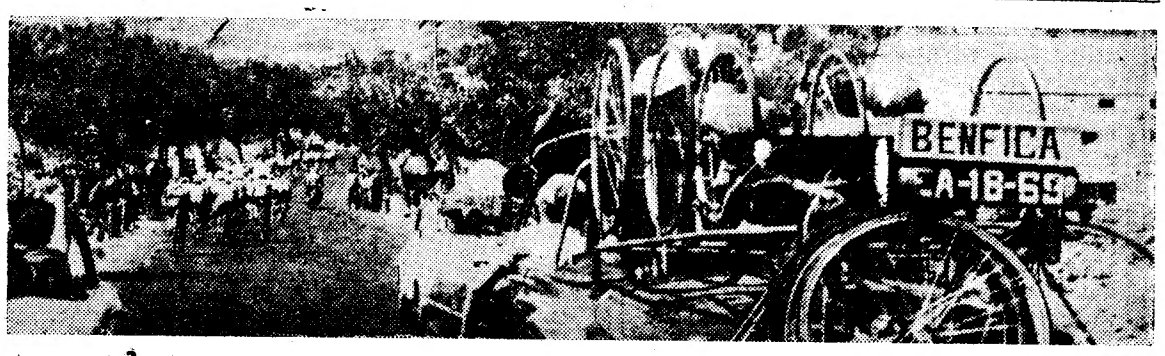


Kennedy concedeu a mais alta condecoração civil americana á dr.ª Frances O. Kelsey, que se distinguiu por ter denunciado os perigos da Talidomida e conseguido impedir a venda da terrível droga. Na gravura, vemos a dr.ª Kelsey, quando mostrava a medalha a sua filha Christine, uma bela rapariga de 12 anos. Entretanto, os produtos á base de Talidomida foram proibidos em Espanha e na Austrália

Nota do dia

LUZ E SOM

O espectáculo de luz e som (achamos mais musical esta designação), que ontem aplaudimos no claustro dos Jerónimos, em moldes diferentes dos dois espectáculos anteriores, parece-nos cumprir melhor a finalidade que tem em vista. Ao argumento histórico, confuso e ininteligível para estrangeiros, preferiu-se a estrutura coreográfico-musical, mais apropriada e mais acessível. Os espectáculos de luz e som, uns mais bem sucedidos do que outros, constituem hoje uma atracção turística em todo o Mundo, não só para estrangeiros como para os naturais dos países em que se realizam. Entre nós, notava-se — e continua a notar-se — a ausência de diversões que possam entreter o turista, sem dúvida devido à pouca experiência que possuímos ainda desta indústria, pois só muito recentemente é que Portugal começou a contar como país de turismo, e à falta de iniciativa que tem imobilizado esse e outros aspectos da vida nacional. Felizmente, começamos a sair do marasmo em que jazíamos — há que reconhecê-lo com justiça — graças à acção desenvolvida ùltimamente pelo S. N. I., que não pode, evidentemente, fazer mais porque os nossos minguados recursos não permitem grandes voos. À falta de festivais e de atracções de outra ordem que possam trazer-nos o maior número possível de turistas, vamos tentando timidamente outros motivos de atracção, além daqueles com que a Natureza nos brindou. O espectáculo de ontem, pela seriedade de que se revestiu, pode, na verdade, inscrever-se entre as mais belas realizações artísticas que se têm levado a efeito entre nós. Outros cenários históricos lhe servirão de moldura. Outros motivos se encontrarão para enriquecer e acreditar uma iniciativa de que podem colher-se os melhores frutos. Enquanto não temos o Grande Festival de Lisboa, que a Câmara Municipal nos há-de oferecer um dia, vamo-nos contentando com aquilo que nos dão.



A 25.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

JOSÉ PACHECO (camisola amarela) venceu a tirada Beja-Tavira após magnífica recuperação

(Do nosso enviado especial Fernando Soromenho)

TAVIRA, 9 *(Pelo telefone)* — Para percorrer a 8.ª etapa da 25.ª Volta a Portugal, entre Beja e Tavira, na distancia de 151 quilómetros, alinharam á partida, 75 corredores. O sinal de marcha foi dado á hora exacta, isto é, ás 9 horas.

Aos 9 quilómetros verificou-se a primeira fuga, nela intervindo Mário Sá, Manuel Simões, António Aiveca, Florencio da Silva e Octávio Trinta. Quase logo a seguir, e graças a uma reacção dos homens do Porto, juntaram-se aos fugitivos José Pacheco, Mário Ferreira, Peixoto Alves, Sousa Santos e Francisco Valada. Esclareça-se que a média no primeiro quarto de hora, e mercê destas iniciativas, foi de 48 quilómetros.

A corrida prosseguiu em excelente velocidade, até surgir um troço em construção na distancia de mil metros, o que originou uma diminuição de velocidade.

Luta de tácticas

Entretanto, era notório o sentido táctico das equipas do Benfica e do F. C. Porto. Os «encarnados» tomavam iniciativa na ofensiva e o F. C. Porto, acto contínuo, respondia. De anotar, ainda, que José Pacheco, o «camisola amarela», estava a agir em plano destacado, mas a resposta dada pelo seu mais directo perseguidor, Francisco Valada, também constituia um apontamento digno de nota.

Aos 24 quilómetros, o Sporting

(Continua na 13.ª página)

Kim Novak — uma das actrizes que se manifestaram, quando do suicídio de Marilyn Monroe, contra os produtores de Hollywood por utilizarem o corpo das «estrelas» como fonte de receita e descurarem por completo a angustia que lhes corrói as almas — surpreendida em afagos a um chimpanzé, risonho e feliz com o momento

Presidente da República

Faz hoje quatro anos que o sr. almirante Américo Thomaz tomou posse, perante a Assembleia Nacional, da suprema magistratura da Nação.

Por esse motivo receberam-se, no Palácio de Belém, muitos telegramas e cartões de felicitações. Também estiveram ali, a inscrever-se no livro de cumprimentos, muitas individualidades civis e militares.

O sr. almirante Américo Thomaz passou o dia na maior intimidade, na sua residência de Cascais.

O aniversário do despacho Cem

O sr. Presidente da Republica recebe amanhã, ás 17 e 30, no Palácio Nacional de Belém, uma representação de homens do mar, que lhe vão apresentar cumprimentos por motivo de mais um aniversário do despacho Cem.

HOJE 24 PÁGINAS
nas quais se inclui
«VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA»

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

AS CLASSES COMARCÃS

Vieram ontem as gentes gradas de Vila Nova de Ourém até o Terreiro do Paço. Apresentaram em palavras claras ao sr. ministro da Justiça as pretensões do concelho que foi condado de Nuno Alvares Pereira. Que pediram eles? A elevação da comarca; e a construção do Palácio da Justiça, a da nova cadeia comarcã e a das casas dos magistrados. Em resposta o sr. ministro aludiu á revisão das classes comarcãs e ao desenvolvimento das terras situadas junto ao litoral, enquanto outras regiões do País permanecem como há trinta anos. Isso exige uma revisão profunda, que em certa medida já foi iniciada, até porque há vilas que têm uma população superior á da maioria das nossas cidades, classificação portanto desactualizada. Referiu os movimentos da reacção provocada pela passagem de 3.ª para 2.ª de algumas comarcas, medida que teve em vista poder acudir aos casos de algumas que tinham maior movimento. Fez várias observações sobre a luta dos governantes para atenderem ás necessidades das populações, o que muitas vezes não é tarefa fácil, e aludiu ao movimento, já bastante adiantado, da construção de habitações condignas para os magistrados, indispensáveis para o prestígio de que goza a magistratura. Terminou por falar das dificuldades que a Nação atravessa com uma guerra que nos é imposta e que torna indispensável a união de todos os portugueses.

ARRANCADOS À MORTE

O sr. Francisco Augusto da Silva Timor, serralheiro mecanico, residente em Setubal, estava ontem á tarde junto ao farol de Cacilhas. Esperava a camioneta para a sua cidade. Vieram gritos de aflição de um lado. Uma criança caíra ao rio e debatia-se nas águas. A estas atirou-se logo o sr. Timor de onde trouxe o pequeno. Chegara a terra, quando nas águas se debatia já um homem que julgara o filho em perigo de vida e, mesmo sem saber nadar se atirara ao rio. O sr. Timor voltou a entrar nas águas e trouxe para terra o sr. António de Sousa Mendes, de 41 anos, vendedor ambulante. E o homem que salvara duas vidas, enxugou-se, passou a mão pelos cabelos humidos, e tomou a camioneta para Setubal...

PALÁCIO DE BELÉM

O Chefe do Estado recebeu os srs. ministros da Marinha e das Obras Publicas, Luís Lupi e dr. Jorge de Melo. Estiveram a inscrever-se no livro de cumprimentos os srs. prof. Costa Sacadura, generais João Alexandre Caeiro Carrasco, comandante da Região Militar de Moçambique, e Humberto Buceta Martins, comandante da Academia Militar; Jorge Roque de Pinho (Alto Mearim), delegado nacional e vice-presidente do Conselho Internacional de Caça e procurador á Camara Corporativa; profs. Amandio Tavares, da Faculdade de Medicina do Porto e Vítor Buescu.

EVOCAÇÃO

Em Coimbra foi ontem inaugurada uma exposição de S. João Baptista de Ajudá, há um ano incendiada e queimada pelo residente antes de nela entrarem os representantes da nova Republica do Daomé. Na assistência o capitão Miguel Pupo Correia, que por duas vezes foi residente em S. João de Ajudá. Fotografias do forte e cobres de Benim e outras recordações, constituem a exposição.

COLHIDO PELO COMBOIO

Foi ao começo da madrugada que, na estação do Rossio, um pobre homem foi colhido pelo comboio. Com o braço e a perna esquerdos fracturados, seguiu para o Hospital de S. José onde morria pouco depois. Trata-se de José Cabanelas Dias, operário, que aparenta 50 anos. No bolso apenas um passe de caminho de ferro, em terceira classe, para o percurso Campolide-Queluz.

Continua preso o senhorio do Casal do Marco onde viviam o cozinheiro e a enfermeira do «Infante D. Henrique»

Prosseguem, por parte da Policia Marítima, as investigações sobre o crime de morte de que foi vítima a enfermeira sr.ª D. Maria Leonor Alves. O adjunto do comando daquela corporação, sr. Manuel Cabaço, coadjuvado pelo subchefe Pratas, continua a reduzir a auto as declarações de tripulantes do «Infante D. Henrique» e ainda de determinadas pessoas que de certo, estavam inteiradas do modo de vida da enfermeira, entre as quais se conta um seu tio, residente na Rua Pereira e Sousa, n.º 14-1.º, a Campo de Ourique, casa de quem ela saira há cerca da oito meses.

A P. M. solicitou ao Laboratório Científico da Polícia Judiciária um exame pericial ao local do crime, com o objectivo de determinar se, na verdade, os disparos foram feitos com a intenção de matar, visto que o criminoso alega, agora, que apenas pretendeu alvejar as pernas da vítima.

Entretanto, o senhorio, sr. Francisco Viegas Pereira, que no decorrer da noite de ontem voltou a ser largamente interrogado, continua detido nos calabouços do Governo Civil, á ordem da P. M. até que se esclareçam determinados pormenores.

O cadáver da sr.ª D. Maria Leonor Alves, que só esta manhã cerca das 9 e 30, deu entrada no Instituto de Medicina Legal, foi pouco depois autopsiado pelos peritos médico-legais daquele Instituto, que vão elaborar o seu relatório, o qual será enviado á Polícia Marítima, a fim de ser apenso ao respectivo processo.

Continua no Tejo

o navio-escola «Savarona» da Armada turca

O comandante do navio-escola «Savarona», da Marinha de Guerra da Turquia, sr. capitão-de-mar-e-guerra Sahap Ulkurt, visitou hoje, acompanhado de três oficiais do seu navio e de 40 cadetes, o Grupo de Escolas n.º 1 da nossa Armada, em Vila Franca de Xira. Foi ali recebido pelo respectivo comandante, sr. capitão-de-mar-e-guerra António Morgado Belo.

Em honra do comandante Ulkurt, houve, depois, um almoço, no qual participou também o primeiro-secretário da embaixada da Turquia em Lisboa.

O «Yancey» larga esta noite

O navio «Yancey», transporte de carga, da Marinha de Guerra dos Estados Unidos, que se encontra fundeado defronte do Terreiro do Paço, larga esta noite, rumo ao seu porto-base nos Estados Unidos.

NOVE PESSOAS galardoadas

pelo salvamento de náufragos

Por proposta do Instituto de Socorros a Náufragos, o ministro da Marinha concedeu diplomas de louvor, pelos serviços de salvamento, aos seguintes indivíduos: Fernando José Pereira Gonçalves, tripulante da embarcação dos pilotos da barra do Douro; Luciano José Coelho, pedreiro; José Carlos Teixeira de Sousa, marítimo, tripulante do «ferry-boat» «Setubalense»; Manuel Francisco, soldado n.º 1032/61 do Regimento de Lanceiros 1; Alberto Domingos Moreira de Sousa, José Rocha Trindade e Vítor Manuel Ferreira Borges, marítimos; João Neto e Manuel Francisco Janardo, pescadores.

Nova direcção

da Sociedade de Língua Portuguesa

Foram empossados nos seus cargos os componentes eleitos da direcção da Sociedade de Língua Portuguesa, srs. prof. dr. Hernani Cidade e drs. Paulo Gustavo Soromenho e José Neves Henriques, respectivamente, presidente, vice-presidente e vogal suplente.

VAI SER MELHORADA a assistência aos ascendentes de militares falecidos em campanha

Segundo um decreto-lei agora publicado pela pasta do Ministério das Finanças, os ascendentes do sexo masculino de militares falecidos em campanha ou na manutenção da ordem publica só são hábeis para pensionistas quando, tendo mais de 70 anos de idade ou estando absolutamente incapazes de angariar meios de subsistência pelo trabalho, estejam a cargo exclusivo dos filhos.

As circunstancias que impuseram a firme defesa de parcelas do território nacional — lê-se no preambulo daquele documento — aconselham que se continue a introduzir as alterações indispensáveis no Código de Pensões, por forma a serem resolvidas com a justiça que a actual realidade vai revelando.

Procura-se, assim, atender á situação dos ascendentes que, não tendo atingido ainda os 70 anos de idade e não estando absolutamente impossibilitados de angariar os meios de subsistência, são, no entanto, portadores de lesões físicas ou mentais que os impedem de exercer a sua profissão habitual. Por outro lado, prevê-se, também, a concessão de uma pensão de quantitativo reduzido aos indivíduos que tenham outros filhos e fixa-se que os irmãos só poderão ser considerados hábeis quando órfãos de pai e de mãe.

O diploma em causa aplica-se aos processos respeitantes a óbitos ocorridos posteriormente a 31 de Dezembro de 1960.

Vinho em abundância

PENALVA DO CASTELO, 9. — Prevê-se que seja abundante a colheita de vinho nesta região, reinando por isso grande satisfação nos meios agrícolas. Também a colheita da batata foi abundante.

A CIDADE

Os autocarros e as obras na Praça dos Restauradores

Para prosseguimento das obras de remodelação da Praça dos Restauradores no seu ritmo normal, vão ser deslocadas as paragens de autocarros das carreiras 3, 4 e 32, cujas localizações provisórias serão as seguintes: as paragens relativas ás carreiras 3 e 4 na Rua dos Condes junto ao cinema Odeon; os autocarros das referidas carreiras, vindos da Praça do Comércio, quando sobem a Rua das Portas de Santo Antão deixam de virar para a Travessa de Santo Antão e continuam até voltar á esquerda pela Rua dos Condes; e a paragem de autocarros da carreira n.º 32 fica junto da paragem existente da carreira 2-A, no arruamento lateral da Avenida da Liberdade, junto ao Cinema Condes.

A nova iluminação da capital

Além da iluminação especial do Arco da Rua Augusta e da estátua de D. José, na Praça do Comércio, vai ser remodelada a iluminação publica nos seguintes locais citadinos: placas de passeio da Avenida da Liberdade e da Praça Marquês de Pombal, Avenida Entre Aeroportos, Praça Duque de Saldanha, Avenida da Republica, Rua do Benformoso, Largo do Intendente Pina Manique e Rua dos Anjos (troço sul), Rua D do Bairro dos Olivais-Norte, arruamentos do Bairro dos Olivais-Sul, Jardim de Santo Eugénio, na Encarnação; Azinhaga do Poço de Baixo, ajardinado do Largo de Andaluz, Travessa do Forno, Rua de São Sebastião da Pedreira, Azinhaga dos Cerejais e Azinhaga das Cerejeiras.

Concertos musicais nas praças públicas

No domingo haverá mais dois concertos publicos, promovidos pelo Município. No jardim do Príncipe Real e no Campo Pequeno tocam ás 15 e ás 17 horas, respectivamente, as bandas de musica da Polícia de Segurança Publica, sob a regência do maestro alferes Alves de Sousa, e dos Bombeiros Voluntários de Fanhões, sob a direcção do maestro Fernando Ferreira.

Pelos hospitais

DESASTRE COM ARMA DE FOGO—O grumete-fogueiro n.º 4586 do Corpo de Marinheiros da Armada, Isidro Antunes Henrique, de 22 anos, em serviço no Arsenal do Alfeite, quando examinava uma espingarda, foi vítima do disparo da arma, indo o projectil alojar-se na cabeça. Transportado ao Hospital da Marinha, chegou ali já morto, pelo que o cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

Quem perdeu?

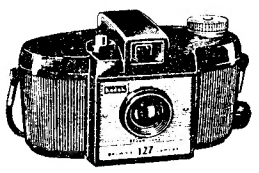
Relação dos objectos achados e entregues, ontem, na P. S. P. (Governo Civil), além de um pombo cinzento-escuro, um relógio de pulso, encontrado há cerca de um mês; um casaco de senhora, em malha de lã; um alfinete de ouro; um boné de pala; uns óculos graduados; um sapatinho de criança; os bilhetes de identidade dos srs. Carlos Alberto Vieira de Morais, Augusto Romeu Teixeira Barroso, Julio de Oliveira Matos e da sr.ª D. Maria de Lourdes; dois cartões sindicais em nome dos srs. Marcos F. da Costa e José Esteves; 1 carteira de plástico com fotografias e o livrete de manifesto de arma de caça em nome do sr. Domingos Vitorino Franco; parte de um tubo de escape; um aro de farol; um manípulo de porta; um limpa-brisas; um pesar-ar; um pneu de veículo automóvel ligeiro; diversas argolas com chaves e chaves soltas.

— No Sindicato dos Motoristas estão depositados: uma carteira de plástico com dinheiro; um saco de cabedal com sapatos e peças de roupa; um estojo com óculos graduados e uma máquina fotográfica, também com estojo.

JOGO PERDIDO

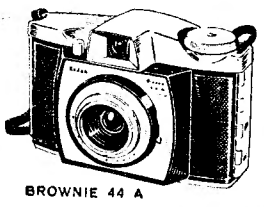
O cauteleiro Martinho José Afonso Ferreira, portador da chapa n.º 29 — Alenquer, perdeu hoje, entre Torres Vedras e Lisboa (trajecto que fez de comboio), o seguinte jogo para a extracção de amanhã — com o carimbo da Casa Travassos: dez décimos do n.º 25 677, vinte décimos do n.º 49 029 e três décimos do n.º 25 603. Pede-se a quem encontrou o jogo o favor de o remeter para a administração do «Diário de Lisboa».

Guarde a alegria das férias em fotografias


BROWNIE 127

BROWNIE FIESTA

BROWNIE CRESTA


BROWNIE 44 A

HÁ 4 CÂMARAS

Kodak

ISENTAS DE IMPOSTO DE CONSUMO:

BROWNIE 127	Esc. 120$00
BROWNIE FIESTA	« 138$00
BROWNIE CRESTA	« 185$00
BROWNIE 44 A	« 240$00

PARA FOTOGRAFAR A PRETO E BRANCO E A CORES

VEJA-AS NO SEU REVENDEDOR KODAK

Leve bastantes rolos Kodak

KODAK PORTUGUESA, LIMITED • LISBOA • PORTO

DIVERSÕES — TEATROS ★ CINEMAS

GIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

ATRAS DO REPOSTEIRO

- Continuam os ensaios de «Romance na Serra», a primeira opereta que a R. T. P. vai apresentar e que será transmitida em três semanas (um acto em cada sexta-feira). O primeiro acto será transmitido no próximo dia 24.
- «A Guerra de 1908», famoso numero de Raul Solnado, bateu todos os «records» de venda de discos no nosso País. O facto reveste-se, talvez, de um curioso significado: além de ser o triunfo de um actor é a vitória de uma nova técnica de humor.
- O actor José Viana será uma das atracções dos espectáculos de sábado e domingo no Casino da Figueira da Foz, para eleição de «Miss Portugal» e que terão a presença de «Miss Universo-1961».
- Helder Martins e o seu conjunto continuam como atracção do Flórida Park, de Madrid e preparam uma gravação com a vedeta argentina Mona Bell.

NO MONUMENTAL

«Meu amor é traiçoeiro» no 3.º mês triunfal

Ao interpretar a figura do povo — Maria Rosa — na peça do dr. Vasco de Mendonça Alves — «Meu amor é traiçoeiro» — Laura Alves fortaleceu a opinião que criou no publico. E' que tem nesta sua inesquecível criação o amor inquieto e dedicado nos seus olhos, o frémito do corpo e a tremura da voz, pelo ciume, a exaltação, pelo desespero, quando não pela alegria, dando-nos uma interpretação como raramente se vê nos nossos palcos.

«Meu amor é traiçoeiro» tem também magistral desempenho de um actor que confirma o seu notável valor — Artur Semedo — que nos dá uma figura do povo para o povo, interpretando o papel de Manuel, um serralheiro. Em terceiro mês de lotações esgotadas, este espectáculo de Vasco Morgado é aplaudido de pé e consagrado pela crítica e pelo publico.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«O Rei dos Ladrões», no Império

O critério que preside á selecção de estreia no Império é dos mais flexíveis — no melhor sentido, entenda-se. Vem isto a propósito do filme «O Rei dos Ladrões», de Duilio Coletti, ontem estreado na ampla e fresca sala. Baseado em episódios da vida de José Navarra, narrados por ele próprio aos autores da película, a obra ultrapassa o valor de uma simples biografia, mas esta só por si constitui uma aventura tão extraordinária para o nosso tempo, que pode considerar-se tão arrojada a decisão de apresentar este filme a um publico exigente — é o caso do Império — como a de produzir uma obra desta natureza, cujo enredo parece exceder a realidade para entrar no campo da fantasia com interesse muito relativo na nossa época.

Mas «O Rei dos Ladrões» é um filme notável a muitos títulos, a começar pela interpretação do protagonista — o excelente actor Ernest Borgnine, que criou uma figura de napolitano simplesmente extraordinária. Se a dobragem nem sempre é impecável, esta interpretação de Borgnine ficará como um marco na carreira do famoso «Marty». A seu lado, vemos Keenan Wynn, também numa interpretação excelente; Ivonne Sanson, David Opatoshu, Cristina Gajoni, Max Cartier, Lino Ventura e outros artistas de categoria.

O interesse do filme não está, porém, apenas na soberba interpretação de Borgnine: reside também no vigor da acção, no recorte das principais persnagens, na reconstituição de acontecimentos e locais que assinalaram uma época ainda recente em Nápoles, pela intensidade dramática de alguns episódios, designadamente, o milagre de S. Januário, o encontro na estrada com o bandido e o dramático final.

Estamos, pois, em presença de uma sólida obra cinematográfica que, aliás, o publico soube sublinhar com aplausos.

Os complementos são muito interessantes. — *Visor 55.*

ÁS ESTREIAS DE HOJE

No São Jorge

Título em português — «A serpente do deserto».
Título original — «Johny Concho».
Produção — Americana (Frank Sinatra).
Realização — United Artists.
Intérpretes — Frank Sinatra, Keenan Wynn e William Conrad.
Argumento — Aventura e violência no Oeste americano.
Distribuição — Rank Filmes.
Processo — Normal.
Classificação — 12 anos.

«A FERIDA LUMINOSA»

representa-se nas tardes de sábado e domingo no Monumental

Por entender que a capital não deve permanecer sem espectáculos de teatro durante o Verão, a Companhia Portuguesa de Comediantes Associados — um grupo de artistas de prestígio — resolveu apresentar de tarde, a preços de cinema (com lugares desde 5 a 30 escudos), no magnífico teatro do Saldanha, com ar refrigerado, a emocionante peça «A ferida luminosa», de José Maria Segarra. Não há duvida de que a iniciativa merece ser devidamente acarinhada, pois que todos os seus artistas — Lygia Teles, Jacinto Ramos, Alma Flora, Fernanda de Sousa, Carlos Wallenstein e Carlos Duarte—arriscando o unico capital que possuiam — o seu trabalho — ergueram um espectáculo de rara categoria artística, como aliás, a crítica salientou e o publico confirma com os mais vibrantes aplausos.

Os estudantes beneficiam do preço unico de 7$50 (plateia).

Amália Rodrigues partiu para Angola

Amália Rodrigues seguiu, de avião, para Angola, acompanhada pelo guitarrista Domingos Camarinha e pelo viola Castro Mota. Vai apresentar-se na abertura do cinema Avis, amanhã em Luanda. A popular artista dará depois dois recitais para os soldados em serviço na província de Angola, onde permanecerá durante cerca de duas semanas.

O Conde de Aguilar no Algarve

A ultimar o seu programa de trabalhos no Continente, o ilusionista Conde de Aguilar, prestes a seguir para uma nova digressão pelas nossas províncias ultramarinas e pelo estrangeiro, onde granjeou notável prestígio, vai no sábado exibir os seus novos numeros de prestidigitação que intitulou «O Mundo Imaginário», na Praia da Rocha, no Casino.

Em dias seguintes apresentar-se-á noutras casas de espectáculos do litoral algarvio.

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se na AMADORA na Papelaria e Tipografia BARROS.

Fernanda Lima, expressiva intérprete do fado, que se vê na gravura, durante um ensaio com Carlos Gonçalves e Carlos Neves, segue, em breve, para Londres, onde vai cumprir um contrato de dois meses numa categorizada «boite». A conhecida artista recebeu, também, propostas para actuar em Caracas (Venezuela) e São Paulo (Brasil)

Som, luz e bailados no claustro dos Jerónimos

No claustro do Mosteiro dos Jerónimos inaugurou-se ontem, á noite, com a presença do ministro de Estado, o novo espectáculo «Som e Luz», designado por «Noite Musical». Obedece agora a uma estruturação diferente da dos anteriores espectáculos, com o objectivo de constituir o cartaz turístico.

O programa de «Noite Musical», breve panorama da musica portuguesa, desde o século XVII aos nossos dias, é constituído pelos seguintes numeros: «Crux Fidelis», de D. João IV, «Miserere Mei Deus», de Francisco António de Almeida e «Tenebrae Factae Sunt», de Francisco Martins, interpretados pelo Coro da Poliphonia, dirigido por Mário de Sampaio Ribeiro; e «Fragmentos da suite antiga», de Carlos Seixas, «Paraísos artificiais», de Luís de Freitas Branco e «Variações sobre um tema alentejano», de Joly Braga Santos, executados pela Orquestra Sinfónica Nacional. Dois dos textos musicais são ainda ilustrados com bailados, segundo coreografia de Margarida de Abreu e Fernando Lima.

No magnificente cenário dos Jerónimos, o espectáculo constitui um êxito, com a constante mutação de luzes nos tons branco, azul, vermelho e amarelo, que fazem ressaltar o rendilhado da pedra dos claustros, conferindo uma nota de beleza, que prende a atenção dos espectadores.

«A mantilha de Beatriz» na Estufa Fria

Na Estufa Fria o Teatro Popular de Lisboa apresenta até segunda-feira a peça «A Mantilha de Beatriz».

A distribuição de bilhetes faz-se, exclusivamente, das 9 e 15 ás 11 e 30, nos Serviços Informativos da C. M. L., no edifício dos Paços do Concelho.

PASSA EM LISBOA

UM PAQUETE BRASILEIRO CONSTRUÍDO EM ESPANHA

BILBAU, 9 — Procedeu-se ontem á entrega oficial do transatlantico «Princesa Leopoldina», construído nos estaleiros locais para a frota mercante do Brasil.

Pouco depois, o «Príncipe Leopoldina» largou para o Rio de Janeiro, com escalas em Vigo e Lisboa. — (A. N. I.).

Segundo averiguámos junto dos representantes do armador em Lisboa, o paquete encontra-se presentemente no porto de Vigo, para cumprimento de determinadas formalidades. Só depois de cumpridas estas é que largará com destino ao Tejo, onde é esperado, possivelmente, depois de amanhã.

Em Lisboa, carregará diversas mercadorias destinadas ao Brasil.

Em CAMARATE o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na PASTELARIA NEZITA.

O Porto pelo telefone

Obras de prevenção nas rochas Guindais executadas de um dia para o outro

PORTO, 9. — A escarpa dos Guindais é, de há muitos anos, motivo de permanente preocupação de todos quantos ali vivem ou passam nas imediações, dados os grandes perigos que representam as enormes penedias de que é constituída, nunca se sabendo o que poderá suceder quanto a derrocadas. O perigo começou há talvez um século, quando se executaram as obras do elevador dos Guindais, que corria ao lado Norte da muralha fernandina. Vieram, depois, a construção do tunel da Companhia de Ferro da Alfandega e a dos pegões da ponte de D. Luís. Mais recentemente, foi ali aberto, na rocha, um tunel rodoviário.

Todas estas obras provocaram derrocadas, a primeira das quais, há muitos anos, foi de maior vulto, pois arrastou casas e provocou mortes. Daí o povo chamar ao local as *Arruinas* — nome por que é conhecida a área da Rua do Miradouro e da Alameda das Fontaínhas.

Muito recentemente, deu-se a derrocada da base da muralha e, consequentemente, uma grande parte desta, o que originou, de novo, perda de vidas e destruição de haveres.

Em todas essas obras foram usados tiros de dinamite, os quais, associados á natural caulinização da pedra, isto é, ao envelhecimento da pedra, tem dado origem a constantes deslocações de pedras e terras.

Os Serviços de Arruamentos da Camara Municipal, que têm procedido a uma constante vigilancia, embora discreta, tomaram ontem uma decisão excepcional: ordenaram a paralisação do movimento rodoviário no Tunel da Ribeira, o qual, na sua saída do lado Norte, está, precisamente, sob uma grande parte da escarpa, onde outrora existiram casas.

A decisão foi tomada em consequência de, na véspera, terem caído umas pedras, talvez provenientes das antigas fossas ou restos de fundações.

De um dia para o outro, as entidades responsáveis procederam a sondagens na rocha e a obras de prevenção, e o transito já foi restabelecido.

Espectáculos de amanhã

TEATRO DE BOLSO — Ás 21 e 45: «O vagabundo das mãos de oiro», pelo T. E. P. (17 anos).
SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 45: «Elas no Apolo» (12 anos).
S. JOÃO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Feliz aniversário» (17 anos).
TRINDADE — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «No país da alegria» (12 anos).
OLIMPIA — A's 15 e 30 e ás 21 e 30: «O homem que luta só» e «Cantinflas no Grande Hotel» (17 anos).
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e ás 21 e 30: «Os assassinos do bairro» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — A s 15 e 15 e ás 21 e 15: «Os rapinas» e «Arma de um bravo» (17 anos).
VALE FORMOSO — Ás 21 e 30: «Dragões do deserto» (12 anos).
ASILO DO TERÇO — A's 21 e 30: «Com jeito vai, mestre!» (17 anos).
CASINO DA PÓVOA — Variedades (21 anos).
CASINO DE ESPINHO — Variedades (21 anos).

A gerência do BARRETE PRETO,

EM TORRES VEDRAS

informa todos os seus Clientes e Amigos, que inaugura as suas novas instalações, AMANHÃ, DIA 10, á noite, com o melhor serviço regional de MESA, do OESTE.

TEL. T. VEDRAS, 63

CONVITE

A TODOS OS ELEMENTOS GOESES E AOS AGENTES DE VIAGENS

A «Companhia Nacional de Condominios» tem o prazer de convidar os Goeses que se encontram no continente, assim como todos os Agentes de Viagens com actividade no nosso país, a visitarem a exposição dos elementos gráficos respeitantes á fundação da Cidade «Nova Goa Portuguesa», no Brasil, patente nos respectivos escritórios de Lisboa, Porto e Coimbra.

Com os seus agradecimentos antecipados

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Lisboa, 9 de Agosto 1962.

LISBOA — Avenida da Liberdade, 3.
PORTO — Praça da Liberdade, 12.
COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 15.

MONUMENTAL

12 ANOS
O único teatro do País com
«Ar refrigerado»
V A S C O M O R G A D O
Apresenta
HOJE,
ás 21.45 h.
«UMA PEÇA DO POVO PARA O POVO»
Grande criação de
LAURA ALVES

MEU AMOR É TRAIÇOEIRO

Original de
Vasco de Mendonça Alves
com **ARTUR SEMEDO**

3.º MÊS DE LOTAÇÕES ESGOTADAS
Um êxito sem precedentes!

PREÇOS: Plateia desde 20$00, 2.ª BALCÃO desde 12$50, BALCÃO PARA O POVO 1$00 e 2$50

Sábado e Domingo
á tarde, ás 16 h.
A FERIDA LUMINOSA
(17 anos)

Whisky - 9$00
2/1 Whisky com aperitivo, 9$00
Snack - Bar Sivuca
Av. Almirante Reis, 225-A
Tel. 728332

FOLCLORE
na mata do I. N. E. F.

Na mata do Instituto Nacional de Educação Física efectua-se hoje, á noite, um animado arraial folclórico com a colaboração de vários grupos.

A simpática e movimentada festa é oferecida a todos os alunos, nacionais e estrangeiros, que fazem parte do curso internacional de ginástica a decorrer com geral agrado e grande afluência, naquela instituição, e se prolonga até ao dia 15 do corrente.

VIDA ARTÍSTICA
A exposição de Félix Rodrigues na Figueira da Foz

Continua aberta, devido ao interesse e afluência do publico, a exposição que Félix Rodrigues mantém na Galeria do Grande Casino Peninsular e constituida por cerca de 50 quadros com motivos rusticos, paisagísticos e marítimos. A exposição fecha no dia 15 do corrente.

CURSO
de oficial miliciano pára-quedista

No Centro de Recrutamento n.º 1 da Força Aérea, á Rua Andrade Corvo, 25, A-r/c., está aberta até ao próximo dia 30 a inscrição para o curso de oficial miliciano pára-quedista.

São condições de admissão: ter o 7.º ano dos liceus ou equivalência; mais de 18 anos e menos de 21 no acto do alistamento; altura mínima de 1,62 metros e aptidão física comprovada pela Junta de Admissão da Aeronáutica; ser solteiro (com autorização dos pais ou tutores) ou viuvo sem filhos; ter bom comportamento e estar em pleno uso dos seus direitos constitucionais e provar respeitar os princípios fundamentais da ordem política e social estabelecida na Constituição.

NÃO É UM FILME NEGRO!
NÃO É UM FILME VIOLENTO!
NÃO É UM FILME ESTRANHO!

Um exclusivo ASTÓRIA FILMES

mas é, sem duvida, um dos filmes mais encantadores e maravilhosos que têm vindo ás nossas salas

QUANDO FALA O CORAÇÃO

PETER BROCK e PEGG McCOY
nas suas mais emotivas criações
Uma festa de ternura

Amanhã, em estreia
NO EDEN
— PARA TODOS —
Technicolor

AMANHÃ, ás 21.45 — ESTREIA

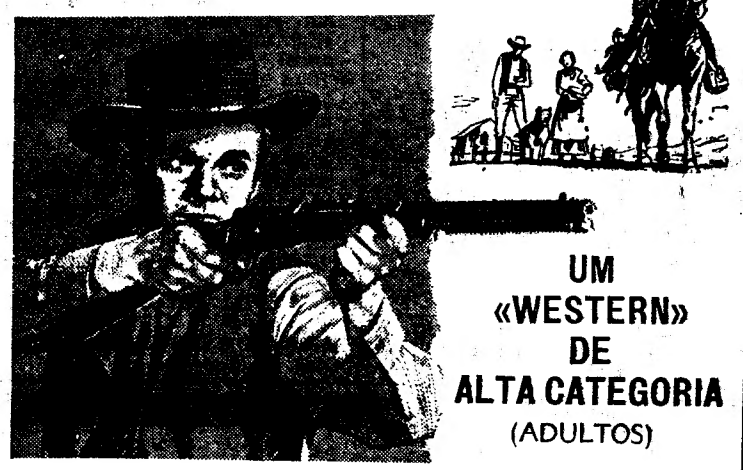
ROMA

O ÓDIO, A VINGANÇA E A MORTE PAIRAVAM NA CIDADE DESDE A CHEGADA DAQUELE MISTERIOSO PISTOLEIRO! UM FILME DE INTENSA EXPECTATIVA!

BALA SEM DESTINO

AUDIE MURPHY
JOAN EVANS
CHARLES DRAKE

CINEMASCOPE Eastman COLOR



UM «WESTERN» DE ALTA CATEGORIA
(ADULTOS)

VIRGINIA GREY · WARREN STEVENS · R. G. ARMSTRONG

DOPERFILME

Real. JACK ARNOLD — Argt.º GENE L. COON — Prod. HOWARD CHRISTIE e JACK ARNOLD — UNIVERSAL-INTERNATIONAL

UM FILME DE SEMPRE! HOJE, ÀS 21,45 (ADULTOS)
UMA COMÉDIA ATREVIDA QUE É UM COLOSSO DE GARGALHADA!

AVIS
SOPHIA LOREN
E
VITTORIO DE SICA

NA RETUMBANTE HISTÓRIA DE UM CONQUISTADOR MADURO, PERDIDO DE AMORES POR UMA MOLEIRA BELA E APETITOSA!...

A BELA MOLEIRA

CINEMASCOPE
EASTMANCOLOR
com
MARCELLO MASTROIANNI
e PAOLO STOPPA

Excl. TALMA FILMES

COLISEU

Empresa Ricardo Covões, Herdeiros
Tel. 31997
Só hoje, ás 21.30 (M. de 12)
O SUPERPROGRAMA
COM OS GRANDES FILMES
T I M B U K T U
e
O EXPRESSO DA MORTE
AMANHÃ
SALOMÃO E A RAINHA DO SABÁ

ALCOCHETE

DOMINGO, 12
UM CARTAZ DIGNO DAS GRANDES FESTAS DO BARRETE VERDE

8 BONITOS E GORDOS TOIROS DE CABRAL ASCENSÃO
PARA OS CAVALEIROS

RIBEIRO TELLES
e MESTRE BATISTA
E OS GLORIOSOS MATADORES
DIAMANTINO VIZEU
e MANUEL DOS SANTOS

FORCADOS AMADORES, capitaneados por GASPAR PENÈTRA
Largada de toiros nos dias 12 e 13, ás 10 horas da manhã
Venda de Bilhetes em Lisboa, na Agência ABEP, Praça dos Restauradores
Telefone 32.88.23

Transportes assegurados por meio de carreiras especiais de vapores

---

NUNCA UM ESPECTÁCULO FOI TÃO DESEJADO E QUERIDO PELO PUBLICO COMO

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
O GRANDIOSO CARTAZ LUMINOSO DA CIDADE

Stands de exposições, divertimentos, atracções infantis, restaurantes, petiscos, sorteios, etc.

ABERTURA ÀS 19 HORAS

AMANHÃ, NOITE DOS MILIONÁRIOS
MILHARES DE PRÉMIOS — UM NUNCA ACABAR DE SURPRESAS!

FESTAS DE VERÃO
NA CORUNHA

Nos dias 1 a 31 de Agosto de 1962

Por motivo destas festas, a C. P. tem á venda, nalgumas estações, (entre as quais Lisboa-Santa Apolónia, Coimbra, Porto, Braga, Viana do Castelo), bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Corunha.

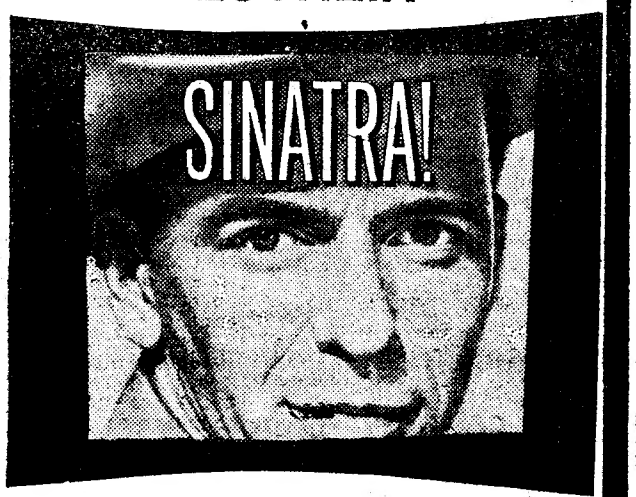
Período de venda — 27 de Julho a 31 de Agosto.

Validade para regresso — 1 de Agosto a 5 de Setembro.

SÃO JORGE

M/ 12 anos

HOJE ÀS 21.30
ESTREIA



NUNCA O CINEMA
NOS REVELARA UM
HOMEM COMO ESTE...

MEDROSO
COBARDE
REPELENTE!

A SERPENTE DO OESTE

(JOHNNY CONCHO)

UMA GRANDE REVELAÇÃO
NUM FILME EXTRAORDINÁRIO!

FRANK
SINATRA

É
KEENAN WYNN · WILLIAM CONRAD · PHYLLIS KIRK
ARGUMENTO DE
DAVID P. HARMON E DON McGUIRE
BAS. NA HISTÓRIA DE DAVID P. HARMON
REALIZAÇÃO DE DON McGUIRE
PRODUÇÃO DE
FRANK SINATRA
MÚSICA DE NELSON RIDDLE · A KENT PRODUCTION
REALIZADO PELA UNITED ARTISTS

RANK FILMES

NO PROGRAMA: «O CÉU EM FESTA» (O FESTIVAL AÉREO DE FARNBOROUGH)
PREMIADO EM ROMA NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE ENERGIA NUCLEAR

EDDIE CONSTANTINE
num grande filme de acção violenta e ininterrupta...
...com 2 beldades
BERNADETTE LAFONT e RITA CADILLAC

AVENTURA em MARSELHA
(ME FAIRE ÇA A MOI!)
UM EXC. FILMES CASTELLO LOPES
ADULTOS (12 anos)

AMANHÃ, GRANDE ESTREIA no CONDES

Cartaz dos Cinemas

ESTREIA DE HOJE — A Serpente do Oeste — SÃO JORGE

SÃO LUIZ — Telefone 327172
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 12 anos)
Uma comédia de gargalhada
DIPLOMATA EM APUROS
com **Peter Sellers**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 — PLATEIA 54153
A's 21.30
ESTREIA
(M. 12 anos)
O grande êxito
A SERPENTE DO OESTE
com **Frank Sinatra**, uma revelação neste filme
A's 18.15 — Ultima (M. 12 anos) — **SALOMÃO E A RAINHA DO SABÁ.**

POLITEAMA — Telef. 326305
A's 21.30 (M. 12 anos)
EM REPOSIÇÃO
Ingrid Bergman
no famoso ÊXITO MUNDIAL
ANASTÁSIA
com **Yul Brinner** e **Helen Hayes**
A história de um mistério indesvendável.
BILHETES À VENDA PARA TODA A SEMANA
Hoje, ás 18 h.: O espantoso filme «ROCCO E SEUS IRMÃOS» (M. 17).

ALVALADE — Tel. 763080
A's 15.45 (p. red.) e 21.45 (M. 12 anos)
DIPLOMATA EM APUROS
Uma comédia de constante gargalhada com **Peter Sellers**

CINEMA IDEAL — Telefone 324194
A's 21 horas (M. 17 anos)
A MORTE DE BELLE
LILLI E OS LADRÕES

RESTELO — Telefone 610375
A's 21.15 (M. 12 anos)
Marujos de água doce
com **Glenn Ford** e **Gia Scalla**

TIVOLI — Telefone 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Uma extraordinária criação da famosa actriz **Simone Signoret** em
A RODA DA SORTE
(«LES MAUVAIS COUPS», de **Roger Vaillaud**)

MONUMENTAL — Tel. 555131
A's 15.15 e 21.30 (M. 12 anos)
Um espectáculo de encanto e maravilha
A VIDA AVENTUROSA DO CONDE DE LUXEMBURGO
Cor, ritmo e... mulheres bonitas
c/ **Gerhard Riedman** e **Germaine Damar**

GONDES — Telefone 322523
A's 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30 (M. 17 anos)
Um sucesso de gargalhadas
PINTOR EM APUROS
com **Fernandel** — **Dora Doll** — **Robert Risso**

ROMA — Platéia 727778 — Balcão 729192
A's 15.30 e 21.45 (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Uma aventura excitante de um misterioso agente num filme de alta espionagem!
R.P.Z.... CHAMA BERLIM...
com **Dawn Addams** — **Peter Van Eyck** — **Franco Fabrizi** e **Gino Cervi**

AVIS — Telefone 47163
A's 21.45
Um filme de sempre
A BELA MOLEIRA
Uma comédia atrevida que é um colosso de gargalhada!
com **Sophia Loren** e **Vittorio de Sica**

CASINO ESTORIL
A's 17 (M. 12 anos) e 21.30 (M. 17 anos)
O DIABO ÀS 4 HORAS
com Spencer Tracy e Frank Sinatra

IMPÉRIO — Tel. 555134
A's 15.15 e 21.30 (Adultos)
Grande êxito do excepcional filme com **Ernest Borgnine** e **Lino Ventura**
O REI DOS LADRÕES
O «cartaz-surpresa» da presente semana!

EDEN — Telefone 320768
Hoje, ás 18.30 e 21.45 (M. 12 anos)
ULTIMOS ESPECTÁCULOS
DOIS VIVOS E UM MORTO
Amanhã — Estreia (M. 17 anos) — **QUANDO FALA O CORAÇÃO.**

ODEON — Telefone 326283
15.15, 18.15 e 21.30
GRANDE ÊXITO DE ENCHENTES!
Grandiosa evocação de um amor histórico
VIOLETAS IMPERIAIS
com **Carmen Sevilha** e **Luiz Mariano**
UM FILME DE CONSTANTE FASCINAÇÃO
BILHETES À VENDA PARA TODA A SEMANA
GEVACOLOR (M. 12 anos)

ESPLANADA PORTUGÁLIA — Tel. 862155
A's 21.30 (M. 12 anos)
A RAINHA DO TABARIM
TEXAS

ROYAL — Telefone 865037
A's 21 horas (M. 17 anos)
MULHER TRÊS VEZES
JURAMENTO QUEBRADO

TERRASSE — Telefone 320917
A's 21 horas (M. 17 anos)
FOICE EM SEARA VERDE
A CIDADE CONTRA MIM

CLIZ — Telefone 48560
A's 21 horas (M. 12 anos)
OS OLHOS POSTOS EM TI
A VERDADE EM 1.ª MÃO

A extraordinária
INGRID BERGMAN
NUMA MULHER MISTERIOSA

O ídolo de "O Rei e Eu"
YUL BRYNNER
QUE SE APAIXONA PELA MULHER QUE CRIOU

A incomparável
HELEN HAYES
NA IMPERATRIZ DE TODAS AS RÚSSIAS

A HISTÓRIA DUMA PRINCESA QUE SE FEZ PASSAR POR IMPOSTORA!
UMA OBRA-PRIMA DUMA ATMOSFERA DE GRANDEZA INESQUECÍVEL COM UM ELENCO Surpreendente!

ANASTASIA
UM FILME CINEMASCOPE COR DE LUXE
COM YUL BRYNNER · MARTITA HUNT · FELIX AYLMER
PRODUTOR BUDDY ADLER · REALIZADOR ANATOLE LITVAK · ARGUMENTO ARTHUR LAURENTS
COM ESTEREOFÓNICO DE ALTA FIDELIDADE COM 4 BANDAS MAGNÉTICAS
(M. 12 ANOS)
HOJE às 21,30 no POLITEAMA

UMA PEGA 6$50
Doçaria caseira — Café de balão
Um Ribatejo 10$00 — Um Ribatejo Super 15$00
só no BAR DO RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D

A Campanha de Segurança Rodoviária

UMA CENTRAL de «contrôle» de velocidades na auto-estrada Lisboa-Vila Franca

No ambito das providências em curso com o objectivo de reduzir ao máximo os trágicos desastres de viação, a vigilante P. V. T. vai estabelecer uma central controladora de velocidades na auto-estrada para o Norte. Ali, por imposição das obras em curso, é estabelecido o limite de velocidade de 30 km á hora, que, aliás, não tem sido sempre respeitado, daí resultando estragos no trabalho feito, além da ameaça constante de graves acidentes.

Devem, pois, os condutores evitar as transgressões a tal disposição e as cominatórias penalidades.

Na referida auto-estrada pontos há em que a velocidade regulamentada oscila entre 30, 60 e 80 km, máximo imposto na ponte de Vila Franca de Xira, até o desvio, a partir do qual e até á saída não pode ir além de 60 km.

Ontem, foram autoados, naquela rodovia um automobilista e quatro na Avenida Marginal. Brigadas da P. V. T. continuam a percorrer essas movimentadas vias de transito.

(Continuação da 1.ª página)

que implique uma unanime e justa distribuição de responsabilidades. A grande maioria dos acidentes ocorridos este ano ficou a dever-se á inconsciência e imprudência dos condutores e peões. Muitos tiveram ainda por causa o mau estado de utilização do veículo, quer devido ao mau funcionamento dos seus elementos de segurança, quer no que respeita ao exagerado uso de alguns dos órgãos (travões em péssimo estado, pneus gastos, direcção desafinada, etc.).

E ninguém desconhece as causas desses desastres. Os próprios jornais as identificaram, diáriamente: uma mudança inesperada e brusca de direcção, uma travagem imprevista, uma ultrapassagem extemporanea, uma curva feita fora de mão, um sinal de prioridade que não se respeitou... Para a segunda hipótese, temos: a direcção que se partiu, os travões que não obedeceram, uma roda que se desapertou, uma derrapagem que não foi possível controlar... Estas deficiências podem eliminar-se com uma maior familiarização entre o automobilista e o seu automóvel. Haverá que ter sempre presente que o veículo precisa de assistência e ser bem conhecido da pessoa que o conduz.

Por sua vez, o peão deve também lembrar-se, em todos os momentos, que essa máquina é falível e nem sempre pára quando se deseja e que o seu condutor pode ser um imprudente. Terá, assim, ele de o ser, pois o risco do acidente aumenta quando nem um nem outro obedecem ás elementares regras da prudência.

Medite-se um pouco sobre o assunto e pense-se nessa enorme massa de gente que morre e fica ferida nas nossas rodovias.

É para isso que estamos a lutar, ao desenvolvermos mais uma util campanha de segurança rodoviária. Felizmente, que tanto o publico como os organismos ligados aos problemas do transito se integraram perfeitamente no espírito que nos orienta, tendo apenas em vista um fim altruista e humano. O movimento de solidariedade á volta da iniciativa do «Diário de Lisboa» revela a nítida compreensão do problema, que agitamos com o intuito de um alertamento geral em todo o País. Realizações integradas nesta campanha vão efectuar-se em todos os pontos de Portugal, procurando despertar um interesse mais directo e objectivo por uma obra que é de todos e a todos diz respeito.

ACIDENTES segundo as profissões

Por uma estatística da O. N. U., tendo por base 1000 acidentes mortais, verifica-se que a sua distribuição por profissões é a seguinte:

Profissões liberais (médicos, advogados, etc.)	**70**
Profissões rurais (agricultores, rendeiros, comerciantes de géneros agrícolas, etc.)	**115**
Agentes comerciais	**37**
Empregados e operários	**329**
Funcionários	**85**
Industriais	**21**
Comerciantes	**100**
Engenheiros, técnicos	**21**
Militares	**31**
Turistas	**6**
Motoristas profissionais	**28**
Sem profissão	**102**
Artistas (mecanicos, electricistas, etc.)	**32**
Profissões mal definidas	**23**

Sugestão para um código de estrada europeu

Realizou-se em Munich, no passado mês de Maio, o 8.º Congresso Internacional da I. R. U. (União Internacional de Transportes Rodoviários), organismo europeu em que está filiado o Grémio dos Industriais de Transportes em Automóvel.

Entre as várias resoluções aprovadas destaca-se a 9.ª, relativa á segurança rodoviária:

A I. R. U. — Lembra que uma das suas preocupações principais é a de colaborar com os outros meios interessados com o fim de contribuir para a melhoria da segurança rodoviária; e emite o voto de que se empreenda sem demoras a elaboração dum código de estrada europeu, começando por fixar as regras que são já comuns á maior parte dos códigos nacionais da estrada;

— que a melhoria da rede rodoviária cuja adaptação se impõe ás exigências da circulação moderna seja considerada pelas autoridades dos diversos países interessados como uma tarefa de extrema urgência;

— que seja realizada com um fim de segurança a harmonia das principais características respeitantes a equipamento e «aménagement» dos veículos que efectuam transportes rodoviários internacionais».

EXCESSO DE VELOCIDADE: dois feridos e um carro muito danificado

Devido a excesso de velocidade, esta madrugada, na auto-estrada, um automóvel conduzido pelo sr. Agostinho Branco Canas, de 19 anos, servente, domiciliado em Alvide, Cascais, foi colidir, violentamente, com a placa de sinalização ali existente, e que proibe marchas superiores a 60 quilómetros horários.

O veículo vinha na descida que antecede o Viaduto «Duarte Pacheco», em direcção a Lisboa, e, além do motorista, transportava uma prima deste, a sr.ª D. Maria Fernanda Ferreira Prado, de 21 anos, moradora na Rua das Amoreiras, 206, 2.º, dt.º. Regressavam de um passeio até ao Guincho.

O carro ficou muito danificado e os seus dois ocupantes receberam tratamento no Hospital de S. José, seguindo, depois, para os seus domicílios. O veículo pertence ao industrial sr. Octacílio Albuquerque Amaral, de Coimbra, que o emprestara ao sr. Agostinho Branco, para a digressão referida.

DOIS FERIDOS num choque de táxis em Lisboa

No cruzamento da Rua dos Correeiros com a Rua de São Nicolau, chocaram, esta madrugada, dois táxis, um dos quais se voltou, ficando feridos dois dos seus passageiros: Vítor Manuel Amaral Rodrigues, de 18 anos, serralheiro, residente no Beco dos Paus, 13, rés-do-chão; e Carlos Silva Sequeira, de 20, pintor de automóveis, domiciliado na Avenida do Cristo-Rei, 23, 1.º, em Almada. Receberam tratamento no Hospital de S. José, a contusões na cabeça, e foram, depois, para casa. Os motoristas de ambos os veículos nada sofreram.

Causas de acidentes por mau estado dos veículos

Travões, pneus e direcção	**6 %**
Iluminação insuficiente, ou mal regulada	**4 %**
Veículo com carga excessiva	**2 %**
Diversos	**3 %**

Movimento de apoio e solidariedade através de telegramas

É já grande o movimento de solidariedade para com a nossa iniciativa e de alertamento nacional, demonstrado através de telefonemas, cartas e telegramas que estão a chegar, todos os dias, ao «Diário de Lisboa». Com o aplauso, alguns desses leitores e amigos fazem sugestões numa prova evidente de interesse e compreensão. Transcrevemos hoje parte desses telegramas e que melhor traduzem o entusiasmo gerado á volta da III Campanha de Segurança Rodoviária:

«Felicitando V. Ex.as pela benemérita iniciativa de promover novamente em todo o País a campanha de segurança rodoviária, vimos confirmar toda a colaboração dentro dos meios de acção de que dispomos. Afectuosos cumprimentos — SHELL PORTUGUESA».

Também a Mobil Oil Portuguesa e a Companhia de Petróleos BP nos telefonaram naquele sentido. Entretanto dois nossos velhos leitores telegrafaram-nos dizendo:

«Felicito-os pela reedição da vossa campanha de segurança rodoviária em que pretendem conjurar o perigo á solta nas ruas e estradas de Portugal — JOÃO FERREIRA».

«Muito bem, «Diário de Lisboa». É preciso acabar com o sangue nas estradas de Portugal, razão por que apoio a vossa nova campanha de segurança rodoviária — J. NOBRE FARINHA PIRES».

Lições práticas e sugestivas de educação rodoviária estão a ser efectuadas pelo respectivo departamento da Polícia em todos os bairros da cidade de Nova York. Na primeira foto, vê-se o decorrer de uma delas, em que se pretende demonstrar que uma criança, que corre para o meio da rua em busca de uma bola que lhe fugiu, é um elemento inocente e inconsciente, capaz de transformar um condutor de veículos em assassino. A segunda exemplifica, por meio de um boneco, as circunstancias que ocorrem durante um acidente desse género e em que, quase sempre, a criança é apanhada, por impossibilidade de umá travagem instantanea, em vias de grande transito rodoviário. As consequências de uma imprevidência desse tipo traduzem-se sempre com o ferimento ou morte da criança, ou, então, choques sucessivos de veículos e derrapagens que vão vitimar terceiros

A defesa intransigente da última placa...

Uma a uma, foram todas ocupadas. A solene e mastodôntica do Terreiro do Paço, as poeirentas das avenidas da Republica e António Augusto de Aguiar, as mais tratadas — Duque de Loulé, Duque de Avila, Miguel Bombarda, ruas de Artilharia Um, de Joaquim António de Aguiar, etc. —, cada uma defendida como praça forte, mas atacada pela imperiosa necessidade que os automobilistas têm de estacionar algures os seus carros.

Nesta luta diária, constante, persistente, entre a defesa de disposições sediças e a comodidade dos munícipes, uma a uma têm sido ocupadas as placas que felizmente alguém se lembrou de projectar para aumentar os pedacinhos de terra não cobertos pelo casario.

Antes, porém, quantas questões, quantas multas, quantos atritos entre os automobilistas e os agentes da Polícia! Assim aconteceu com os famigerados passos dados fora dos passeios e que custavam vinte e cinco tostões; com o estacionamento a menos de cinco metros das curvas, que custava muito mais do que isso; assim aconteceu com aquelas duas rodinhas que faziamos subir a placa central da Avenida da Liberdade e que custavam também um dinheirão!

Esse estilo nacional de defender desesperadamente o que não interessa a ninguém, contra o bom senso e a força enorme das realidades, da vida que caminha, da utilização inteligente da terra que Deus nos deu, essa arte de tornar desagradável o que poderia ser calmo e feliz, é perfeitamente exemplificado pelo que poderiamos chamar «operação Alameda».

De há alguns meses a esta parte, centenas de automobilistas que habitam os prédios da Alameda D. Afonso Henriques, ou têm ali as suas ocupações (Caixa de Previdência dos Empregados do Comércio, clínicas, repartições publicas, «stands» de automóveis) ou os frequentadores do Cinema Império, dos cafés e das pastelarias da área, não conseguindo arrumar os seus carros, passaram a fazê-lo nas largas placas centrais da Alameda, talvez as que mais fácilmente podem ter tal utilização de todas quantas existem por essa Lisboa fora.

Assim tem sido quase sempre. Quase. Porque, de vez em quando, produz-se a tal «operação Alameda!».

Contráriamente ao que sucede nos outros dias, em que alguns agentes da Polícia de Viação facilitam a arrumação dos carros — acautelando as suas entradas e saídas, um tanto precárias enquanto não forem convenientemente preparados os locais em que devam fazer-se—nesses dias negativos surge a arrelia, a discussão, o azedume entre os automobilistas e a autoridade representada por um ou outro agente que entendem que pode haver compreensão e licença em todas as placas da cidade, menos naquela, onde não querem deixar de exercer a autoridade de que estão investidos. Interrogado, um deles respondeu que era por causa da «estatística» da Alameda.

É claro que, mal voltam costas, os carros surgem de todos os lados; e, nos dias seguintes, a vida tende a retomar aquele ar de que se revestem as cidades onde as pessoas se compreendem e ajudam.

Que falta para que assim seja sempre?

Que os serviços da C... ara se resolvam a facilitar a vida dos munícipes com brevidade, amar... i, sem delongas, para que o comando daqueles guardas mais exigentes lhes possa dizer que utilizem com mais interesse o seu tempo de serviço.

Tem sido difícil esta campanha de mostrar como está errada a noção do serviço publico. Servir o publico, com a necessária medida dos direitos que ele possui, onde se incluem o de viver em paz, com boa disposição, usufruindo o que é o património de todos, com um mínimo de normas e exigências, para que sejam mínimos os atritos e saiba bem viver na cidade; servir o publico é, principalmente, proporcionar-lhe uma existência tão boa quanto for possível.

Todos nós temos sofrido os males de uma regulamentação obsoleta do transito, com largo emprego de equipamentos eléctricos comandados manualmente. Todos nós temos sofrido, alguns repetidas vezes, roubos de carros ou de seus pertences em plena via publica, ou a intoxicação dos gases de escape que ninguém controla. Todos nós temos sofrido as consequências dos critérios mais díspares sobre arrumação e circulação. Temos sofrido tudo isso sem pedir contas nem multar os que prestam deficientes serviços.

Tempo é que se compreenda que vivemos na cidade e cidade é convívio, entendimento, benefício das qualidades que o homem sociável tão belamente revela.

Não inventemos motivos para complicar a vida desta efémera sociedade humana que é a nossa. Andemos um pouco mais depressa, actualizando as regras da convivência e deitando abaixo, de vez, esse anacrónico vício de tudo subordinar ás mais discutíveis das determinações que pequeninos cérebros pretendem impor para gozo da sua vaidade e afirmação da sua autoridade.

A cidade passará então a oferecer o aspecto do lugar onde apetece viver e não aquele de onde se deseja fugir para não ter tantas maçadas, tantos atropelos, tantas questiunculas.

JOSÉ GIL

Vai para férias?

Não se esqueça do seu amigo e fiel companheiro de todas as tardes, o

Diario de Lisboa

assegurando o seu envio diário para as praias, termas ou campo, pelo regime especial de

Assinaturas de Verão

que podem ser pedidas desde já, nos nossos escritórios, Rua da Rosa, 57, 2.º

10 dias	10$00
20 dias	20$00
30 dias	30$00

Em BISSAU o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio da firma Handlings, Ld.ª

Em três linhas

Foi transformado em posto o subposto da G. N. R. da freguesia de Vila Cova da Lixa, concelho de Felgueiras.

///

Tornou-se extensivo ás povoações de Encarnação, Barril, Azenhas, Casais da Areia e Picanceira o Regulamento do Serviço de Água das Vilas de Mafra e Ericeira.

///

Estão abertos concursos documentais para provimento de vagas de chefe de sector médico da Missão de Combate ás Tripanossomiases de Moçambique e de médico oftalmologista do quadro complementar de cirurgiões e especialistas da mesma província.

///

Foi homologada pelo ministro das Corporações a fusão da Esperança e Harmonia (associação de socorros mutuos) com a Associação Comercial de Socorros Mutuos no Porto.

///

De harmonia com um despacho do ministro da Saude e Assistência, foi extinta a Associação Beneficente do Caramulo, concelho de Tondela.

///

A ilha de Mau, as ilhas Fidji, Gibraltar e Sarawak comunicaram a entrada em vigor da Convenção Universal de Direitos de Autor, de 6 de Setembro de 1952.

///

O Governo da Irlanda depositou, sob reservas em declarações, os instrumentos de adesão do seu país á Convenção relativa ao tráfego rodoviário, celebrada em Genebra.

///

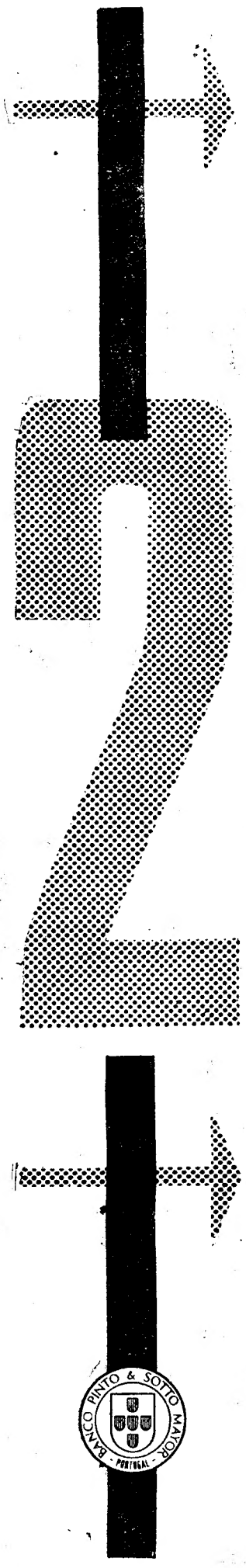
Foi mandado emitir e pôr em execução na província ultramarina de Angola, selos de franquia postal, da taxa de 2$50, comemorativos do cinquentenário da fundação da cidade de Nova Lisboa.

///

O Governo concedeu uma comparticipação de 728 contos para a construção do mercado municipal de Beja, obra que custará 5100 contos.

///

Foi prorrogado por seis meses o prazo estabelecido no n.º 2.º da Portaria n.º 18 865 (venda a granel de determinadas variedades de massas alimentícias).



CRÉDITO PESSOAL

Quantas vezes, a impossibilidade de obter prontamente um empréstimo por falta de fiador ou de bens materiais que sirvam de garantia, prejudica gravemente os seus planos imediatos. O **SERVIÇO DE CRÉDITO PESSOAL** do **BANCO PINTO & SOTTO MAYOR**, em colaboração com a **COMPANHIA DE SEGUROS CONFIANÇA**, oferece-lhe a solução fácil e pronta do seu problema. Para obter um empréstimo, bastará que faça parte dos quadros duma empresa que: 1) Tenha mais de 20 empregados; 2) e que os seus vencimentos sejam pagos através do **BANCO PINTO & SOTTO MAYOR**.

SERVIÇOS ESPECIAIS

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL À SUA DISPOSIÇÃO NO

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

SERVIÇO DE FÉRIAS

Vá para férias despreocupado. Deixe a nossa cuidado as suas obrigações rotineiras. O **SERVIÇO DE FÉRIAS** do **BANCO PINTO & SOTTO MAYOR** encarregar-se-á do: Pagamento da renda da sua casa e das suas contas de água, electricidade, gás, telefone, etc. Recebimento de pensões e mensalidades, juros e dividendos de títulos, etc. Guarda segura das suas jóias, pratas e outros valores, nas Casas Fortes. Compra e venda de moedas e notas estrangeiras, cheques de viagem e transferências sobre o País e Estrangeiro. Se já é nosso cliente, bastará escrever-nos.

Linha de CASCAIS

A XIII Exposição Canina Internacional no Parque do Estoril

A XIII Exposição Canina Internacional do Estoril, organizada pela Junta de Turismo da Costa do Sol, com a colaboração da Sociedade Estoril-Sol e do Clube Português de Canicultura, estará patente nos dias 25 e 26 no Parque do Estoril.

Valorizado de ano para ano, o certame atinge o elevado nível e o renome das exposições similares nos mais categorizados centros turísticos do estrangeiro. Algumas das maiores autoridades e dirigentes da canicultura mundial estarão no Estoril, como o sr. dr. António Cabral, actual presidente da Federação Cinológica Internacional; o sr. conde de Catalan, presidente da Federação Francesa; «madame» Nizet de Leemans, delegada de Mónaco e presidente da comissão de estalões da F. C. I.; o sr. dr. Robert Bandel, presidente da Federação Alemã e conselheiro técnico da F. C. I., etc.

A inscrição, pode ser feita, até depois de amanhã, na sede do C. P. C. (Praça de D. João da Camara n.º 4, 3.º, em Lisboa) ou na Junta de Turismo da Costa do Sol.

Festa de beneficência

Na mata da Escola Salesiana de Santo António do Estoril, haverá no próximo dia 12, a tradicional Festa da Mata. Animada por inumeras atracções, o seu produto destina-se aos alunos pobres da referida escola.

Cinemas

ESTORIL — *Casino* — Às 17 e ás 21 e 30: «O diabo ás 4 horas» (12 e 17 anos); *Cine-Esplanada* — Às 21 e 30: «Os comancheros» (17 anos).

CASCAIS — *S. José* — Às 21 e 30: «Conversa de travesseiro» (17 anos); *Académico* — Às 21: «A terra bruta» e «O rato que muge» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — *Nifo* — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (Tel. 212070).

CAXIAS — *Nova* — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — *Trindade Brás* — Rua Costa Pinto, 186 (Tel. 242034).

OEIRAS — *Godinho* — Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).

PAREDE — *Grincho* — Avenida da Republica, 87-A (Tel. 2471204).

ESTORIL — *Lopes* — Rua Hangar, 3 (Tel. 260008); *S. João* — Estrada Nacional, 18 (Tel. 261186).

CASCAIS — *Misericórdia* — Rua do Regimento, 19 (Tel. 280141).

O relatório de 1961 da Associação Industrial Portuense

Constitui amplíssimo documentário económico, com interesse para todos os sectores de actividade do País, o relatório que a Associação Industrial Portuense ultimamente distribuiu e que se reporta ao exercício do ano passado. Divide-se o volume, com cerca de três centenas e meia de páginas de grande formato, em cinco partes. Na primeira são consagrados extensos capítulos á caracterização económica mundial e nacional, iniciando-se as considerações com uma nota política, já que hoje os acontecimentos políticos e económicos apresentam fortes vínculos de interdependência. No que se refere á rubrica «O Ultramar na Economia Portuguesa», justifica-se, em face do amplo passo dado na efectivação da unidade económica de todo o espaço português, uma referência mais diversificada e até mais vasta aos aspectos económicos ultramarinos.

Na segunda parte, apresenta-se uma análise dos inquéritos industriais, adquirindo-se agora uma completa panorâmica de importantes características estruturais da actividade industrial metropolitana, uma vez que se acabaram de publicar os três ultimos inquéritos — Braga, Lisboa e Porto. Como parece desnecessário justificar, o inquérito referente ao distrito do Porto, é mais intensamente comentado.

Na terceira parte, mantém-se a informação sintética dos aspectos da política económica e social do Governo.

A quarta parte, é uma síntese dos relatórios das Classes, traduzindo, subjectivamente, o sentimento do sector industrial representado.

Finalmente, a quinta parte dá um relato muito sintético da acção exercida pela Associação, uma evocação dos seus principais factos associativos, terminando pela apresentação de contas e orçamentos.

Em todo este vasto desenvolvimento informativo e crítico prevalece, no entanto, o critério dominador de que nunca foi tão necessário como hoje ao industrial português o conhecimento dos fundamentais problemas da actividade político-económica mundial em que se insere o complexo político-económico português. Terá, forçosamente, de conhecer esses actuais condicionalismos para poder decidir, não só no seu próprio interesse, mas também no do interesse nacional. E acentua, ainda, o relatório:

«Importa, primordialmente, que o crescimento económico português se processe em elevado ritmo, para o que se exige o aumento do investimento. Se os poderes publicos muito podem fazer quanto a este ultimo objectivo, não restam duvidas que é ao investimento privado que está reservado um importante papel no desenvolvimento da economia portuguesa».

A Associação Industrial Portuense presta mais um serviço relevante á economia nacional com a publicação do seu magistral documentário de exercício, criteriosamente elaborado e ordenado.

BOMBEIROS

Festas a favor dos Voluntários de Ansião

No Grupo de Iniciativa e Melhoramentos do concelho de Ansião há hoje, amanhã, no sábado e no domingo festas, com vários atractivos a favor da benemérita corporação dos Bombeiros Voluntários daquela localidade.

O BANCO ANGLO-PORTUGUÊS DE LONDRES tem novo presidente

O Anglo-Portuguese Bank Limited, de Londres, antiga filial do Banco Nacional Ultramarino, anunciou que o visconde Davidson se retirou da presidência daquele estabelecimento em 31 do corrente, continuando, no entanto, a fazer parte do conselho de administração.

O sr. Felix Neubergh, actual presidente-adjunto e director delegado do Banco, foi designado para suceder a «Lord» Davidson.

O novo presidente do Banco tem 67 anos e é de nacionalidade sueca. Cursou Ciências Económicas na Universidade de Gothenburg e, em 1917, entrou para Skandinaviska Banken Stocolm. Foi para Londres em 1919 e ingressou nesse ano na então filial do Banco Nacional Ultramarino. Em 1930, quando aquela instituição passou a ter a categoria de um banco britanico com a designação de Anglo-Portuguese Colonial and Overseas Bank Limited, o sr. Neubergh foi nomeado vice-gerente e vinte anos mais tarde, gerente. Em 1958 foi eleito presidente-adjunto. Possui o grau de cavaleiro da Ordem Militar de Cristo.

Sob a gerência e direcção do sr. Neubergh, o Anglo-Portuguese Bank é agora um estabelecimento de carácter internacional, e o total indicado no balanço, que em 1950 era apenas de 5,5 milhões de libras, atingia 20,7 milhões no fim do ano passado.

FOI REGULARIZADO EM ÉVORA o comércio de frutas

ÉVORA, 9. — Esteve em Evora o director dos Serviços de Fiscalização da I. G. A., sr. Lopes de Almeida, que, acompanhado pelo sr. inspector, tenente Pires Junior e sr. subinspector, João de Almeida, aqui veio estudar determinados problemas do abastecimento local, nomeadamente o comércio de frutas.

Atendendo as reclamações de que a Imprensa foi eco, ficou determinado que, a partir de hoje, a venda de fruta miuda — peras, peros, ameixas, alperches, pêssegos, etc. — volte a fazer-se pelo processo de pesagem e não á duzia, como ultimamente se verificava.

A Direcção-Geral de Saúde

não dispõe de dados seguros acerca dos acidentes, devidos à Talidomida

– declarou-nos o sr. dr. Augusto Travassos

A celeuma levantada em Portugal, bem como, aliás, noutros países, a propósito dos perigos que o uso da Talidomida oferece á saude publica levou o «Diário de Lisboa» a tratar do momentoso assunto, procurando proporcionar aos seus leitores uma informação tanto quanto possível certa. Tivemos, assim, oportunidade de auscultar a opinião de diversas personalidades que, de algum modo, se ligam ao problema, por forma a observarmos, sob todos os angulos possíveis, as graves incidências de um caso que se transformou em verdadeiro drama, para numerosas famílias. Felizmente, parece confirmar-se que, em Portugal, o aparecimento das terríveis focomelias, atribuíveis ao diabólico medicamento, é diminuto. Nem por isso, no entanto, a questão deixa de merecer uma análise profunda, a fim de se evitarem, no futuro, sobressaltos desta natureza.

Por outro lado, duas coisas podemos ter como certas: não existe, entre nós, um maior numero de malformações congénitas imputáveis á Talidomida, simplesmente, porque a administração abusiva de tranquilizantes não entrou, ainda, pode dizer-se, nos nossos hábitos, devido, talvez, á circunstancia de o ritmo da vida portuguesa ser menos trepidante; os clínicos têm tido, sempre, o louvável cuidado de não prescreverem, salvo em circunstancias especiais, o uso dos modernos sedativos ou hipnóticos, sobre os quais, além dos seus efeitos surpreendentes, pouco se sabe. A conjugação destes dois factos pode explicar, um pouco, a tal escassez de focomelias, em comparação com os outros países, onde aumenta, sem cessar a onda de horrores.

Estas deduções parecem-nos pertinentes, pois, como sabemos, a Talidomida («Softenon») esteve á venda, nas farmácias, durante mais de um ano, e o seu consumo podia ter-se generalizado bastante, se a classe médica adoptasse o referido produto terapêutico (de preço acessível), sem restrições. Também a circunstancia de os serviços oficiais terem apenas autorizado a venda daquela droga sob receita deve ter contribuído para o pouco consumo verificado, ao que se julga saber. Seja como for, o drama da Talidomida assume, em Portugal, proporções menores áquelas que se atribuem no estrangeiro, embora não deixem de ser dignas de toda a atenção os casos verificados e de merecer todo o respeito as pessoas que tiveram a infelicidade de conhecer os tristes efeitos da droga.

Um aviso fora de tempo

No prosseguimento da missão jornalística, propusemo-nos ouvir a entidade oficial mais de perto ligada ao problema: o director-geral de Saude. O nosso propósito foi bem compreendido e, assim, fomos recebidos pelo sr. dr. Augusto da Silva Travassos, a quem apresentámos as nossas duvidas. Gentilmente recebidos, no seu gabinete de trabalho, no Ministério da Saude e Assistência, recebemos respostas concretas ás perguntas que fizemos:

— São já do conhecimento publico alguns casos de malformações congénitas verificadas no País, devido ao emprego de tranquilizantes fabricados á base do produto de síntese vulgarmente conhecido por Talidomida. Qual a posição da Direcção-Geral de Saude perante o problema? — começámos por inquirir.

O sr. dr. Augusto Travassos respondeu-nos com perfeita objectividade:

— Não temos elementos seguros para avaliar, exactamente, a repercussão no nosso País dos acidentes motivados pelo uso de medicamentos tendo como base o produto de síntese denominado «Thalimodide». Com efeito, a Direcção-Geral de Saude não recebeu qualquer notificação ou declaração relativa a acidentes dessa natureza que pudessem constituir matéria de estudo, com base em relatórios recebidos.

E, acentuou:

— Tudo nos leva, no entanto, a crer que felizmente esses desgraçados casos não atingiram entre nós volume que nem de longe se aproxime do que vemos relatado em outros países. Os dois produtos dessa natureza lançados no nosso mercado foram o «Softenon» e o «Sedi-Lab».

Consultados alguns elementos que se encontravam na sua mesa de trabalho, o sr. dr. Augusto Travassos continuou:

— O «Softenon» vendeu-se durante pouco mais de um ano e foi retirado do mercado pela firma, por indicação da própria casa produtora, logo que o problema foi levantado num Congresso de Pediatria, realizado na Alemanha, em Novembro de 1961.

«Teve a Direcção-Geral de Saude de reagir nessa altura — esclareceu — por não ter sido avisada pela firma importadora em tempo devido, e, assim, determinou, em fins de Dezembro, o sequestro do citado medicamento e que fossem avisadas todas as entidades interessadas».

Depois de uma rápida pausa, insistiu:

— Quanto ao «Sedi-Lab» o seu período de venda foi mais curto, não

(Continua na 11.ª página)

Concurso de beleza NA TURQUIA

MARSELHA, 9 — Maria João, «Miss Portugal» figura entre as seis rainhas de beleza europeias que embarcaram aqui, ontem á noite, no paquete turco «Karadeniz», com destino a Istambul, onde vão participar no concurso internacional da beldade mais fotogénica do Mundo, que se efectua a 13 do corrente.

Além de «Miss Portugal», seguiram as representantes da França, Geneviève Mercier, da Bélgica, Diana Kidagol, da Islandia, Gudney Jonnslter, da Itália, Delfi Maurol, e do Luxemburgo, Marguerite Bous. — (A. N. I.).

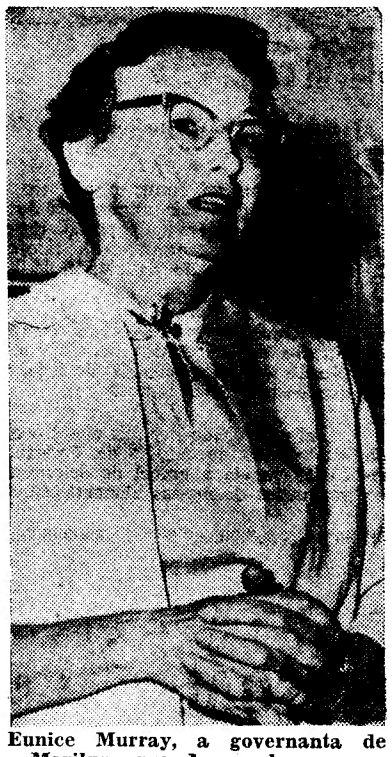
Os concursos de beleza estão a multiplicar-se e os títulos de «Miss» também.

Assim, a ultima «Miss Portugal», que há semanas ainda representou o nosso País em Miami, foi Maria José Trindade. Aparece-nos agora, de Marselha, outra «Miss Portugal», Maria João, que não sabemos quem seja. Mas lá dizem os latinos «quod abundat non nocet» *que é como quem diz: pela abundancia das belezas não vem mal ao Mundo...*

III Curso de Férias Universitário em Angola

LUANDA, 9 — Sob a orientação da Universidade do Porto, vai realizar-se este ano, em Angola, o III Curso de Férias Universitário. O grupo de professores que se desloca a esta província será chefiado pelo reitor, prof. Manuel Correia de Barros, e dele fazem parte os professores da Faculdades de Ciências, Medicina, Engenharia, Farmácia e Economia. Esta iniciativa está a despertar o maior interesse, tudo se conjugando para que este curso ultrapasse o êxito dos dois anteriores. — (L.).

TAKY (DEPILATÓRIO) Francês
Agora o CREME é:
MAIS MACIO
MAIS RÁPIDO
MAIS PERFUMADO
Pelo correio, Esc. 22$00, em selos
COUTO, LDA. – PORTO



Eunice Murray, a governanta de Marilyn, quando revelava que na noite em que se suicidou a actriz recebera um telefonema que a deixara agitada ao ponto de não conseguir dormir

As relações com Portugal comentadas por «sir» Roy

LOURENÇO MARQUES, 9.—«Qualquer perigo comum fornecer-nos-ia os laços de que pudéssemos necessitar para entrarmos na mais estreita colaboração. Não tenho quaisquer duvidas de que esse estado de coisas existe. E é esse o sentimento que deve haver entre bons vizinhos» — declarou o primeiro-ministro da Federação das Rodésias e Niassalandia, «sir» Roy Welensky, em entrevista que concedeu ao diário «Notícias», desta cidade.

O jornalista lembrou a «sir» Roy as preocupações manifestadas por certo sector da Imprensa rodesiana, sobre a segurança da projectada conduta de petróleo da Beira para Umtali contra possíveis perigos. A resposta foi clara e peremptória: «Não tenho» — disse o primeiro-ministro — «qualquer razão para duvidar que o Governo de Portugal pode perfeitamente garantir os interesses de Moçambique e de Angola». — (A. N. I.).

Leia hoje a «nova»
flama
por 2$50
★ Audrey Hepburn: calor em Paris
★ Argélia: tempo de sobressalto
★ Pilar de Bourbon: uma touca branca
★ Verão: o sol dos músicos
★ Óculos: os olhos da cara (inquérito)
★ Volta a Portugal: o grande espectáculo
Leia a «Flama»! Participe no Concurso Rainhas da Rádio e TV! Valiosos prémios, entre os quais uma viagem ao Brasil.

Em SACAVÉM o «Diário de Lisboa» é vendido por intermédio da V.ª de António d'Oliveira Paciência.

Marilyn projectava casar-se em Setembro

O quarto marido da actriz seria o argumentista cinematográfico mexicano José Bolanos, a quem se atribui o último telefonema recebido pela «estrela»

CIDADE DO MÉXICO, 9 — Marilyn Monroe e o argumentista cinematográfico mexicano José Bolanos, com quem era vista com frequência antes da sua morte, tencionavam casar-se no fim de Setembro — revela Jorge Barragan, amigo íntimo de Bolanos, acrescentando que a cerimónia civil estava prevista para Cuernavaca. Seria o quarto casamento da «estrela».

Por seu turno, a mãe do argumentista, Josefina de Bolanos, declara que o filho ficou «profundamente abalado» com a morte da actriz e que tenciona regressar ao México em breve.

BOLANOS E A «VEDETA» CONHECERAM-SE O ANO PASSADO

Bolanos, que a Polícia da Califórnia procura para o ouvir acerca do ultimo telefonema recebido por Marilyn Monroe, está ainda em Los Angeles — segundo afirmam os seus amigos na Cidade do México. Supõe-se que tenha sido Bolanos quem fez esse telefonema. O argumentista, de 35 anos de idade, conhecera a «vedeta» em Março do ano passado, durante uma curta estadia de Marilyn no México. Foram vistos juntos, com muita frequência, nos «cabarets» e nos lugares turísticos da capital e dos arredores. Nos círculos mexicanos da Imprensa e do Cinema chegou mesmo a falar-se de um novo idílio da actriz, mas Bolanos publicou um desmentido em que afirmava tratar-se apenas de amizade.

UM NOVO FILME DE BUÑUEL EM QUE ENTRARIA MARILYN

Depois da partida de Marilyn, o argumentista mexicano foi para Hollywood, onde se encontrou muitas vezes com a «vedeta».

Antigo vendedor de automóveis, Bolanos escreveu o argumento do filme mexicano «La Cucaracha», que o seu país apresentou há três anos no Festival de Cannes. Nos círculos mexicanos do cinema diz-se que prepara actualmente a realização de um filme extraído de uma novela inglesa e cuja principal «vedeta» seria Marilyn. O produtor seria Luís Buñuel. — (A. N. I. e F. P.).

CAÇADORES DE RECORDAÇÕES LANÇARAM-SE, APÓS O FUNERAL, SOBRE O JAZIGO

LOS ANGELES, 9 — Na morte como na vida, Marilyn Monroe foi perseguida pela multidão de curiosos e caçadores de recordações.

Depois de terminado o funeral, a multidão que se concentrara á porta do cemitério e ali fora impedida de entrar pela Polícia, invadiu o recinto e cercou o jazigo onde foi colocada a urna, pisando os canteiros de flores e derrubando uma cruz oferecida pela meia-irmã de Marilyn, Bernice Miracle.

Em contraste com a austeridade do local, os curiosos trajavam á Verão — as mulheres com vestidos de cores berrantes e os homens com fatos claros e camisa de colarinho aberto. Um dos curiosos, vindo certamente da praia próxima, estava em fato de banho.

Não contentes em ver de perto o jazigo, lançaram-se como abutres sobre as coroas de flores, desfazendo-as para obter recordações.

GUARDAS DO CEMITÉRIO TIVERAM DE INTERVIR

Um grande coração de rosas vermelhas enviado por Joe Dimaggio também não foi poupado, sendo particularmente disputadas as fitas de seda com as dedicatórias dos amigos e parentes de Marilyn.

Dois guardas do cemitério tiveram de intervir para evitar que a multidão danificasse o próprio jazigo.

Quando um dos espectadores mais reservados protestou contra o roubo das flores, uma mulher com um punhado delas na mão respondeu furiosa: «É disparate deixá-las ficar porque se estragam de qualquer forma».

A outra mulher, que tinha conseguido apoderar-se de uma fita de uma coroa de flores, um jornalista perguntou o que tencionava fazer com ela. «Vou emoldurá-la» — foi a resposta. — (A. N. I.).

O corpo da bela Marilyn, cujo andar ondulante se tornou famoso, sai da casa em que a «estrela» morreu, imóvel sobre uma maca e envolvido num cobertor

O ministro

Em o mi estud em

Em visita hoje ao con Xira, o sr. blicas. Aco director-ger banização, d nal de Lis Junta Distri No nó d verca agua srs. tenente Baptista, re te e vice-p de Vila Fra coronel Fer tor das Ofic Aeronáutico brega, presi selhia da U individualid Após rápi ravana-auto verca, onde os trabalhos de água e r tecimento á com compa anda por 20 bém ventila va rede de Daí o sr. ra dirigiu-se sita ao bloc do e já hab salojadas p ção da auto teve depois lavadouro, dos. Terminada membro do para a sede edifício da aguardado dades locais cumprimento No gabine ministro das beu do sr. t saudações e la visita, após conhecimento mas da urb concelho, no ção da igrej tel dos bomb romáquico. o sr. eng. A giu-se para bombeiros, q

...ro

... argu-
...o José
...o tele-
...»

...ncipal «ve-
...rodutor se-
... N. I. e F.

...RDAÇÕES ...ÓS O FU-...AZIGO

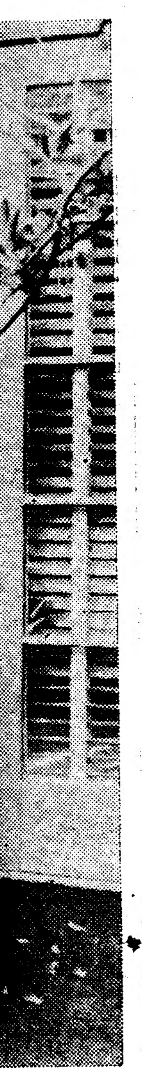
... Na morte ... Monroe foi ...o de curio-...rdações. ...o funeral, a ...rara á por-...a impedida ...vadiu o re-...onde foi co-... os cantei-...bando uma ...eia-irmã de ...e.

...austeridade ...trajavam á ...om vestidos ...os homens ...isa de cola-...riosos, vin-...próxima, es-

...er de perto ...mo abutres ...s, desfazen-...ações.

...TÉRIO TI-...VIR

...e rosas ver-...e Dimaggio ...bado, sendo ...das as fitas



..., sai da casa ...um cobertor

...catórias dos ...Marilyn. ...mitério tive-...evitar que a ... próprio ja-

...espectadores ...estou contra ...uma mulher ...las na mão ...É disparate ... se estragam

... tinha conse-...uma fita de ...m jornalista ...ionava fazer ...rá-la» — foi ...).

O ministro das Obras Publicas e o director-geral de Urbanização examinando projectos de trabalhos em curso

Em Vila Franca de Xira o ministro das Obras Públicas estudou vários melhoramentos em projecto ou em execução

Em visita de estudo, deslocou-se hoje ao concelho de Vila Franca de Xira, o sr. ministro das Obras Publicas. Acompanhavam-no os srs. director-geral dos Serviços de Urbanização, director do Plano Regional de Lisboa e o presidente da Junta Distrital de Lisboa.

No nó da auto-estrada para Alverca aguardavam o ministro os srs. tenente José Nazaré e dr. Vidal Baptista, respectivamente, presidente e vice-presidente do Município de Vila Franca de Xira, vereadores, coronel Fernando de Oliveira, director das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, em Alverca, Dória Nóbrega, presidente da Comissão Conselhia da União Nacional e outras individualidades. Eram 9 horas.

Após rápidos cumprimentos a caravana-automóvel seguiu para Alverca, onde o sr. ministro apreciou os trabalhos em curso do depósito de água e respectiva rede de abastecimento á zona alta cujo custo, com comparticipação do Estado, anda por 2000 contos. Ali foi também ventilada a construção da nova rede de esgotos.

Daí o sr. eng. Arantes e Oliveira dirigiu-se para Alhandra, em visita ao bloco de prédios construído e já habitado pelas famílias desalojadas por motivo da construção da auto-estrada do Norte. Esteve depois no novo balneário e no lavadouro, recentemente construídos.

Terminadas estas visitas aquele membro do Governo, dirigiu-se para a sede do concelho, onde, no edifício da Camara Municipal, era aguardado por outras individualidades locais que lhe apresentaram cumprimentos.

No gabinete do presidente o sr. ministro das Obras Publicas recebeu do sr. tenente José Nazaré, as saudações e os agradecimentos pela visita, após o que lhe deu breves conhecimentos sobre alguns problemas da urbanização da sede do concelho, nomeadamente a construção da igreja paroquial, do quartel dos bombeiros e do museu tauromáquico. Após a rápida sessão, o sr. eng. Arantes e Oliveira, dirigiu-se para o velho quartel dos bombeiros, que há muito se encontra em ruínas e com a cobertura escorada. Foram recebidos pela direcção e pelo comando.

Uma formatura com bandeira, prestou honras ao ministro á qual passou revista.

Foi verificada a necessidade imperiosa de se construir outro edifício dada á precária situação em que aquele se encontra.

O sr. ministro confirmou a comparticipação do Estado já pedida. O actual quartel que vai ser demolido dispõe sómente de rés-do-chão.

(Continua na 11.ª página)

O «Infante Dom Henrique» foi hoje visitado pelo ministro do Ultramar que almoçou a bordo

O sr. prof. Adriano Moreira visitou hoje, a convite do sr. dr. Soares da Fonseca, presidente do conselho de administração da Companhia Colonial de Navegação, o paquete «Infante Dom Henrique», que havia partido para a sua viagem inaugural quando aquele membro do Governo visitava as províncias ultramarinas, em Outubro do ano passado.

O sr. ministro do Ultramar, que se fez acompanhar pelos srs. drs. Costa Freitas e Moreira Rato, respectivamente, subsecretários de Estado da Administração e do Fomento ultramarino, e por alguns altos funcionários do seu Ministério, foi recebido no navio pelo presidente da empresa armadora, pelo comissário do Governo, sr. comandante Soares de Oliveira; pelos administradores srs. Raul Vieira, almirante Filipe Castela, e tenente-coronel Raposo Pessoa; pelo comandante do navio, sr. capitão Paulo Baptista, e outras individualidades. Encontravam-se também presentes os srs. capitão-de-mar-e-guerra Jerónimo Jorge e capitão-de-fragata Tierno Bagulho, respectivamente, presidente e vice-presidente da Junta Nacional da Marinha Mercante.

Visitadas as principais dependências do paquete, que interessaram vivamente os três representantes do Governo, foi-lhes oferecido um almoço, bem como ás restantes entidades, no salão da 1.ª classe.

O «Infante Dom Henrique» parte no próximo sábado, com a lotação esgotada, para Angola e Moçambique.

DOIS INCÊNDIOS ESTA TARDE na serra de Monsanto

ràpidamente dominados

Registaram-se esta tarde, cerca das 13 horas, dois incêndios na serra de Monsanto, em locais relativamente próximos: no sítio das Ruivas, entre o lugar do Calhau e a casa do guarda-florestal, e na zona Nascente do parque de campismo. O primeiro de maiores proporções, consumiu mato e restolho num sector de quase um hectare, e obrigou a uma intervenção numerosa dos elementos do B. S. B. Intervieram cinco viaturas com 20 homens, que montaram duas agulhetas de alta pressão. O fogo foi dominado prontamente, e evitou-se a sua propagação a outros sectores, densamente arborizados.

O incêndio nos terrenos próximos do parque de campismo teve pouca importancia e foi rapidamente extinto. Ás 15 horas, em ambos os locais, já haviam principiado os trabalhos de rescaldo. Julga-se que os sinistros fossem devidos a combustão espontanea, por causa do intenso calor e da extrema secura daqueles terrenos, onde, há dias, já havia deflagrado outro incêndio.

TROPAS DEIXAM MACAU

MACAU, 9 — O dr. António Nolasco da Silva, director dos Serviços de Informação de Macau, revelou ontem que as tropas de Angola e de Moçambique que servem de guarnição de Macau vão regressar a Africa. — (R.).

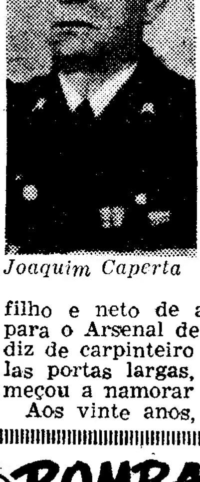
FALECEU SUBITAMENTE António Rosado delegado em Lisboa do «Notícias» de Lourenço Marques

ANTÓNIO ROSADO

Faleceu esta manhã, inesperadamente, o escritor e jornalista António Rosado, que, há anos, desde a sua montagem, chefiava a delegação de Lisboa do jornal «Notícias», de Lourenço Marques. Figura muito conhecida e estimada, António Rosado caracterizava-se por

(Continua na 11.ª página)

Pioneiro da Aviação amador dramático e ensaiador de marchas populares



Joaquim Caperta

Era um homem simples este Joaquim Caperta, que foi companheiro de Gago Coutinho e Sacadura Cabral e se sentia plenamente á vontade entre a gente do povo, de onde provinha. Nascera em Vieira de Leiria, em 31 de Janeiro de 1882. A sua paixão era o mar e as águas largas, onde a vista se lhe engolfava sem limites. Aos doze anos, este filho e neto de artífices, entrava para o Arsenal de Marinha, aprendiz de carpinteiro de machado. Pelas portas largas, o seu olhar começou a namorar o Tejo.

Aos vinte anos, assentava praça na Marinha como artífice carpinteiro e, em concurso, seria promovido, em breve, a segundo-sargento. A grande e deliciosa aventura foi a primeira viagem, a bordo da corveta «Afonso de Albuquerque». Passou a outros navios e conheceu os mares de Africa, por lá se embebendo daqueles horizontes que são a malina de quem um dia os sentiu plenamente. Foi ao Brasil

(Continua na 11.ª página)

A Argélia independente (22)

Vencido na Europa, na Indochina e no Suez, o Exército francês enveredou, na Argélia, pela via da insubordinação declarada e, finalmente, do golpe de Estado. Sem o seu concurso activo, a conspiração seria um fogo-fátuo ali e na metrópole. Os seus chefes, sem prestígio nem passado relevantes, submetiam-se ás directivas dos coronéis politizados da guerra psicológica, para os quais a Argélia era um pretexto e o poder um fim. «Entre 6 de Fevereiro de 1956 (data da visita a Argel do chefe do Governo, Guy Mollet) e 21 de Abril de 1961 (data do ultimo «putsch» malogrado), escreveram Fauvet e Planchais, na «Fronda dos generais», o Exército, ou melhor os que pensavam, falavam e agiam em seu nome, tiveram apenas um objectivo: obrigar o Governo de Paris a fazer a sua política. Quando o poder, com dois regimes sucessivos (IV e V Republicas), fez outra ou se limitou a não fazer nenhuma, urdiram, em cinco anos, seis revoltas para mudar a política, o Governo e o regime».

«A V Republica (a do general de Gaulle), prosseguem aqueles autores, nasceu do 13 de Maio e várias vezes esteve para morrer ás mãos dos que o fizeram. Depois do golpe de Estado triunfante, os militares sentiram-se fortes e desiludidos. Destruiram um regime, cuja política receavam, e substituiram-no por outro cuja política era, aos seus olhos, pior. Averbaram no seu activo um êxito e foram vítimas dele. Os militares consideraram a transformação como um equívoco, e finalmente como uma escroquerie. A desilusão incitou-os a perseverar na acção, clandestina ou declarada, contra de Gaulle, e o regime novo que, no seu foro íntimo, consideravam mais condenável e digno de ser derrubado do que o anterior». Tal foi a impressionante metamorfose que se operou nos coronéis e nos que com eles se associaram por verem em de Gaulle não o inimigo da Argélia Francesa mas o seu inimigo, decidido a pôr termo ao predomínio, ilegal e irresponsável, que exerciam, contra a tradição militar, os interesses dos europeus da Argélia e o interesse nacional.

De Gaulle salvara o Exército em 1945, num golpe de prestidigitação só possível com o seu prestígio, transformando-o em vencedor numa guerra que perdera. Os beneficiários dessa reabilitação não lhe manifestaram qualquer gratidão. Entre de Gaulle e eles nada havia de comum no plano sentimental. Tinham concepções opostas dos deveres que o patriotismo impõe. De Gaulle acusava os militares de incompetência e ignorancia política. «Nunca fizeram senão asneiras, costumava dizer. Depois da questão Dreyfus e de Vichy, querem a Argélia Francesa». Na sua opinião «não viam para além da ponta do nariz» e a sua intromissão na política era intolerável e criminosa na medida em que se opunha ao Estado que ele personificava.

De que o acusavam os militares? De lhes recusar aquilo que ele próprio fizera: desobedecer. Não reparavam que a desobediência de de Gaulle em frente do inimigo, ao lançar o grito da resistência e ao recusar-se a evacuar Estrasburgo, era diferente da deles, contra o Estado. O conflito tornou-se inevitável e o seu desfecho só podia ser a destruição de um dos contendores. Ao renegar o 13 de Maio, invocando a legitimidade de 1940, de Gaulle lançou os fundamentos morais e psicológico da destruição do Exército precedida da sua ultima derrota. Na luta que travaram, os europeus da Argélia eram comparsas votados á traição e ao abandono, pois não havia para eles lugar na arena dos gladiadores.

C. F.

A VENDA NAS DROGARIAS

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

DIÁRIO escolar

Ainda a propósito de exames

Tem o «Diário de Lisboa» no seu «Diário Escolar», apresentado uma série de comentários ás diferentes provas de exame, quer ás do ensino liceal, quer ás do ensino técnico. De um modo geral, pode concluir-se que, enquanto pelo ensino técnico tudo, ou quase tudo, neste capítulo, decorreu satisfatóriamente, no que diz respeito ao liceu as coisas passaram-se de outra maneira.

Não obstante a justeza de certas apreciações, afigura-se-me que não podem fazer-se comparações tão estritas, entre os dois ramos de ensino, como as que foram esboçadas. Os objectivos dos ensinos liceal e técnico são muito diversos; daí, as provas — quer as de Português do 2.º ciclo, quer as de Francês do 2.º ciclo — não poderem comparar-se com provas semelhantes do ensino técnico, muito embora se equivalham as idades dos candidatos e o numero de anos de aprendizagem. Eram, aliás, justissimos os reparos feitos á prova de Português do 2.º ciclo liceal («...poesia mais próxima de um fado...»), ou á dificuldade da prova de Francês do mesmo ciclo. Daqui ninguém poderá inferir que o ensino técnico seja a «escola nova» e o liceal a «escola tradicional», como, por vezes, pelo articulado e comparações expostas poderá parecer. Esta conclusão seria lógicamente viciada, pois excede as premissas. Também as aulas de línguas no liceu são faladas na própria língua: a metodologia é idêntica em qualquer grau de ensino. Demais, sabemos todos que, para além da metodologia aprendida, há a personalidade do professor e cada aula não é mais que aquilo que um mestre for... Não se arrumam, para um lado, um tipo de mestres todos iguais e, para outro lado, outros de tipo inverso. Simplificar é, por vezes, errar, ou, pelo menos, confundir.

Concordo, em absoluto, com a publica apreciação a que se expõem anualmente os professores do ensino secundário. Quando estão em jogo tantos e tão legítimos interesses, uma simples falta de atenção pode provocar prejuizos consideráveis. Toda a cautela e ponderada calma, além do espírito de justiça, deverá presidir á elaboração das provas, que devem ser cuidadas de modo a evitar-se que excedam o previsto no programa. É inadmissível que neste particular possam surgir erros.

Contudo, parece-me que o interesse dos exames continua, mesmo para além do 3.º ciclo; ou não? E os exames de admissão ás Universidades?... Mas, aqui, reina o silêncio... Porque não são publicados os pontos de admissão ás Universidades? Porque se exige aos alunos, na Universidade, que entreguem o enunciado do ponto com a prova escrita, ao contrário do que sucede nos liceus?

Se os pontos de admissão fossem publicados, ver-se-ia, pelo menos nos casos de exames de admissão ás Faculdades de Letras ou de Direito, que os pontos excedem bastante em dificuldade — que não em nível —, o que é exigido no exame do 3.º ciclo. Daí ser grande o numero de reprovações. Em casos mais graves (o que já aconteceu), o ponto de admissão não atende rigorosamente ao programa do liceu. Há uma explicação, dentre várias, para o numero de malogros que me parece ser esta: o ponto do 3.º ciclo dos liceus é normalmente extraído do livro adoptado para o ciclo, ou, pelo menos, do livro mais usual. Daí a consequência lógica: — Aluno que saiba o livro faz o ponto do 3.º ciclo, mas aluno que só saiba o livro poderá não fazer o ponto de admissão... Creio bem que este exame-filtro não é necessário, pois exigir aos alunos o saber mais algumas coisas que logo esquecem (as disciplinas do exame de admissão normalmente de pouco lhes servem para a Universidade), não se me afigura nem importante, nem válido. Interessaria, sobretudo, o nível intelectual e a cultura do candidato. Mas o programa é longo e o numero de alunos em cada turma excessivo: práticamente não há tempo para leituras ou comentários nas aulas e os alunos entregues a si próprios não são capazes de atingir o nível que realmente deveria ser o requerido de um 3.º ciclo.

Não é uma observação repousante e feliz esta — a de notar-se que só se fala em ensino no nosso País na época de exames. Mas é uma realidade triste — a preocupação máxima do nosso ensino continuar a ser a do exame. Não esqueçamos, porém, que, para lá do exame, há que preparar e formar homens e, em qualquer país, o que vale e valerá é, sobretudo, o capital humano. Quando o recrutamento de base aumentar e o ensino obrigatório passar dos quatro anos actuais para os seis indispensáveis e mínimos, haverá cada vez mais alunos nos ensinos técnico e liceal e todos serão, afinal, necessários para as tarefas do futuro.

C. M.

Na MALAPOSTA — Mogofores, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda no CAFÉ SANTIAGO.

FOTOGRAFIA A CORES
Laboratórios Especializados
FOTOFILME - Rossio, 101
Telef. 323192
(ao lado da Pastelaria Suissa)

PROFESSORAS PRIMÁRIAS reunidas em Lisboa

Efectuaram-se hoje as penultimas sessões do encontro de professoras do ensino primário, organizado pela Mocidade Portuguesa Feminina.

De manhã, uma das delegadas dissertou sobre a Organização dos Serviços da M. P. F., e a sr.ª D. Ester Soeiro e Sá, ás 11 e 30, teceu considerações sobre a missão da professora.

A meio da tarde, a sr.ª dr.ª D. Maria Margarida Craveiro Lopes dos Reis, deputada á Assembleia Nacional e dirigente da M. P. F., fez uma palestra sobre a mulher, salientando os aspectos de profissional, criadora do lar e educadora dos filhos.

Como de costume, e salvo qualquer contrariedade de ultima hora, realizar-se-á, na sede do Comissariado, ás 21 e 30, mais um serão, desta vez preenchido com uma palestra, intitulada «O cinema e a criança», a proferir pelo sr. Luís de Pina, director da revista «Filme».

Estão a funcionar os parques de campismo de Lavos e Mira

FIGUEIRA DA FOZ, 9 — Os parques de campismo de Lavos e Mira, modernamente instalados, já estão a funcionar, atraindo numerosos turistas.

O novo parque que acaba de abrir na praia de Mira, a 35 quilómetros ao norte desta cidade, com numerosa afluência de campistas, oferece excelentes condições e apresenta apreciáveis melhoramentos, inexistentes no antigo que também ali funcionou.

O parque que abriu na Mata de Lavos, a 7 quilómetros da Figueira, na margem sul do Mondego, é também excelente, não só pelo local onde está situado, mas pela montagem das suas instalações, e ainda por se situar a poucos minutos desta cidade.

VIDA RELIGIOSA

X Campo de Formação da Juventude Agrária Católica do Patriarcado

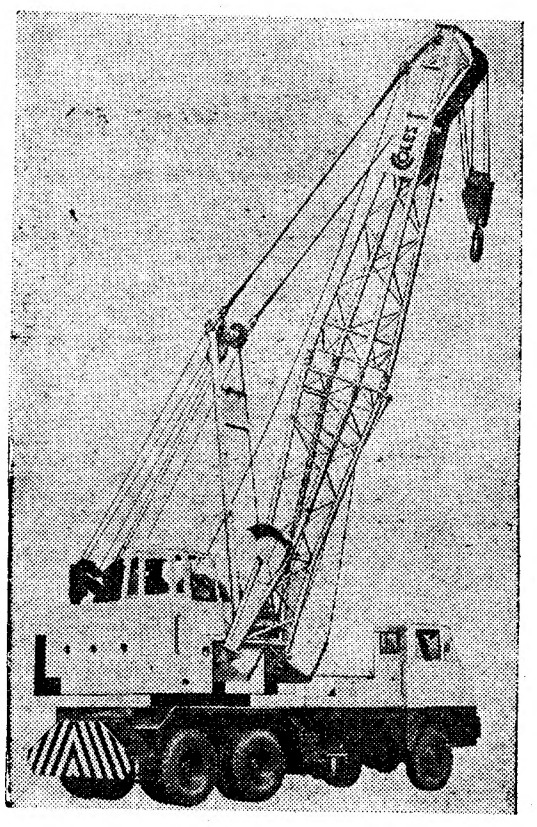
No Seminário de Almada decorre de sábado até o dia 19, á semelhança dos anos anteriores, a reunião de rapazes do meio rural no X Campo de Formação da Juventude Agrária Católica do Patriarcado de Lisboa.

Cerca de 50 dirigentes e filiados da J. A. C. tomam parte em sessões de carácter religioso, social e técnico, orientadas por um grupo de especialistas dos vários sectores. Em ambiente de camaradagem e espiritualidade haverá, também, recreios e visitas de estudo, num progressivo esforço de valorização humana e apostólica dos jovens rurais.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O secretário-geral do XIX Congresso da «Union Internationale des Avocats», sr. dr. António de Sousa Madeira Pinto, agradeceu ao «Diário de Lisboa», em amável ofício, o relevo dado áquele acontecimento.

GUINDASTES MÓVEIS COLES



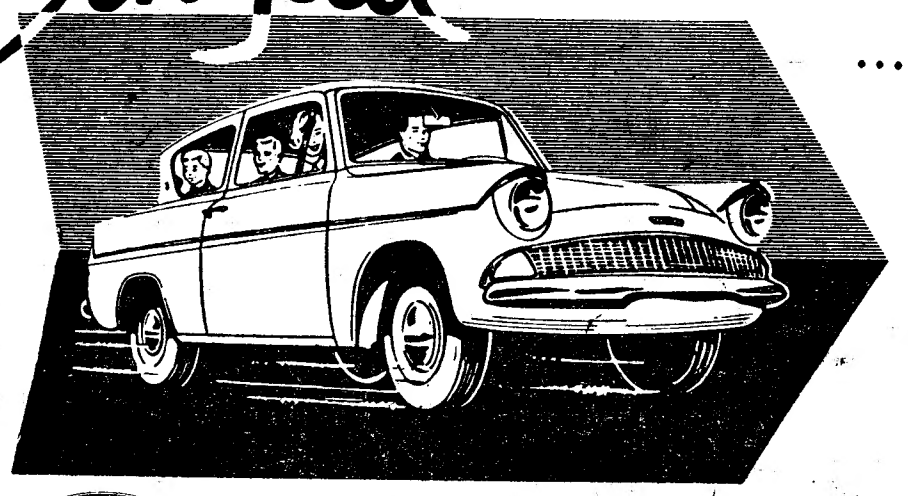
ATÉ 50 TON.

FÁBRICAS NA INGLATERRA, CANADÁ, U. S. A., ALEMANHA E AUSTRÁLIA

GUEDES & ALMEIDA, LDA.

RUA DE S. NICOLAU, 71, 4.º
Telefones 27845 e 25080
LISBOA - 2

Anglia DE LUXE



economia de um carro pequeno...
6,7 LITROS AOS 100 Km
49.400$00
MAIS 4.880$00 DE TAXA
... com o espaço, conforto e duração de um carro muito maior!
E PARA MAIOR RENDIMENTO: "PERFORMANCE PLUS"
(JOGO DE CONVERSÃO DO MOTOR ANGLIA) A PEQUENO CUSTO EXTRA

Ford PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO NUM DOS CONCESSIONÁRIOS FORD EM TODO O PAÍS

EM LISBOA: J. MENDES COELHO, LDA. Rua Alexandre Herculano, 6-A • AUTO-BOAVISTA, LDA. Rua da Boavista, 81-B • AUTO-RALI, LIMITADA Avenida Almirante Reis, 130-A

Pioneiro da Aviação

(Continuação da página central)

no cruzador «Rainha D. Amélia». Depois outros mares, outros povos, o Mediterraneo, a China. Por toda a parte, as águas calmas e as gentes estranhas e simples o atraíram. E' que ele continuava a ser o homem do povo para quem a vida tem a grandeza e a serenidade de um rito. Em Macau soube, um dia, que fora implantada a Republica em Portugal. Cumpriu outras missões e, um dia, foi apadrinhar uma criança, e seus olhos entenderam-se com os olhos da madrinha. Nunca se tinham visto e casaram em 8 de Novembro de 1911. Tinha o seu lar e, nas horas esquecidas e melancólicas do cair da tarde, em pleno oceano, o marinheiro sabia que alguém pensava nele: um fio íntimo, como de retrós invisível, mas forte, o prendia á terra.

Novas aventuras se desenhavam, novos sonhos. Não era só o mar largo; também o céu tinha azul e dele se viam as águas, a terra. Começava a falar-se da aviação e das máquinas voadoras. Ensaiavam os primeiros passos nessas máquinas oficiais da Marinha, um deles seu vizinho. Chamava-se Gago Coutinho.

Joaquim Caperta, quando em terra deixava-se absorver por completo por aquele amor que vinha de pequeno, quando vira seu pai trabalhar no Teatro D. Amélia e no coro da igreja de S. Roque. Caperta gostava do Teatro e não mais perdera esse gosto. Entrando em associações populares, tornou-se seu animador. Era um verdadeiro faz-tudo, o marinheiro de pele curtida pelo ar do largo. Montava os palcos distribuia os papéis e ensaiava as peças. Até as chegou a escrever.

Entretanto, estava agora na Base do Bom Sucesso e acompanhava a actividade e as ambições dos primeiros aviadores. Já conheceu Sacadura Cabral. Precisou de se especializar nos aviões e esteve em fábricas francesas. Foi o companheiro do mecanico francês Soubiran, que viera para Portugal a pedido de Sacadura. De dia, entre os aparelhos que despertavam a curiosidade do indígena e valiam aos pioneiros o apodo de loucos; á noite, nas sociedades de recreio. Ensaiou marchas populares do seu bairro, e que bem que elas se exibiam, depois, nos corteios!

Caperta seguiu, um dia a bordo do «Bagé», com o aparelho que lo. varia ao fim a maravilhosa viagem de Sacadura Cabral e Gago Coutinho. Acompanhou, depois, os aviadores em toda a sua viagem apoteótica pelo Brasil, e com eles regressou a Portugal. Mas a sua vida continuou serena, simples, como ele. Trabalhou, ainda, na montagem da base da aviação naval da ilha da Taipa.

Continuou apegado áos seus sonhos, á sua casa modesta das Trinas, entre a mulher os filhos e os netos, dando a sua ajuda ás sociedades populares de que fazia parte e, da sua janela, olhando o Tejo e o céu.

A janela continua aberta. Os olhos que viam através dela fecharam-se ontem para sempre.

MARINHA DE GUERRA

Foram condecorados com a medalha militar de prata de serviços distintos os seguintes oficiais da Armada: capitães-de-mar-e-guerra Eugénio Ferreira de Almeida e José Pimenta de Almeida Beja Camões Godinho; capitão-de-mar-e-guerra de administração naval Renato Sequeira de Brito; capitães-de-fragata Henrique Mateus da Silveira Borges e José Rodrigues Alho; primeiro-tenente Abílio Freire da Cruz Junior; e primeiro-tenente do serviço-geral Adriano Alves de Aguiar.

— Foi designado o capitão-de-fragata António Laires da Silva Braga para exercer o cargo de chefe do estado-maior da flotilha de escoltas oceânicos

Comando da Defesa Marítima de Macau

MACAU, 9 — O capitão-de-fragata Adelino Augusto Santos Vieira, foi exonerado dos cargos de comandante da Defesa Marítima e chefe dos Serviços de Marinha de Macau. Em sua substituição foi nomeado o capitão-tenente José Manuel Rebocho da Costa Freire. — (A. N. I.).

INTERCÂMBIO de cadetes da Aeronáutica

Num avião da Força Aérea Espanhola, regressaram aos seus países os cadetes da Aeronáutica que visitaram Portugal, ao abrigo do plano de intercambio estabelecido entre vários Governos.

Os jovens portugueses chegarão a Lisboa dentro de dias.

No aeroporto, apresentaram cumprimentos de despedida os representantes da Direcção-Geral de Aeronáutica Civil e do adido aeronáutico á embaixada de Espanha em Lisboa.

PADARIA destruída pelo fogo

ARMAÇÃO DE PÊRA, 9 — Uma padaria da Sociedade Panificadora Aralgarve, desta localidade, foi completamente destruída pelo fogo.

Distinguiu-se no ataque ás chamas, antes da chegada dos bombeiros voluntários, o sr. Renato Cristo Trindade.

Os prejuízos são elevados.

A melhor água de mesa
Única no género
Preço por garrafão — 5$00

Distribuidores:
Vilarinho & Sobrinho, L.da
Janelas Verdes — LISBOA
J. Guimarães Pinheiro, Ld.
TORRES VEDRAS
José da Silva Gama & C.ª
Rua de Miraflor, 43 — PORTO

Montepio Geral

Assoc. de Soc. Mutuos Fundada em 1840

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA 3.ª convocação

Reune-se hoje, dia 9, pelas 21 horas, no edifício da Sede, para apreciação e votação do parecer da Comissão eleita na sessão extraordinária da Assembleia Geral de 31 de Maio de 1962, incumbida de se pronunciar sobre a oportunidade e conveniência da reforma dos Estatutos do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa e eleição da Comissão de 5 membros que, nos termos do § 1.º do art.º 94.º dos Estatutos, elaborará o projecto da alteração dos Estatutos do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa.

Nos termos do art.º 95.º dos Estatutos, a Assembleia poderá deliberar com qualquer numero de sócios.

DOMINGO, 19 DE AGOSTO DE 1962

EXPRESSO-POPULAR DE LISBOA A VIANA DO CASTELO E VOLTA

FESTAS DA SENHORA DA AGONIA

3.ª classe: Preço 155$00

HORÁRIO — Dia 19 — 5-45 p., Lisboa (Santa Apolónia); 11-56 c., Viana do Castelo.

Dia 20 — 1-30 p., Viana do Castelo; 7-21 c., Lisboa (Santa Apolónia).

Aos Srs. Passageiros é facultado serviço de BUFETE no «Expresso-Popular» a cargo da Companhia dos «Wagons-Lits».

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Rossio) e de Lisboa (Santa Apolónia), Agência da Empresa Geral de Transportes, na Rua do Arsenal, 124-1.º, e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, nas: Avenida Praia da Victória, 36 e 38, Travessa do Cais do Tojo, 15, Rua Almeida e Sousa, 14-A, Avenida de Roma, 4-B., Rua Marquesa de Alorna, 22-A, e Rua dos Anjos, 77-A. LOTAÇÃO LIMITADA.

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no CAFÉ UNIDOS.

A VISITA do ministro das Obras Públicas a Vila Franca

(Continuação da página central)

O futuro imóvel ficará com dois pisos. O rés-do-chão, só destinado a parque de viaturas e amplo primeiro andar destinado a ginásio e outras dependências, como salas de comando e de direcção, pronto-socorros, balneáreos, etc.

O museu taurino terá carácter internacional

Depois de ter examinado os respectivos projectos o sr. ministro dirigiu-se para o Jardim Constantino Palha, onde se procedeu ao estudo da localização do futuro museu que a Junta Distrital de Lisboa já deliberou construir em Vila Franca.

Será destinado a pintura e escultura sobre motivos taurinos, pretendendo-se que nesse aspecto não só seja regional como internacional com a apresentação de alunos de arte de artistas portugueses, espanhois e mexicanos. Este museu constituirá a maior atracção turística de Vila Franca e será construido junto áquele jardim, e a Junta Distrital de Lisboa, já dispõe da necessária verba, para levar a efeito a respectiva obra, a qual será iniciada logo que esteja resolvido o problema respeitante á sua definitiva localização que será sempre junto ao Jardim Constantino Palha.

Finda a visita, aquele membro do Governo, deu entrada no gabinete de estudos urbanísticos da Camara Municipal, dirigido pelo arquitecto Ressano Garcia, onde foram observados os planos de estudo referentes a obras projectadas e em execução tendo o sr. tenente José Nazaré elucidado o ministro sobre vários aspectos.

Estes trabalhos terminaram pouco depois das 13 horas, após o que aquele membro do Governo e as entidades que o acompanhavam regressaram a Lisboa.

Melhoraram as relações entre Pequim e Moscovo

As dificuldades económicas que a China experimenta obrigam-na a aceitar a doutrina de coexistência pacífica defendida por Kruchtchev

PEQUIM, 9 — As afirmações americanas de que as relações sino-soviéticas se teriam deteriorado recentemente «correspondem á tendência dos americanos para tomar os seus desejos por realidades» — pensam os observadores estrangeiros em Pequim.

Informações divulgadas ontem a este respeito na capital chinesa causaram um certo espanto. Efectivamente, nos círculos estrangeiros há a impressão de que, pelo contrário, essas relações melhoraram nitidamente nos ultimos tempos. Não se trata de uma nova lua-de-mel sino-soviética — salienta-se — mas desapareceu de forma bem patente a tensão que surgira o ano passado. Embora subsistam as divergências ideológicas entre os dois países vizinhos, as dificuldades económicas que a China experimenta obrigam-nos a aceitar — se bem que com uma certa repugnancia — a doutrina da coexistência pacífica defendida por Kruchtchev. Por outro lado, a política externa americana no Sueste Asiático teve como efeito consolidar as fileiras comunistas.

«Os erros americanos contribuíram muito para consolidar o edifício das amizades comunistas» — diz-se nos círculos europeus comunistas de Pequim.

Também não é menos certo que a China continua a sentir uma certa frieza em relação á U. R. S. S. Os chineses continuam a desconfiar de tudo o que é ocidental. Para mais, sofrem de um certo complexo de inferioridade perante a superioridade técnica soviética, complexo atenuado, no entanto, por um sentimento de superioridade motivado pela sua civilização tão antiga.

As divergências actuais — afirma-se, resumindo a questão — são mais morais do que materiais. Os critérios eslavos não correspondem aos dos chineses, e são por isso inevitáveis alguns mal-entendidos. — (F. P.).

Chegaram a Lisboa graduados da M. P. de Cabo Verde

De avião, vindo da ilha do Sal, chegaram a Lisboa, os graduados da Mocidade Portuguesa dos centros de Cabo Verde que vêm frequentar o curso de comandantes de bandeira, na Escola Nacional de Graduados.

SOLDADOS FERIDOS no Norte de Angola

LUANDA, 9 — Segundo uma informação oficial distribuída á Imprensa local, em 4 do corrente, devido a acções de policiamento no Norte de Angola, receberam ferimentos os seguintes soldados: Diamantino Marques Carrasqueira, Adelino Duarte da Fonseca, Manuel Rosa Alves e Luís Carlos Ferreira. No dia 5, foi também ferido, em acção de policiamento, o soldado Manuel Ferreira Martins.

Por motivo de doença, faleceu em 4 do corrente o 1.º cabo João José Teixeira Resende. — (L.).

Movimento marítimo

Regressou o paquete «Santa Maria»

De regresso dos portos da América Central, chegou o paquete «Santa Maria», com 700 passageiros, entre os quais muitos holandeses, que regressam ao seu país, americanos e muitos portugueses da Venezuela que vêm passar férias á Metrópole.

Garantias especiais aos funcionários da Guiné

O Ministério do Ultramar, considerando que na província da Guiné se verificam circunstancias idênticas ás que determinaram a concessão de garantias administrativas a todos os funcionários do quadro administrativo da província de Angola, em Maio do ano findo, acaba de determinar, sob proposta do Governo de Bissau, que sejam atribuidas iguais garantias aos funcionários administrativos que prestam serviço na Guiné.

INCÊNDIO numa casa de lavoura

PINHEL, 9 — Na freguesia de Lameiros, devido a imprevidência, declarou-se incêndio na casa de lavoura da sr.ª Rosa de Jesus.

Ficaram carbonizados uma vitela e um jumento e os prejuízos não estavam cobertos pelo seguro.

Casa de Repouso dos Alfaiates

Em comemoração do 14.º aniversário da Casa de Repouso dos Alfaiates, a direcção oferece um lanche aos internados, no domingo, ás 16 horas, confraternizando, também, os dirigentes e amigos da benemérita instituição.

NECROLOGIA

(Continuação da página central)

um grande interesse pelo estudo e debate dos problemas ultramarinos, em especial dos que respeitavam á província de Moçambique, revelando-se, sempre, um vigoroso batalhador, quer na Imprensa, quer na Rádio, que também serviu com o seu proverbial dinamismo.

Há perto de trinta anos que se encontrava estreitamente ligado ao «Notícias», da capital moçambicana, onde permaneceu, durante muitos anos, no desempenho das funções de redactor. Trabalhou, ainda, no Rádio Clube de Moçambique, que, mais tarde, veio representar em Lisboa. Em missão profissional daquele diário, percorreu os principais países da América do Sul, designadamente o Brasil, devendo-se-lhe algumas crónicas de viagem que se revestiram de muito brilho jornalístico.

António Rosado, que nasceu em Sagres, há 52 anos, foi, nos seus primeiros tempos, um devotado desportista, chegando a praticar futebol no Benfica e no Sporting. Era autor de vários livros de poesia, um dos géneros literários que cultivava, fora do bulício dos jornais e ainda agora tinha em projecto a publicação de novo livro.

A sua morte abrupta reveste-se de aspectos dramáticos, porquanto, em plena pujança mental e física, nada fazia prever tão triste desenlace. Ainda esta manhã, António Rosado compareceu na delegação do seu jornal, na Rua do Carmo, 51, 3.º, e esteve reunido com o empreiteiro sr. José Manuel Fernandes, de Samouco (Montijo), a tratar da construção de uma casa, na terra da sua naturalidade. Cerca das 10 e 30, saíram ambos, num táxi, a fim de procurarem, em casa, o arquitecto responsável da obra, o sr. Alvaro Reis. Durante a breve viagem, nada se passou de anormal e, quando o sr. José Fernandes se preparava para sair do veículo, verificou-se, então, que António Rosado se encontrava inanimado.

Imediatamente conduzido, no mesmo táxi, aos Hospital de São José, recolheu á respectiva sala de observações, sob suspeita de uma síncope cardíaca. Manteve-se sem fala, e sem dar acordo de si, até cerca das 13 e 30, vindo a falecer pouco depois, de nada lhe valendo os cuidados médicos.

O jornalista António Rosado era casado, em segundas nupcias, com a sr.ª D. Marília Rosado, da qual tinha um filho de 5 anos, António Rosado Junior. Do primeiro matrimónio, tinha mais três filhos, que vivem habitualmente em Lourenço Marques, embora um deles esteja presentemente em Lisboa, em gozo de férias.

Ainda na semana passada, o infortunado jornalista fora a Sagres deixar a família, á qual projectava juntar-se amanhã, para descansar durante algum tempo e conduzir, pessoalmente, os assuntos respeitantes á moradia que, ali, pensava erguer — e era um dos grandes sonhos da sua vida.

À família enlutada apresenta o «Diário de Lisboa» a expressão do seu muito pesar, que tornamos extensiva ao «Notícias» de Lourenço Marques e ao seu ilustre director, sr. capitão Manuel Vaz, grande amigo do extinto.

D. Bernardina Rosa Palhais

EVORA, 9 — Na sua residência, Rua do Alfaiate da Condessa, 8, faleceu a sr.ª D. Bernardina Rosa Palhais, de 53 anos, solteira, natural de São Bento do Mato, professora do ensino primário oficial. Era irmã da sr.ª D. Maria do Anjo Palhais, também professora do ensino primário em Elvas.

VIDA SOCIAL

EMBAIXADOR DO JAPÃO

Regressou no sábado a Lisboa o sr. embaixador do Japão, Kenkichi Yoshida, que se deslocou a Paris, em viagem particular, a fim de aguardar ali a esposa e as filhas, que se encontravam em Tóquio.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

PARA PROTEGER A VELHICE
HYPERSEX
COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO
Esgotamentos nervosos, inapetência e astenias da idade senil, etc.
Propaganda (grátis) da FAL — Apartado 2 142 — LISBOA

A 25.ª Volta a Portugal em bicicleta

GRANDE PRÉMIO «CERVEJA SAGRES»

A imolação dos fracos no infernal braseiro alentejano

- **Os «ases» prometeram, mas arrependeram-se**
- **Por 48 seg. Ventura Cristóvão não é o «camisola amarela»**
- **Média cumprida não agrada aos maus**

Por FERNANDO SOROMENHO
nosso enviado especial

BEJA, 9 (Pelo telefone) — A «Volta» virou as costas ao Tejo e, resignadamente, flectiu para o interior, mas antes bordejou o Atlantico, mirando-o de cima da maravilhosa Arrábida que o saudoso e bom companheiro, Sebastião da Gama, o seu mais querido amante, cantou em versos magistrais, dos mais belos que ilustram o sentimento lírico dos portugueses.

Perdidas, de vez, as brisas marítimas, os homens da bicicleta e os que atrás delas andam, por ofício, sorveram os ultimos resquícios de iodo e foram para o martírio — a dura e sempre dramática travessia do Alentejo, com paragem em Beja —, dispostos a sofrer, porque a vida não é só lazer nem gozo.

Foram 240 quilómetros, a maioria dos quais num infernal braseiro em que as longas rectas de asfalto pareciam labaredas que, sádicamente, queimavam os pulmões de quem queria e precisava de respirar.

O que aconteceu?

Aquilo que era inevitável: a queda dos inaptos, a desilusão dos imberbes, o despertar de um sonho transformado num penoso pesadelo.

Dezoito baixas, quase 20 por cento dos corredores que alinharam á partida, foi o somatório eloquente, o testemunho iniludível de que, na realidade, compareceu na prova gente que só ganharia se, nas suas terras, ficasse a treinar-se, aperfeiçoando-se. Mas pior teria sido, se a média ultrapassasse a prevista pelo que a conclusão não se afasta, como é óbvio, da certeza de que abundam os que não podem realizar o normal — aquilo que os técnicos, da órbita da Federação, fixaram. Esclarecedor...

● Experiência dos «bons»

Quando João Brito, aos 4 quilómetros, ensaiou um «estirão» — radica-se, cada vez mais, a paupérrima noção táctica dos nossos corredores e em que de certo modo são cumplices determinados orientadores —, faltando, portanto, 236 km para a meta, na roda do ultrafogoso alpiarcense foram mais seis unidades, entre elas os «bons» Mário Silva e Jorge Corvo (ainda dois favoritos) e os primeiros planos Valada, João Gomes e Manuel Castro. A «coisa» pegou e os sete abalaram, com desenvoltura, apesar de Mário Silva nos dizer, quando o interpelámos:

— Se continua a fuga? Ainda não sei. Veremos.

O «veremos», que foi também perfilhado por Franklin Cardoso teve o seu termo ao cabo de mais de duas horas de esforços e do salto da Arrábida. Um ensaio que, no entanto, permitiu sustentar um ritmo que sendo inicial inspirou as ocorrências ulteriores, moldadas na singeleza. Basta dizer que no momento a sério, os ases cobriram 38 km na primeira hora.

● Eloquente sumário

As principais operações do primeiro grande calvário da «Volta» resumem-se ao seguinte:

1 — Fuga dos «ases» (Valada era no grupo dos sete o mais próximo do camisola amarela)dos 4 aos 87 km. Duração: 83 km;

2 — Fuga de Marinho aos 115 km. Sendo alcançado pelos quatro de Beja aos 183 km, o «académico» andou sózinho 68 km. (De nada lhe valeu o esforço visto ter chegado á meta com o atraso de sete minutos);

3 — Marinho perdeu contacto com os quatro a 26 km de Beja;

4 — Azevedo, Cristóvão, Cação Pires e Perna Coelho sairam do pelotão aos 160 km, a 80 da meta. Usufruiram de sete minutos de avanço e, em Beja, só tinham 3 m e 22 s sobre o pelotão, recheado de primeiras figuras;

5 — O pelotão reagiu, fortemente, nos ultimos 20 km.

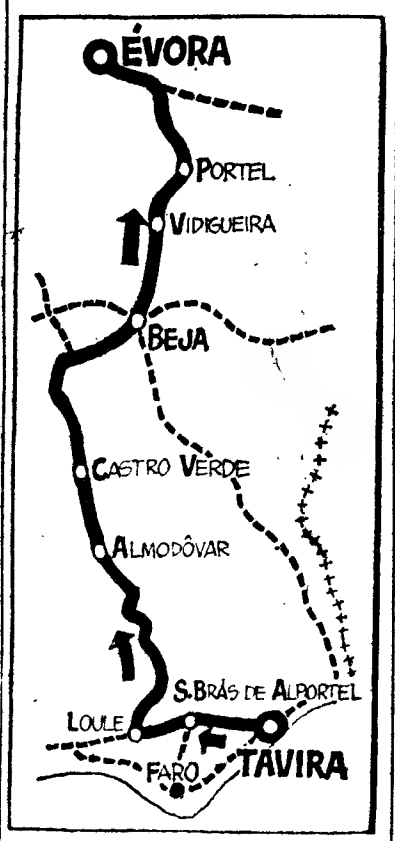
A verdade da corrida (acrescente-se a média de 36,284) dispensará mais considerações a não ser aquelas que comprovam a instabilidade da camisola amarela — por 48 segundos Ventura Cristóvão não a arrebatou ao portuense Pacheco, a despeito do tremendo esforço do «leão» merecer o ambicionado galardão —, e o predomínio das acções dos «secundários» em face das razoáveis cautelas (por força do cálculo, tanto aos quilómetros a percorrer como ás próprias forças) dos que enfileiram no lote dos favoritos.

● Dos conjuntos...

As melhores referências recaem em Cristóvão e Maia, mas os novatos, Perna e Cação, também não ficam diminuídos no confronto.

No jogo das equipas prevaleceu o empate, porquanto os três principais clubes estiveram no quarteto da glória. Um empate na tirada, mas outro pronunciado golpe na estrutura do Sporting, agora reduzido a seis unidades. A desvantagem numérica em relação ao Porto (12) e Benfica (11) é significativa e desde já compromete a intenção que visa repetir o triunfo do ano passado.

A etapa de amanhã



A Volta tem amanhã a sua 10.ª tirada, que é a maior da competição — 255 quilómetros — e estabelece a ligação entre Tavira e Evora, devendo ser feita á média horária de 35 quilómetros.

Os ciclistas partem ás 8 horas do Largo do Município e tomam o rumo de Loulé (9 h.), Almodovar (10 e 43), Castro Verde (11 e 18), Beja (12 e 58), Vidigueira (13 e 38) e Portel (14-03). Depois... Evora, com a meta localizada no Rossio de S. Brás e com a chegada prevista para as 15 horas e 16 minutos.

Sprint

- **Afinal, o corredor do Leixões, Jaime Cruz, não fracturou a perna nem tão-pouco foi atropelado por um automóvel próximo do cruzamento de Leiria. O matosinhense apenas sofreu um forte traumatismo, ficando muito contundido, pelo que foi assistido pelo médico. A causa do desastre foi uma queda provocada por derrapagem. Cruz esbarrou contra uma camioneta. Ainda bem que o acidente se limitou a isso.**
- Os comunicados, sempre essenciais aos directores das equipas e a quem anda na caravana, parecem imitar as obras de Santa Engrácia. Quase nunca estão prontos. Motivo: um duplicador que funciona mal. Isso acontece há dias. Mas não há maneira de se substituir o aparelho avariado. Por exemplo, ontem, em Beja, só decorridas sete horas sobre o final da tirada é que alguém logrou ler o famoso comunicado. Um «record» de negativismo...
- **O antigo internacional de futebol do Benfica, Moreira, surgiu na estrada. Surpreendemo-lo, claro á gritar: «Benfica». Na frente, pedalava um «camisola encarnada».**

GRANDE PRÉMIO
CERVEJA SAGRES

A barragem e as fugas

BEJA, 9 — (Pelo telefone) — Aguardámos mais um dia para observar até que ponto a ordem na estrada, sob o aspecto desportivo, persistiria no nível que caracterizou a disputa da tirada Alpiarça-Lisboa, a qual, por ser de curta duração, 105 quilómetros, não permitiria, por causa da ansiedade dos corredores e a densidade de espectadores, a serenidade indispensável para defender o desenvolvimento da corrida.

Não ficámos arrependidos, porquanto, de novo, na ligação entre Cacilhas e Beja, verificámos o pulso seguro do director da competição Eduardo Guerreiro e a boa colaboração que lhe foi prestada por outros elementos oficiais.

Independentemente das facilidades que resultaram para a difícil missão de quem está na caravana para informar a opinião publica, não há duvida que se defendeu, de maneira eficaz, digamos, a personalidade do corredor quando está em causa uma fuga ou a consequente perseguição.

Vimos (por isso, o nosso reparo), logo após um adiantamento, que tanto pode ser um mero «estirão» como uma fuga (só a continuidade fornecerá a indicação necessária ou, mais própriamente, o ganho de uns quilómetros de vantagem, sustentado durante uns bons minutos), a agitação frenética de vários veículos que transportam os orientadores técnicos, todos ansiosos por ultrapassar o pelotão a fim de seguir, de perto, os esforços dos seus representantes escapados. Pressões, reclamações, gestos de enfado e um sem-numero de problemas provocaram confusão e, o que é pior, atravancaram o campo de visão de quem precisa de espaço para observar a evolução do ataque. Referimo-nos aos corredores que, como é óbvio, não carecem de licença para dar uma pedalada a seguir á outra.

Pois o director da corrida, enquanto a fuga se concretiza (assim tem sido, agora, o seu processo) não consente que ninguém o ultrapasse.

A barragem é a ordem imperiosa enquanto o pelotão se não explica e a ofensiva não se corporiza. Procedendo desta maneira (oxalá, não transija) só favorece o contacto, entre orientados e orientadores, na medida em que ele reflecte a indispensabilidade. Além disso, diminui os riscos da atrapalhação — o que é importantíssimo, principalmente no concernente á limitação de acidentes.

Cálculos sobre desistentes e a «fé» das equipas quanto aos próximos dias

BEJA, 9 — (Pelo telefone) — Impressiona a verificação dos corredores desistentes e eliminados ao cabo de cinco dias de competição, incluindo o inexpressivo circuito das Antas — a abertura.

Com a tremenda cutilada de Beja — 18 homens foram irremediàvelmente afastados, metade por desistência e a outra metade por abandono — o numero aumentou para 38, pelo que á partida para Tavira alinharão 76 unidades. Significa isto que até á data as baixas se cifraram em 33 por cento. E só estão percorridos 756 quilómetros, pouco mais de um terço da totalidade.

As equipas estão agora amputadas, com excepção do Ginásio de Tavira e F. C. Porto que se mantêm com o numero inicial de unidades.

Algumas oferecem o aspecto de estarem seguras por fios de arame. O Vianense (2), Sangalhos (2), Oliveira do Bairro (3), Baixa da Banheira (4) e Leixões (4) ilustram a ideia.

Dentro da caravana já se esboçou a realização de um inquérito sobre o numero provável dos homens que abandonarão, por incapacidade ou porque são eliminados, a «Volta».

O prognóstico rodeia-se de tremendas dificuldades dado que ainda não apareceram os troços considerados mais violentos. Cinquenta por cento, pelo menos, aventuramos.

Tavira, Évora, Penhas da Saude e Vila Real são metas fundamentais. Em qualquer delas, incluindo-se o contra-relógio individual, encontra-se o pensamento dos «responsáveis».

O F. C. Porto a confiar na perícia de Mário Silva a trepar e no contra-relógio, sem esquecer também Sousa Cardoso.

O Sporting a fundamentar as suas esperanças na resistência de Roque — que tem andado apagado, cremos que propositadamente — e no sentido táctico e espírito combativo de Pedro Junior.

O Benfica a aguardar todas as abertas, julgando que em qualquer delas um homem seu — Ilídio e Peixoto afiguram-se as pedras preciosas que só visam nos momentos solenes — poderá valorizar-se e «apanhar a taluda».

O Tavira a assentar os seus planos nas virtudes de rolador que são a característica principal de Jorge Corvo.

Cálculos. Castelos que se erguem... — *S.*

Etapa «Capacetes ARSACAL»

«Suspense» em Beja

BEJA, 9 — *(Pelo telefone)* — Se Francisco Marinho, descontada a insensatez que invariàvelmente representa uma fuga tentada a 125 quilómetros, quando se age sózinho, percorridos já 115 quilómetros, é credor de simpatia pelo insucesso que o inibiu de acompanhar os quatro corredores que chegaram a Beja, isolados — uma queda fez perder terreno ao brioso académico e, naturalmente, alterou-lhe o ritmo da cadência — não há duvida de que o drama do sportinguista Ventura Cristóvão — um homem que costuma dar-se bem no Alentejo — se sobrepôs ás restantes incidências, mesmo áquelas que realçavam o ar patético dos desistentes — alguns mocetões de boa estampa atlética mas que na circunstancia mais se assemelhavam a miudos... anémicos.

E' Ventura no nome mas na corrida não teve ventura.

Batalhou, incessantemente, usando uma toada dura, em vincada obstinação. Faltavam 80 quilómetros e o momento exigia pronta acção e firme atitude, a despeito do calor que incendiava a estepe alentejana.

Azevedo Maia, outro duro da «Volta», secundou o lisboeta e ambos, tendo a companhia de Perna e Cação (não é «blague», porquanto são nomes de duas pessoas...), construíram uma das fases mais emotivas da competição até Beja, quando tiraram a José Pacheco a «camisola amarela». A primazia pertenceria a Cristóvão, por ser melhor classificado.

Mas os ultimos 26 quilómetros, a partir de Ferreira do Alentejo, equivaleram ao desmoronar de todas as ilusões. Os sete minutos de vantagem minguaram de tal sorte que, na meta, ninguém evitava a pergunta:

— Será dele ou não a «camisola amarela»? Qual é o avanço?

O pelotão encarregou-se do esclarecimento...

O Ventura nem foi o 1.º da tirada (acusou Azevedo Maia de ter faltado á promessa de lhe consentir a vitória como paga de ter puxado) e quanto á «camisola amarela» só a perdeu por 48 segundos. Bastava ter feito em menos dois segundos cada um dos 26 quilómetros que distam de Ferreira do Alentejo a Beja.

«Suspense».

Tal como na passagem de nível, arreliadoramente fechada no momento em que os veículos intentavam adiantar-se aos corredores para alcançar a meta.

Planície e nem comboio á vista. A «Volta» aproximava-se e, por fim, surgiu o comboio.

Parecia que vinha derreado, suando por todos os poros.

A jornada de Beja teve matéria. Principalmente no sofrimento. Ninguém a ele se furtou. — *F. S.*

CORRIDO UM TERÇO DA PROVA HÁ APENAS 71 CORREDORES DOS 114 QUE A COMEÇARAM

(Continuação da 1.ª página)

despertou, por intermédio de Pedro Carvalho, que levou na sua «roda» o benfiquista Domingos Claudino. Entretanto, fragmentou-se o pelotão e dele saiu um grupo, do qual faziam parte João de Brito, Jorge Corvo, Perna Coelho, João Roque, Carlos Simão, Inácio Ramos, Manuel de Melo, F. Henriques da Silva, Mário Silva e Ilídio do Rosário, mas, três quilómetros percorridos, reconstituira-se, de novo, o pelotão. Logo a seguir, Augusto Fortes «furou» e atrasaram-se Joaquim Coelho, Alcido Neto, José Dias, Joaquim Rato e Ilídio Cabrita.

Aos 32 quilómetros verificou-se novo momento emocionante na etapa: o tavirense Florival Martins fugiu e levou na sua «roda» Mário Sá, Francisco Valada, Manuel Simões, Octávio Trinta e José Pacheco, isto é, dois homens do Tavira, dois do Porto e dois do Benfica.

Mais uma desistência

Entretanto, desistia João Borges, da Ovarense.

O calor começava nesta altura da prova a ser mais intenso, e o vento, que, no início da etapa, soprava forte e de frente, desapareceu completamente.

Francisco Valada foi o primeiro na meta volante

A caminho de Mértola, num plano inclinado, o andamento era excelente. A passagem por esta localidade, onde estava instalada a meta volante, dos primeiros ciclistas, verificou-se ás 10 h 11 m 55 s, pela seguinte ordem: Francismo Valada, Mário Sá, Octávio Trinta e Manuel Simões; com 1 minuto de atraso, Florival Martins; e com cerca de 4 minutos um pelotão com 68 unidades e onde figuravam as principais figuras, entre elas o «camisola amarela».

Maurício Vieira, do Alpiarça foi, pouco depois, obrigado a desistir, depois de ter sido assistido pelo médico.

Aos 69 quilómetros Florival Martins marchava com o atraso de 1 minuto em relação aos grupos da frente, enquanto o pelotão distava já 6 m. e 40 s. Na vanguarda do pelotão vinham os sportinguistas Roque, Pedro Carvalho e Ventura Cristóvão mas sem darem a ideia de poder recuperar.

José Pacheco indisposto e socorrido pelo médico

Aos 82 quilómetros houve grande sensação na caravana quando José Pacheco, sentindo-se indisposto e queixando-se de dores de estomago solicitou a comparência do médico.

Entretanto, ao fim de duas horas, tinham sido percorridos 82 quilómetros, o que perfazia uma média excelente sobre todos os aspectos, não obstante o calor e a dureza da tirada.

O abastecimento fez-se ás 11 h. e 6 m. e decorreu em ordem.

Mal tomou conhecimento do que estava a passar-se com o «camisola amarela» o orientador do Benfica deu ordens aos seus corredores para tirarem partido da indisposição de Pacheco. Este após ter sido socorrido, sofreu um furo, espectacularmente aos 91 quilómetros. Sem carro de apoio foi necessário que Mário Sá lhe cedesse a sua roda. Imediatamente os benfiquistas fugiram e Pacheco andou assim cerca de 7 quilómetros numa perseguição tenaz, perseguição essa que se desenrolou em terreno a subir. Castro Marim foi ultrapassada pela caravana ás 12 e 03. Na frente pedalavam vigorosamente Octávio Trinta, Manuel Simões e Francisco Valada; três minutos depois passaram José Pacheco e Florival Martins e só 8 m. e 30 s. decorridos passou o pelotão.

O «camisola amarela» em recuperação fantástica conseguiu entretanto apanhar os três homens da vanguarda antes de Tavira e, na pista do Ginásio local, bater ao «sprint» com enorme facilidade os seus companheiros de fuga, conquistando assim mais uma vitória de etapa.

Ordem da chegada a Tavira

INDIVIDUAL

		H.	M.	S.
1.º	José Pacheco (FCP)	3	39	55
2.º	Octávio Trinta (Tav.)	m. t.		
3.º	Franc. Valada (Bfc.)	»		
4.º	Manuel Simões (Bfc.)	»		
5.º	Mário Sá (FCP)	3	45	39
6.º	F. Martins (Tav.) ∴	m. t.		
7.º	Sousa Cardoso (FCP)	3	49	44
8.º	Jorge Corvo (Tav.)...	m. t.		
9.º	V. Cristóvão (Spt.)...	»		
10.º	Ilídio Rosário (Bfc.)	»		
11.º	Perna Coelho (Bfc.), F. Marinho (Ac.), L. Mendes (Ovar.), Azevedo Maia (FCP), Pedro Junior (Spt.) S. Santos (FCP), Joaq. Leão (FCP), Peixoto Alves (Bfc.), Vítor Tenazinha (Loul.), A. Mendes (Alp.), Pedro Carvalho (Spt.), Alc. Rodrigo (Bfc.), José Anastácio (Bfc.), M. Silva (FCP), Ernesto Coelho (FCP), M. Melo (Acad.), João Roque (Spt.), M. Castro (Acad.), Virg. Nunes (Tav.), Fern. Silva (Sang.), Manuel Costa (Ov.) Indalécio Jesus (Tav.), A. Laranjinha (B. B.), A. Cardoso (Ac.), Dom., Jacinto (Bfc.), Mário Ferreira (FCP), José Cavaco (Tav.), A. Domingos (Lx.), Carlos Cação (O. B.), João Gomes (Ov.), Inácio Ramos (Loul.), Humb. Corvo (Tav.), Alcino Tavares (Ac.), J. Rodrigues (Lx.), A. Centeio (Alp.), C. Dias (Sang.), Ant. Oliveira (Ovar.). Henr. Castro (Bfc.) e Ildefonso Esteves (Bfc.), ...	m. t.		
50.º	Fern. Simões (O. B.)	3	53	54
51.º	Arm. Augusto (B. B.)	m. t.		
52.º	Aug. Fortes (Leix.)...	»		
53.º	Man. Torres (Vian.)	»		
54.º	Carlos Simão (O. B.)	»		
55.º	Julio Abreu (Vian.)	»		
56.º	Orlando Silca (FCP)	»		
57.º	M. Azevedo (Leix.)...	»		
58.º	José Dias (Loul.).....	»		
59.º	João Brito (Alp.).....	»		
60.º	A. Candido (Ovar.)...	3	55	81
61.º	Flor. Silva (Bfc.).....	»		
62.º	Ant. Aiveca (B. B.) ...	3	55	46
63.º	Joaq. Rato (Spt.).....	m. t.		
64.º	Chocolateiro (Loul.) ...	3	57	24
65.º	Fr. Piedade (Loul.) ...	m. t.		

Depois de encerrado o controle:

66.º	Virg. Oliveira (Spt.)	3	58	39
67.º	Joaq. Costa (Acad.) ...	m. t.		
68.º	Jac. Oliveira (Ovar.) .	»		
69.º	Ilídio Cabrita (B. B.)	4	11	16
70.º	Joaq. Coelho (Acad.)	4	23	40
71.º	Alcido Neto (Tav.) ...	4	28	09

Desistiram:
João Borges (Ovar.).
Lima Fernandes (Alp.).
Maurício Vieira (Alp.).
J. Carlos Carvalho (F. C. P.).

Por equipas

1.º	Benfica	11	09	34
2.º	F. C. Porto	11	15	18
3.º	Tavira	11	15	18
4.º	Sporting	11	29	12
5.º	Ovarense	11	29	12
6.º	Académica	11	29	12
7.º	Leixões	11	33	22
8.º	Alpiarça	11	33	22
9.º	Louletano	11	33	22
10.º	Oliveira Bairro	11	37	32
11.º	B. Banheira	11	39	24

Classificação geral à chegada a Tavira

INDIVIDUAL

1.º	José Pacheco (FCP)	24	10	19
2.º	F. Valada (Bfc.) ...	24	11	25
3.º	Man. Simões (Bfc.)	24	14	26
4.º	Octáv. Trinta (Tav.)	24	14	54
5.º	V. Cristóvão) Spt.)	24	21	14
6.º	S. Cardoso (FCP) ...	24	21	26
7.º	Azev. Maia (FCP)...	m. t.		
8.º	Ilídio Rosário(Bfc.)	24	21	30
9.º	Pedro Junior (Spt.)	m. t.		
10.º	Laur. Mendes (Ov.)	24	22	07
11.º	Perna Coelho (Bfc.)	24	22	27
12.º	Sousa Santos (FCP)	24	22	45
13.º	Joaq. Leão (FCP)...	24	23	57
14.º	Peixoto Alves (Bfc.)	24	24	15
15.º	V. Tenazinha (Loul.)	24	24	22
16.º	Ant. Mendes (Alp.)	24	24	24
17.º	Ped. Carvalho (Spt.)	24	24	27
18.º	J. Anastácio (Bfc.)	24	24	31
19.º	Alc. Rodrigo (Bfc.)	m. t.		
20.º	Mário Silva (FCP)	24	24	32
21.º	João Roque (Spt.)	24	24	48
22.º	Manuel Melo (Acad.)	m. t.		
23.º	Ern. Coelho (FCP)...	»		
24.º	Jorge Corvo (Tav.)	24	25	54
25.º	M. Castro (Acad.) ...	24	25	59
26.º	Virg. Nunes (Tav.)	24	26	02
27.º	Fern. Silva (Sang.)	24	26	18
28.º	Man Costa (Ovar.)	24	26	22
29.º	Mário Sá (FCP) ...	24	26	24
30.º	Indal. Jesus (Tav.)	24	26	29
31.º	A. Laranjinha (BB)	24	27	10
32.º	C. Simão (O. B.) ...	24	28	48
33.º	A. Cardoso (Acad.)	24	29	29
34.º	F. Marinho (Acad.)	24	29	44
35.º	João Brito (Alp.) ...	24	29	49
36.º	A. Oliveira (Ovar.)	24	30	16
37.º	Dom. Claudino (Bfc)	24	30	31
38.º	H. Castro (Bfc.) ...	24	31	18
39.º	Flor. Martins (Tav.)	24	31	27
40.º	Ant. Candido (Ovar.)	24	39	09
41.º	M. Ferreira (FCP)	24	40	05
42.º	José Martins (Tav.)	24	11	51
43.º	Ant. Santos (Leix.)	24	43	02
44.º	Aug. Fortes (Leix.)	24	44	20
45.º	Carlos Cação (O. B.)	24	46	12
46.º	João Gomes (Ovar.)	24	46	15
47.º	Julio Abreu (Vian.)	24	47	59
48.º	Inác. Ramos (Loul.)	24	49	39
49.º	Humb. Corvo (Tav.)	24	50	15
50.º	Orlando Silva (FCP)	24	53	00
51.º	Joaq. Rato (Spt.) ...	24	54	22
52.º	Virg. Oliveira (Spt.)	24	54	48
53.º	Chocolateiro (Loul.)	24	57	30
54.º	Arm. Augusto (B.B.)	24	58	53
55.º	Alc. Tavares (Acad.)	25	00	33
56.º	Joaq. Costa (Acad.)	25	00	40
57.º	Carlos Dias (Sang.)	25	02	13
58.º	Jac. Oliveira (Ovar.)	25	04	12
59.º	Ilídio Cabrita (B. B.)	25	05	06
60.º	Flor. da Silva (Bfc.)	25	05	33
61.º	José Dias (Loul.) ...	25	08	12
62.º	Maia Azev. (Leix.)	25	08	40
63.º	M. Torres (Vian.) ...	25	08	47
64.º	Fem. Simões (O. B.)	25	09	13
65.º	Ant. Aiveca (B. B.)	25	09	28
66.º	Ild. Esteves (Bfc.) .	25	10	13
67.º	J. Rodrigues (Leix.)	25	11	25
68.º	Alcido Neto (Tav.) .	25	15	57
69.º	João Centeio (Alp.)	25	20	08
70.º	Joaq. Coelho (Acad.)	25	39	28
71.º	Fr. Piedade (Loul.)	25	51	06

Por equipas

		H.	M.	S.
1.º	Benfica	72	42	41
2.º	F. C. Porto	72	45	27
3.º	Tavira	72	56	42
4.º	Sporting	73	06	12
5.º	Ovarense	73	09	11
6.º	Alpiarça	73	17	38
7.º	Académico	73	17	47
8.º	Leixões	73	49	47
9.º	B. Banheira	73	50	51
10.º	O. Bairro	74	16	39
11.º	Louletano	74	21	49

Prémio da Montanha

(após a 2.ª contagem)

1.º	MÁRIO SILVA (F.C.P.) ...	10
2.º	Ernesto Coelho (F.C.P.) ...	8
3.º	Laurentino Mendes (Ov.)	7
4.º	Manuel Castro (Acad.) ...	6
5.º	Pedro Junior (Sp.)	5
6.º	João Gomes (Ov.)	4
7.º	Sousa Cardoso (F.C.P.) ...	3
8.º	Carlos Carvalho (F. C. P.)	2
	Jorge Corvo (Gin. Tav.) ...	2
10.º	Ilídio do Rosário (Benf.)	1

Etapa «RÁDIO»

NÚMEROS E NOMES

no fim da 8.ª tirada

A MARCHA DA VOLTA

O que está percorrido...

1.º	— Estádio das Antas	9
2.º	— Gaia-Furadouro	134
3.º	— Circuito do Furadouro	6
4.º	— Ovar-Alpiarça	253
5.º	— Alpiarça-Lisboa	105
6.º	— Estádio Alvalade	9
7.º	— Cacilhas-Beja	240
8.º	— Beja-Tavira	151
	Total	907

...e o que falta percorrer

9.º	— Pista de Tavira	9
10.º	— Tavira-Evora	255
11.º	— V. Viçosa-Portaleg. (a)	75
12.º	— Portalegre-P. da Saude	175
13.º	— Covilhã-Vila Real	204
14.º	— Vila Real-Porto	118
15.º	— Pista das Antas	9
16.º	— Circuito de V. Conde	73
17.º	— V. do Conde-Monção ...	141
18.º	— Monção-Sangalhos	235
19.º	— Curia-Malveira	246
20.º	— Malveira-Lisboa	135
	Total	1675

(a) Disputada contra-relógio.

Quadro de honra

Vencedores das tiradas

1.º — Peixoto Alves (Bfc.)
2.º — José Pacheco (F. C. P.)
3.º — José Pacheco (F. C. P.) e Lima Fernandes (Alpiarça).
4.º — Lima Fernandes (Alp.)
5.º — José Pacheco (F. C. P.).
6.º — Lima Fernandes (Alp.).
7.º — Azevedo Maia (F. C. P.).
8.º — José Pacheco (F. C. P.).

Portadores da camisola amarela

Na 2.ª — Peixoto Alves (Benfica)
Na 3.ª — Ilídio do Rosário (Bfc.)
Na 4.ª — Ilídio do Rosário (Bfc.)
Na 5.ª — Ilídio do Rosário (Bfc.)
Na 6.ª — José Pacheco (F. C. P.)
Na 7.ª — José Pacheco (F. C. P.)
Na 8.ª — José Pacheco (F. C. P.)

Vencedores das contagens do Prémio da Montanha

1.º — Laurentino Mendes (Ovar.)
2.º — Mário Silva (F. C. P.).

O AMÉRICA EMPATOU COM O DUKLA na superfinal do Torneio de Nova York

CHICAGO, 9 — O Dukla, da Checoslováquia, empatou a uma bola com o América, do Brasil, no primeiro jogo a contar para a «American Challenge Cup» de 1962, disputado ontem á noite. Ao intervalo: 0-0.

Alinharam:

AMÉRICA — Ari; Oliveira, Jorge de Sousa e Wilson dos Santos; Ari Gonçalves e Sebastião Leónidas; Ivan Freitas, Hélio Cruz, Carlos Vasconcelos, José Candido e Jorge Alencia.

DUKLA — Pavel Kouba; Frantesek Safranex, Jiri Cadek e Ladislav Novak; Svatopluk Plukal e Josef Masopust; Jan Brumovsky, Milan Dvorak, Jaroslav Borovicka, Rudolf Kucera e Josef Adamec.

Assistiram ao prélio 15 282 espectadores.

Na primeira parte, apesar de jogarem em grande velocidade, nenhuma das equipas conseguiu marcar, devido á maneira acertada como as defesas actuaram. Porém, aos vinte e quatro minutos da segunda parte, o interior-direito checo, Milan Dvorak, fez funcionar o marcador, com um remate indefensável atirado de curta distancia e, aos trinta e três minutos, os brasileiros empataram por intermédio do extremo-direito Hélio Cruz, que finalizou um canto marcado por Nilo da Cunha.

Apesar dos esforços de ambas as equipas o marcador não voltou a funcionar até final do encontro. As duas equipas voltam a defrontar-se, no jogo da segunda «mão», no domingo próximo, em Nova York. — (A. N. I.).

Belenenses-Benfica

na primeira jornada do «Nacional» de futebol

O sorteio do Campeonato Nacional da I Divisão deu o seguinte resultado:

1.ª JORNADA

Académica-Olhanense, Belenenses-Benfica, Lusitano-C. U. F., Barreirense-V. Setubal, Sporting-Atlético, V. Guimarães-Leixões e F. C. Porto-Feirense.

2.ª JORNADA

Olhanense-F. C. Porto, Benfica-Académica, C. U. F.-Belenenses, V. Setubal-Lusitano, Atlético-Barreirense, Leixões-Sporting e Feirense-V. Guimarães.

3.ª JORNADA

Olhanense-Benfica, Académica-C. U. F., Belenenses-V. Setubal, Lusitano-Atlético, Barreirense-Leixões, Sporting-Feirense e F. C. Porto-V. Guimarães

4.ª JORNADA

Benfica-F. C. Porto, C. U. F.-Olhanense V. Setubal-Académica, Atlético-Belenenses, Leixões-Lusitano, Feirense-Barreirense, e V. Guimarães-Sporting.

5.ª JORNADA

Benfica-C. U. F., Olhanense-V. Setubal, Académica-Atlético, Belenenses-Leixões, Lusitano-Feirense, Barreirense-V. Guimarães e F. C. Porto-Sporting.

6.ª JORNADA

C. U. F.-F. C. Porto, V. Setubal-Benfica, Atlético-Olhanense, Leixões-Académica, Feirense-Belenenses, V. Guimarães-Lusitano e Sporting-Barreirense.

7.ª JORNADA

Benfica-Atlético, Olhanense-Leixões, Académica-Feirense, Belenenses-V. Guimarães, Lusitano-Sporting, F. C. Porto-Barreirense e C. U. F.-V. Setubal.

8.ª JORNADA

V. Setubal-F. C. Porto, Atlético-C. U. F., Leixões-Benfica, Feirense-Olhanense, V. Guimarães-Académica, Sporting-Belenenses e Barreirense-Lusitano.

9.ª JORNADA

V. Setubal-Atlético, C. U. F.-Leixões, Benfica-Feirense, Olhanense-V. Guimarães, Académica-Sporting, Belenenses-Barreirense e F. C. Porto-Lusitano.

10.ª JORNADA

Atlético-F. C. Porto, Leixões-V. Setubal, Feirense-C. U. F., V. Guimarães-Benfica, Sporting-Olhanense, Barreirense-Académica e Lusitano-Belenenses.

11.ª JORNADA

Atlético-Leixões, V. Setubal-Feirense, C. U. F.-V. Guimarães, Benfica-Sporting, Olhanense-Barreirense, Académica-Lusitano e F. C. Porto-Belenenses.

12.ª JORNADA

F. C. Porto-Leixões, Feirense-Atlético, V. Guimarães-V. Setubal, Sporting-C. U. F., Barreirense-Benfica, Lusitano-Olhanense e Belenenses-Académica.

13.ª JORNADA

Leixões-Feirense, Atlético-V. Guimarães, V. Setubal-Sporting, C. U. F.-Barreirense, Benfica-Lusitano, Olhanense-Belenenses e Académica-F. C. Porto.

Concluem-se hoje os torneios de pugilismo da Associação de Lisboa

Hoje, á noite, na Rua do Passadiço, realiza-se a sessão final do «Torneio de Principiantes» e «Cinturões de Lisboa».

A sessão tem grande interesse uma vez que se defrontam os melhores pugilistas das anteriores eliminatórias. O programa completo é o seguinte:

TORNEIO DE PRINCIPIANTES (combates em 3 assaltos de 2 minutos) — *Leves:* João Coelho (Sporting)-João Gameiro (Cova da Piedade); *Mínimos:* Gabriel Rodrigues (Ginásio do Sul) - Fernando Matos (Cova da Piedade); *Final de meios-leves:* José Alves (Sporting)-Aníbal Rodrigues (Cova da Piedade); *Final de leves:* Diamantino Rodrigues (Cova da Piedade) - João Parreira (Rio de Janeiro).

CINTURÕES DE LISBOA (combates em 4 assaltos de 2 minutos) — *Final de levíssimos:* José Anjos (R. de Janeiro)-Aníbal Silva (Sporting); *Final meios-leves:* Eduardo Neves (Sporting) - João Marques (Cova da Piedade); *Final meios-médios super:* Joaquim Almeida (Desportivo Mouraria)-Manuel Antunes (Sporting).

HOIE, À NOITE

ANIVERSARIO — Da Liga de Algés: sessão solene, na sede, ás 21 e 30.

HANDEBOL DE SETE — Campeonato Nacional de Seniores: Sporting-Benfica, no Campo de Ourique, ás 22 e 30.

— Campeonato Nacional de Juniores: Sporting-Benfica, no Campo do Ourique, ás 21 e 30.

PATINAGEM ARTISTICA—Exames de 1.ª, 2.ª, 5.ª e 6.ª categorias, no Pavilhão dos Desportos, ás 21 horas.

PUGILISMO — Torneio de Principiantes e «Cinturões de Lisboa» (finais), no Passadiço, ás 21 e 30.

O uso da Talidomida em Portugal

(Continuação da página central)

chegando a um ano e foi retirado do mercado na mesma época do anterior.

«Ambos os medicamentos tinham sido autorizados nos termos legais, mas sob condição de só poderem ser vendidos sob receita médica» — vincou.

Medicamentos proibidos

Arquivadas as esclarecedoras declarações do director-geral da Saude, inquirimos sobre uma questão da maior oportunidade:

— Julgamos saber que têm aparecido, ultimamente, alguns outros e novos produtos farmacêuticos, aos quais se atribuem efeitos secundários, e que foram retirados do mercado. Confirma-se esta suposição? Quais os medicamentos?

Sem qualquer hesitação, o nosso amável interlocutor afirmou-nos:

— Foram efectivamente retirados do mercado, recentemente, vários medicamentos, com base no Triparanol. Trata-se de quatro preparados industrializados no nosso País, sob as denominações de: «Trifesterol», «Lisosterol», «Colvason» e «Merpanol». Tratava-se de medicamentos destinados a diminuir o nível do colesterol sanguíneo em doentes com arteriosclerose, mas veio a reconhecer-se que o seu uso prolongado acarretava acções secundárias que suscitavam apreensões.

«São tão activos que se podem tornar perigosos...»

O amável acolhimento que nos concedeu o sr. dr Augusto Travassos proporcionou-nos novos e aliciantes motivos de interesse. A fim de aprofundarmos mais o problema, e porque sabíamos da participação daquela individualidade na ultima assembleia da Organização Mundial de Saude, interrogámos:

— Na recente reunião da O. M. S. foi tratado do problema da Talidomida. Qual a posição portuguesa sobre o assunto? Quais as disposições tomadas?

Algo surpreendido com a pergunta (talvez indiscreta) do jornalista, o director-geral de Saude necessitou de algum tempo para coligir algumas nótulas, dispersas por vários «dossiers». De posse das referências indispensáveis, o sr. dr. Augusto Travassos asseverou-nos:

— Na 15.ª Assembleia Mundial de Saude, reunida em Maio passado, foi levantado, pelo grupo das delegações escandinavas, o problema intitulado «Avaliação Clínica e Farmacológica das Preparações Farmacêuticas».

«Foi dito que embora se reconheça que a Medicina deve muito á industria farmacêutica, na parte da sua contribuição para o progresso da quimioterapia, também se está verificando que muitos produtos novos são tão activos que se podem tornar perigosos, produzindo efeitos secundários indesejáveis». — advertiu.

«Os sistemas de verificação comportam lacunas»

Cuidadosamente, acrescentou:

— Casos recentes têm demonstrado que os sistemas de verificação existentes comportam lacunas e que se torna necessário melhorar a avaliação clínica dos novos produtos farmacêuticos. Chamou-se especialmente a atenção para o caso dos preparados farmacêuticos com base no «Thalimodide» e para alguns medicamentos de acção psíquica, tais como os ataráxicos. Pôs-se em foco as dificuldades da avaliação clínica da actividade dos medicamentos e principalmente de demonstrar os efeitos secundários tóxicos resultantes de um uso prolongado, porque isso exige a observação de um grande numero de doentes, durante muito tempo e segundo regras uniformes de experimentação.

«Por todas estas razões — disse — sugeriu-se a necessidade da cooperação internacional, no que diz respeito ás técnicas de experimentação e á difusão dos resultados. Para isso se pediu a intervenção da O. M. S. O assunto foi largamente discutido, ficando bem evidenciado que, se por um lado há manifestas razões para criar um estado de apreensão, também se reconhece que se apresentam grandes dificuldades de avaliação, para determinar de uma maneira segura a inocuidade das preparações farmacêuticas, sabendo-se tanto mais que os seus efeitos nocivos não são sempre imediatamente aparentes».

«Incumbe assegurar que os medicamentos sejam eficazes»

E, o nosso interlocutor prosseguiu no relato, síntese magnífica e concludente, do que se passou na citada Assembleia Mundial de Saude:

— Depois de larga ponderação e sem deixar de ficar bem patente a urgência de assegurar o intercambio das indicações referentes á toxicidade ou nocividade das preparações farmacêuticas, foi aprovada em sessão plenária uma resolução em cujo preambulo se refere o aumento crescente do numero de preparações novas que são introduzidas no mercado; os factos recentes que demonstram deficiências na averiguação da sua inocuidade e que elas estão sobretudo ligadas á insuficiência dos ensaios clínicos; que a avaliação clínica representa o elemento final de apreciação das preparações farmacêuticas e o principal meio de demonstrar os efeitos secundários perigosos que resultam do seu uso prolongado; que os ensaios clínicos necessitam de muito tempo, e da observação de um numero considerável de casos segundo princípios universalmente aceites; que a cooperação internacional poderia facilitar a experimentação e as conclusões, mas que, no entanto, incumbe ás autoridades sanitárias nacionais assegurar que os medicamentos sejam terapêuticamente eficazes e que os seus perigos potenciais sejam plenamente conhecidos.

Objectivos a atingir

Seguidamente, e ainda integrado no mesmo tema, o sr. dr. Augusto Travassos revelou-nos:

— Concluiu a resolução por solicitar que o director-geral, com a assistência da «Comissão Consultiva da Investigação Médica», estude os problemas científicos que decorrem da avaliação clínica e farmacológica das preparações farmacêuticas. Ainda se pede que o Conselho Executivo da Orgarrização estude com o director-geral a possibilidade da O. M. S.: a) — estabelecer normas mínimas fundamentais e escolher métodos «standard» recomendados para a avaliação clínica e farmacológica das preparações farmacêuticas; b) — assegurar a troca regular de informações sobre a inocuidade e eficácia das preparações farmacêuticas; c) — assegurar, principalmente, a rápida transmissão ás autoridades nacionais das informações novas sobre efeitos secundários graves de preparações farmacêuticas.

«A delegação portuguesa — disse — não deixou de tomar posição no decurso da discussão deste assunto».

A ânsia de vida fácil

Porque, compreendendo que, embora justificada a nossa curiosidade, a atenção do director-geral é solicitada para outros problemas do seu movimentado departamento, entendemos que não poderíamos, por mais tempo, prender a atenção do sr. dr. Augusto Travassos. Assim, alinhámos a ultima duvida:

— Em face do exposto, cuja importancia se torna desnecessário encarecer, quais as disposições que a Direcção-Geral de Saude pensa adoptar?

Resposta pronta:

— Como se verifica, este assunto mereceu o maior interesse por parte da Assembleia e, em boa verdade, a sua excepcional importancia justifica-o. Não nos podemos alongar nas extensas considerações que viriam a propósito e, por isso, diremos apenas, sintéticamente, que se tem de verificar que a moderna industria farmacêutica tomou um incremento que fez avolumar o interesse comercial em proporções assombrosas e que, ao mesmo tempo, se desenvolveu no espírito do publico um verdadeiro entusiasmo pelo uso de drogas. Pode discernir-se um traço de ligação entre as duas tendências, que reside na intensificação e modernização dos métodos de propaganda científicamente organizados.

E juntou:

— O aparecimento recente de drogas extraordinàriamente activas, sobre várias facetas do comportamento do sistema nervoso, seja de acção excitante, seja depressora, ou mesmo de tendências mistas e, até, com promessas reguladoras de desvios da normalidade, foi bem recebido na época que passa, na qual domina a instabilidade de vida, a falta de confiança no futuro e a ansia de vida fácil, que se não compadece com sofrimentos ou preocupações.

As «doenças dos medicamentos»

Asseverou-nos depois:

— Não há duvida de que os resultados iniciais se revestiram de aparências brilhantes, seduzindo pelos seus efeitos imediatos, mas rápidamente foi dado observar que o estudo apressado dessas drogas tão potentes não permitia formar opinião suficientemente documentada sobre vários factores da maior importancia, como sejam, por exemplo, o seu grau de nocividade pelo lógicas secundárias de manifestação principalmente tardia, as possibilidades de habituação promotoras de ciclos viciosos, etc.

Sublinhou, então:

— Em resumo, o fulgor estonteante das novas drogas ofuscava e deixava na sombra algumas consequências desastrosas, que levavam a comprar curtos momentos de felicidade á custa de largos sofrimentos subsequentes. E, o caso é tão grave que já se começa a falar nas «doenças dos medicamentos». Com isto se gerou uma caudalosa corrente de potentes interesses que quebram lanças por manter o seu poderio.

«A luta é tremenda e a rede não é forte e apertada...»

Uma frase do sr. dr. Augusto Travassos:

— Opõem-se-lhe as Comissões Técnicas de Estudo dos Novos Medicamentos, os Laboratórios de Comprovação e Aferição de Medicamentos, as fiscalizações exercidas pelos Serviços de Saude, etc. E' incontestável a utilidade da acção coordenada deste mecanismo de defesa, mas, por mais que os seus responsáveis se couracem, dentro do escrupulo do cumprimento dos seus deveres e da concepção da dignidade profissional e da função, a luta é tremenda e mesmo a rede não é suficientemente forte e apertada para não deixar passar pelas suas malhas alguns elementos do inimigo

«Como se depreende do que dissemos a propósito do que se passou na O. M. S. — advirtiu —, o problema técnico apresenta dificuldades de grande monta, quase insuperáveis na prática, tanto mais que a ele se adiciona um problema de ordem moral, com base no interesse que mais complica o primeiro».

Procura-se uma solução

O director-geral de Saude, afirmou-nos ainda:

— Haveria muito que dizer sobre este assunto, mas seria transcender os limites de uma simples entrevista e, por isso, por aqui ficamos, não sem recordar que já se começa a esboçar, por esse Mundo fóra, uma tendência á reacção contra estas modernas linhas de rumo, procurando-se uma solução no terreno de confluência entre os interesses da Saude Publica e o conjunto técnico-comercial que se desdobra em industria, comércio e distribuição de medicamentos. Para finalizar, e a título de esclarecimento, diremos que a nossa «Comissão Técnica dos Novos Medicamentos», criada pelo Decreto n.º 41 448, de 18 de Dezembro de 1957, e que iniciou os seus trabalhos em Novembro de 1958, já estudou, até Junho do corrente ano, 1405 processos de introdução de novos medicamentos. A percentagem total de pareceres favoráveis foi de 65,5 por cento. Todos os novos medicamentos são submetidos a análise nos laboratórios da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos — esclareceu — que funcionam como laboratório de comprovação de medicamentos, por a Direcção-Geral de Saude não dispor de laboratórios próprios. A autorização final, da Direcção-Geral de Saude, discrimina, sempre, quais os medicamentos que só podem ser vendidos sob receita médica e utilizados sob vigilancia médica. A análise laboratorial limita-se á identificação das drogas e á fiscalização da composição e seus teores em substancia activa — acrescentou

«É o que se pode fazer com os meios ao nosso alcance...»

Finalmente, o sr. dr. Augusto Travassos disse-nos:

— Tudo o que diz respeito a toxicidade, inocuidade, estabilidade e acção farmacológica e farmacêutica, é estudado pelo laboratório produtor e relatado no processo que apresenta e é estudado pela Comissão. Também se exige documento comprovativo de que o medicamento está á venda no país de origem.

E, a concluir, afirmou-nos:

— E' o que se pode fazer com os meios ao nosso alcance, e seria para nós de grande importancia o conhecimento precoce, em notificação bem fundamentada, de todos os acidentes que possam ser observados. Era uma colaboração muito de agradecer, em problema tão complexo e rodeado de tantas dificuldades.

Linha de SINTRA

Vista do Monte Sereno, no cimo do qual se vê o «Castelo do Gregório»

PORQUE NÃO SE ADAPTA O EDIFÍCIO ACASTELADO DO MONTE SERENO A POUSADA DE TURISMO?

Quem subir o Monte Sereno, sobranceiro a S. Pedro de Sintra, pelo flanco setentrional da encosta aguça-lhe a curiosidade o morro encimado por um edifício vetusto e ameado, vulgarmente conhecido por «Castelo do Gregório».

Apresenta aspecto de confrangedor abandono e de acabamento incompleto, muito embora a sua imponência empreste áquelas cumeadas o cunho sóbrio de atalaia medieval, oferecendo, á distancia, belo aspecto de grande valia decorativa, a sobressair da exuberante floresta.

Encerra aquela magnífica varanda de Sintra, com aparência de casa misteriosa, um tumulto de queixumes amordaçados nas suas paredes, hoje mais do que nunca tidos como afronta — por perniciosos — para o património turístico nacional

Foi erigido para servir de pousada, há cerca de 40 anos, pelo falecido industrial de pastelaria de S. Pedro de Sintra, sr. Gregório Casimiro Ribeiro; mas, por motivos óbvios, não o pôde concluir. Gastou naquela obra toda a fortuna, que quisera pôr ao serviço de larga visão turística.

O ar nostálgico — proveniente do ostracismo inexorável — que o mono enguiçado há longos anos ostenta, bem merece já o indulto dos homens e o seu imediato aproveitamento no turismo hodierno.

A consolidação da infra-estrutura turística sintrense necessita de equipamento para poder guindar-se ao lugar a que tem jus — 1.ª cartaz do turismo nacional — e este castelo transformado na pousada para que foi idealizado, ou mesmo numa «boîte», além de ajudar a suprir a falta de hoteis, teria a garantia, num dos mais belos recantos da Sintra romantica, de fortes possibilidades lucrativas, onde nada existe «sui generis» para fixar o visitante, o que, em boa verdade, parece paradoxal.

Quanto á situação, não se pode exigir melhor, porquanto o panorama que dali se desfruta é absorvente e, ao invés, avista-se de todas as vias de comunicação que conduzem á «Sala de Visitas de Portugal», como, por exemplo, a paragem do comboio na Portela, que mais parece um convite ao passageiro para inebriamento do espírito na moldura verdejante da serra, composta por um tridente, sobre o qual se encontram encastoados o majestoso Palácio da Pena, o castelo do Gregório e o histórico Castelo dos Mouros, do que para cumprir horário.

Outra romantica imagem se abarca na Volta do Duche, para não citar outros recantos miríficos, onde as forças da Natureza, encobertas pelo manto esmeraldino de cambiantes fantásticas, escorrendo pela encosta numa avalancha contínua, sensacionalmente agradável, arrecadam na meia vertente tão singular sentinela a perscrutar o horizonte.

Apesar do imóvel pertencer hoje aos herdeiros do sr. J. Coelho Pacheco, julgamos que exista por parte dos actuais proprietários o mesmo denominador comum de ideias que orientou o sr. Gregório, isto é, torná-lo util. Para tanto bastará que as entidades ligadas a tal empreendimento, ou sejam, a Camara de Sintra, a sua Comissão Municipal de Turismo e o S. N. I., envidem esforços no sentido de acordarem com o senhorio.

A maior dificuldade a remover é, sem duvida, a parte respeitante a acessos, óbice que seria bastante facilitado se atendermos ao esforço que a Comissão de Melhoramentos pró-S. Eufémia está a desenvolver sob a orientação do sr. Afonso do Nascimento, para dar áquela zona, berço de Sintra, entre outros melhoramentos, uma estrada transitável.

Equacionado este problema, estavam, práticamente, achadas as incógnitas relativas aos acessos do castelo do Gregório e do Palácio da Pena, em virtude do declive pelo lado meridional da serra ser muito mais suave, melhoramento que auxiliaria Sintra a progredir, resultando daí grandes benefícios para o transito da Pena, nomeadamente no que se refere a camionetas de passageiros.

CANDIDO LUÍS

Cinemas

AMADORA — *Recreios Desportivos* — Às 15 e ás 21 e 15: «O amor que a mulher deseja» e «Os crimes da rã» (17 anos).

QUELUZ — *Queluz Cine* — Às 21 e 15: «Bonecas de carne» e «Ladrões de gado» (17 anos).

MEM MARTINS — *Cine Chaby* — Às 21 e 30: «As aventuras de Hajji Bábá» (17 anos).

SINTRA — *Carlos Manuel* — Às 21 e 30: «A volta de Callaghan» (12 anos).

ERICEIRA — *Cine-Casino* — Às 21 e 15 «As duas gémeas» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — *Campos* — Rua Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); *Clabel* — Rua António Sardinha, lote 5, loja B (Tel. 931551).

QUELUZ — *André* — Avenida Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); *Queluz* — Avenida Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 9518441).

SINTRA — *Marrazes* — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155).

S. PEDRO DE SINTRA — *Martim* — Tel. 980456).

BURACA — *Vaz Martins* — Rua António Ferro, M.A.D. (T. 931690).

DAMAIA — *Confiança* — Estrada Militar, lote D (Tel. 934023).

Externato Angolano
Ens. Infantil — Primário — Técnico
Ambos sexos. Transporte.
Tel 701338

Boletim do dia

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 9 de Agosto de 1932 publicava:

Foi enviado para o «Diário do Governo» um decreto, nomeando nova comissão administrativa da Camara Municipal. Dela fazem parte, como presidente, o sr. general Vicente de Freitas, que já o era da comissão anterior, sendo vice-presidente o sr. tenente-coronel Linhares de Lima, ministro da Agricultura do gabinete cessante, e vogais os srs. tenente-coronel de engenharia Julio César de Carvalho Teixeira, antigo titular da pasta do Comércio; engenheiro Afonso de Melo Cid Perestrelo; major de artilharia Alvaro de Salvação Barreto; António Nunes da Silva Frade e engenheiro-agrónomo António Peres Durão.

RÁDIO

EMISSORA — *Programa «A»* — 451 m — 655 kc/s — Às 17 horas: A casa e o mundo; 17 e 30: Canções-netas; 17 e 45: Orquestras ligeiras; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: De Tavira, uma reportagem da 8.ª «étape» da XXV Volta a Portugal em Bicicleta; 19 e 15: O Quinteto de Fela Sowande; 19 e 30: Defesa Nacional: «A Comunidade Luso-Brasileira»; 19 e 40: Concerto, pelo sexteto de cegos; 20: Jornal sonoro; 20 e 20: Melodias pela Orquestra de Dave Rose; 20 e 30: Fala Portugal; 20 e 45: A nossa terra; 21: Varanda da Europa e Crónica de Angola; 21 e 40: O pianista Buddy Cole e conjunto; 21 e 45: Teatro das Comédias: «Os Milagres do Desprezo», de Lope de Vega, adaptação de Leopoldo Araujo; 22 e 20: Recreio espanhol; 22 e 30: Musica portuguesa; 22 e 45: 2.ª emissão de jornal sonoro; 23: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 23 e 10: O harpista Harpo Marx e a sua orquestra; 23 e 20: Onde a terra se acaba e o mar começa; 23 e 45: Noticiário; 0 horas: Encerramento.

Programa «B» — 397 m — 755 kc/s — Às 19: Intérpretes musicais; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Festival Stocolmo, 1962, gravações cedidas pela Rádio Sueca: «Concerto para violino e orquestra n.º 4, em ré maior, K. 218», de Mozart pelo violinista Zino Francescatti e Orquestra Sinfónica de Rádio Sueca, dirigida por Stig Westerberg; 20 e 27: «Preludio e fuga em ré menor, op. 87 n.º 24», de Chostakovitch, pelo pianista Emile Guilhels; 20 e 40: Árias de óperas, de Puccini pelo soprano Anny Schlemm; 21: Noticiário; 21 e 20: Separador; 21 e 30: Musica e poesia; 21 e 50: Concerto por um trio constituído por Katharina Heinz (piano), Antonino David (violino) e Maria de Macedo (violoncelo); 22 e 15: Horizonte, semanário de letras e artes; 22 e 45: «Para Além dos Montes e Muito Longe», poema sinfónio, de Délius, pela Orquestra Filarmónica Real, dirigida por «sir» Thomas Beecham; 23: A Voz do Ocidente, programa internacional; 1 hora: Encerramento.

RÁDIO CLUBE — Às 17: Solistas; 17 e 15: Programa da Associação Luís Braille; 17 e 30: Motivos portugueses; 17 e 45: Noticiário e programa variado; 18: Fados e guitarradas; 19 e 45: Noticiário e programa variado; 21 e 45: Curso de língua inglesa; 23 e 30: Orquestra; 23 e 45: Noticiário e programa variado; 3 horas: Fecho.

Emissor de Miramar — Às 17 e 30: Solistas; 17 e 45: Noticiário; 18: Ritmos de baile; 19 e 15: Imagens por musica: 20: Noticiário; 20 e 10: O homem do dia; 20 e 30: Curso de língua inglesa; 21: Noticiário; 21 e 15: A voz do trabalho; 22 e 15: Programa «jazz»; 22 e 45: Cançonetas; 23: Trechos recreativos; 23 e 30: Ritmos de baile; 23 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — Às 18: «Gaudeamus Igitur», anuncio da estação e resumo; 18 e 2: Nota de abertura; 18 e 5: Novidades em disco; 18 e 15: Um ritmo — «A polca»; 18 e 25: Discos pedidos — Secção clássica; 18 e 45: Noticiário; 18 e 50: Os dois ultimos discos; 18 e 53: Resumo do programa do dia seguinte; 18 e 54: Anuncio de encerramento e marcha da M. P.; 18 e 55: Fecho da emissão.

RÁDIO RENASCENÇA — Às 18: Passatempo para o lar; 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19 e 5: Educação é posição; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: O meu programa; 20: França, Horizonte do Mundo; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditando; 21 e 15: Estrelas da alvorada; 21 e 30: Recital de poesia, por Carlos Pinho; 21 e 50: Melodias do Poente; 22: Quando o telefone toca; 2 horas: Encerramento.

EMISSORES ASSOCIADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Graça; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 á 1: Clube Radiofónico de Portugal.

MARÉS

PREIA-MAR

Dia 9 — Às 10 e 07 (3.21 m.): 22 e 38 (3,21 m.).
Dia 10 — Às 11 e 24 (3,23 m); 24 horas (3,21 m).
Dia 11 — Às 12 e 44 (3,34 m.).

BAIXA-MAR

Dia 9 — Às 3 e 30 (1.63 m.); 16 e 08 (1,73 m.).
Dia 10 — Às 4 e 50 (1,67 m); 17 e 30 (1,70 m).
Dia 11 — Às 6 e 01 (1,58 m.); 18 e 44 (1,54 m.).

TELEVISÃO

Às 19 e 30, Abertura; 19 e 32, Telejornal (edição da tarde); 19 e 45, Episódio da série Rin-Tin-Tin; 20 e 10, Vida sã em corpo são; 20 e 30, Rosa dos Ventos; 21, Os grandes musicos — Berlioz; 21 e 30, Telejornal (edição da noite); 22 e 05, Programa Mabor: episódio da série «Tightrope»; 22 e 30, Fantasia musical (transmissão dos estudios do Porto); 23, Aventuras de Eva, com Eva Todor, Alina Vaz e Alexandre Vieira; 23 e 20, XXV Volta a Portugal em bicicleta; 23 e 35, Telejornal (ultimas notícias).

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — As 21.45 — «Meu amor é traiçoeiro»

CINEMAS

S. JORGE — «A serpente do Oeste».
MONUMENTAL — «O conde de Luxemburgo».
EDEN — «Dois vivos e um morto».
SÃO LUÍS — «Diplomata em apuros».
IMPÉRIO — «O rei dos ladrões».
ALVALADE — «Diplomata em apuros».
COLISEU — «Timbuktu».
ODEON — Violetas imperiais.
POLITEAMA — «Anastásia».
ESP. PORTUGÁLIA — «A rainha do Tabarin».
SALÃO LISBOA — «Os Bandeirantes».
S. L. BENFICA — «Assim nasce um bandido».
RESTELO — «Marujos de água doce».
LIS — «Os olhos postos em ti».

CINEMAS

(Para maiores de 17 anos)

TIVOLI — «A roda da sorte».
preto»
CONDES — «Pintor em apuros».
ROMA — «R. P. Z. chama Berlim».
AVIS — «A bela molei...».
CAPITÓLIO — «Pepe, o bravo».
ROYAL — «Mulher três vezes».
CHIADO TERRASSE — «A foice em seara verde».
IDEAL — «A morte de Belle».
OLIMPIA — «O mundo nos seus braços».
CINE MOSCAVIDE — «Casamento escandaloso».
ARCO-IRIS — «Duelo na cidade fantasma».
CINE-ESPLANADA ODIVELAS — «Um pé no inferno».
PAVILHÃO PORTUGUÊS — «A esperança nunca morre».
JARDIM CINEMA — «Jack, o dinamite».
CAMPOLIDE — «Com os dias contados»

FARMÁCIAS

TURNO L

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Caramão da Ajuda, Est. da Cruz, 20-C-D (633248)
ALCANTARA — Nogueira, R. da Creche, 2 (631635).
ALVALADE — Paris, Est. da Portela, lote 5 (710131) * Cartaxo, Av. da Igreja 21-C (776358)
AMOREIRAS — D João V, R. D. João V, 16-C (682772)
ANJOS — Matos, R. Alvaro Coutinho, 10 (404712).
AREEIRO — Avis, Av de Roma, 56-B-C (776070) * Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggia 12 (727721) * João XXI Av João XXI 16-A (726462).
ARROIOS — Fonseca, R. Carvalho Araujo, 46-B-C (841708).
AVENIDAS NOVAS — Fátima, Av de Berna, 24-B (763107) * Avenidas, Avenida da Republica, 27-A (733688) * Império, R Filipe Folque, 40-A-B (48002).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (389216).
BAIXA — Americana, Calç de Santana, 3 (863984) * Nacional, R. do Salitre, 7 (46858) * Avelar, R. Augusta, 225 (323977)
BELÉM — Remisio, R dos Jerónimos, 14-C (631699) * Sepol. Calç. da Boa Hora, 94-A (631958).
BENFICA — Lisboa, R Cláudio Nunes lote 2 (703393) * Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027)
CAMÕES — Combro, Calçada do Combro 78 (326059) * Azevedo, Irmão & Veiga, R da Misericórdia 24 (323540)
CAMPO DE OURIQUE — Castro Fonseca, R 4 de Infantaria, 28-A (688857) * Ourique, R Freitas Gazul, 32-B (671667)
CAMPOLIDE — Lab. R Rodrigo da Fonseca 101-101-A (682333) * Salutar, R. B n.º 75-A-B (Bairro da Liberdade) (683694) * Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A (680627).
CARNIDE — Leal de Matos, R. Neves da Costa, 33-35 (780181).
CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge 1.
CONDE DE REDONDO — Capuchos, Rua Luciano Cordeiro 2-A (52076).
ENTRECAMPOS — Galeno, Av Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920) * São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (771469).
* Oriente, R Lopes, 120 (843381).
ESTEFANIA — Mundial — Largo de D Estefania, 9 (45578)
ESTRELA E LAPA — Lapa, Rua dos Navegantes, 10 (661734) * Janeiro, Av Alvares Cabral 100 (660627).
GRAÇA — Monte, Rua Senhora do Monte, 30-A-B (867842) * Rosa & Viegas, R. de S Vicente, 31 (864351) * Bastos Andrade, Cal. de St André, 107-111 (860450) * Santo António, R. Leite de Vasconcelos, 72-C (862333).
LUMIAR — Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (790942).
MADRAGOA — Lealdade, R. do Olival, 226 (663441).
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (389237).
PALHAVÃ — Aguiar, Av Columbano Bordallo Pinheiro, 98-A (764629).
PATRIARCAL — São Marçal, R de S Marçal 100 (25318)
PENHA DE FRANÇA — Carrondo, R Padre Sena Freitas 10-A (842518).
PICHELEIRA — Luzmar, R João Nascimento Costa, n. 16-A, Bairro de St.ª Engrácia) (728395-720703).
REGO — Universitária, R. O. n.º 29-D (Bairro Santos) (778953).
ST.º AMARO — Teles, R João de Barros 2 (638249).
S. SEBASTIÃO — Sírius, Rua Fialho de Almeida, 36-E (44000).
SÉ — Nacional, R de S João da Praça, 26 (864351).
DE ST.º APOLÓNIA AO BEATO — Salter, R de Xabregas, 63-65 (381185)

HOJE DE SERVIÇO:

FARMÁCIA SIRÍUS

Rua Fialho de Almeida, 36 E
(ao Bairro Azul)
Tel. 44.000

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efec.	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 % T. 10 ...	—	—	645$00
Cons. 3 % T. 10	—	688$00	692$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	—	—	815$00
Centenários 4 % 1940...	—	1.850$00	1.860$00
Obg. Tes.2 1/2 % 1942	—	1.013$00	—
Obg. Tes.2 1/2 % 1943	—	1.013$00	—
Obg. Tes 2 1/2 % 1944	—	1.013$00	—
Externo 1.ª série.....	—	1.040$00	1.060$00
Ext 1.ª série car.	1.110$00	1.110$00	—
Externo 2.ª série	—	1.070$00	—
Ext. 2.ª série car.	—	1.070$00	—
Externo 3.ª série	—	1.300$00	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.300$00	—
Caut. 3. série s/j.	220$00	271$00	222$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 %	—	500$00	502$00
Norte de Portugal 5 %	—	—	—
Gás Elect. 3 3/4 % ...	—	—	940$00
Gás Elect. 4 %	—	940$00	950$00
Gás Elect. 4 1/2 % ...	980$00	980$00	—
Gás Elect. 5 %	—	1.002$00	1.015$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	85$00	—
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	96$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	98$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—
H. E. do Douro	980$00	975$00	980$00
H. E. S. Estrela 5%.	—	985$00	995$00
C. P. 4 1/2 %	—	1.002$00	1.004$00
Metropolitano	951$00	950$00	952$00
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	—	—
Angola	—	—	—
Espírito Santo	—	—	7.500$00
Lisboa & Açores	1.920$00	1.910$00	1.920$00
Portugal	1.750$00	1.730$00	1.780$00
Ultramarino	1.120$00	1.120$00	1.125$00
Agricultura	—	47$00	50$00
Seguros			
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	280$00	—
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
Soberana	—	1.500$00	—
C.as Ultramarinas			
Ag. Cassequel	555$00	555$00	560$00
Ag das Neves	—	—	—
Agric. Colonial	121$00	121$00	125$00
Açucar de Angola	—	—	670$00
Boror	—	90$00	—
Cabinda	—	—	—
Cadá	—	820$00	860$00

C.as Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Colonial do Buzi	91$00	91$00	91$50
Ilha do Principe	—	—	—
Incomati	—	970$00	990$00
Moçambique	—	36$00	40$00
Zambézia	—	56$00	56$50
Diamantes	430$00	429$00	433$00
Lobito	—	320$00	—
C.as Diversas			
Cimentos Tejo	—	—	700$00
Cimentos Leiria	—	—	—
Crédito Predial	—	34$00	36$00
Industrial Aliança	—	310$00	—
Portugal e Colónias ...	540$00	540$00	545$00
Nacional Navegação ...	—	750$00	800$00
Colonial Navegação ...	500$00	490$00	510$00
Port de Celulose	—	2.900$00	3.000$00
Portuguesa de Pesca...	—	1.000$00	1.065$00
Port. de Tabacos	251$00	250$00	252$00
Tabacos de Portugal...	—	455$00	475$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934.....	—	330$00	—
Aguas Lisboa 1936.....	—	320$00	—
Eléct. das Beiras	—	1.530$00	1.570$00
Gás e Electricidade ...	275$00	274$50	275$00
H. Alto Alentejo	143$00	143$00	143$50
H. E. Cávado	1.070$00	1.065$00	1.075$00
H. E. Zêzere	1.175$00	1.173$00	1.177$00
Nac. de Electricidade	1.178$00	1.175$00	1.180$00
União Eléctrica Port.	144$00	140$00	145$00
H. E. do Douro	—	1.020$00	1.030$00
H. E. Portuguesa	—	—	—
H. E. S. Estrela	—	—	—

PAISES	COMPRA	VENDA
Notas:		
Africa do Sul	38$25	39$50
Alemanha	7$07	7$27
América:		
Dólares de 1 a 2	28$20	28$50
Dólares de 5 a 1000	28$40	28$70
Argentina	$21	$25
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$56,5	$58,5
Brasil	$04,5	$06
Canadá	26$10	26$60
Congo	—$—	$14
Dinamarca	4$05	4$25
Espanha	$47,5	$48,5
França (N. Franco) ...	5$73	5$88
Holanda	7$85	8$10
Inglaterra	79$50	81$00
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	5$00	5$30
Noruega	3$90	4$10
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$55	6$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra) ...	280$00	290$00
Portugal — Barra	32$30	33$00
Portugal — Barra fino	32$50	33$20

PINTO de MAGALHÃES, LDA.
BANQUEIROS

Depósitos á ordem e a prazo. Descontos de letras s/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos Títulos e cupões

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99 — T PPC 366056 (5 linhas) Praça Paiva Couceiro, 12-E Telef 834724
PORTO: R Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 — PPC (7 linhas) — Peniche — Fátima — Amarante — Arcos de Valdevez — Vila da Feira — Elvas — Tomar

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
TELEF. 321273

DOMINGO,
12 DE AGOSTO DE 1962
EXCURSÃO DA C. P.
Colaboração da Empresa Geral de Transportes e da Companhia dos «Wagons-Lits»
DE LISBOA A PORTALEGRE, MARVÃO, CASTELO DE VIDE — e volta —

Preço único, em 1.ª classe: 215$00
Compreendendo viagem entre Lisboa e Portalegre, em comboio automotor «Foguete» (ar condicionado), o magnífico circuito turístico, por estrada, Portalegre, Marvão, Castelo de Vide, Portalegre, e o almoço na Quinta da Saúde, em Portalegre.

PARTIDA DA ESTAÇÃO DE LISBOA (SANTA APOLÓNIA) ÀS 7.10 h, COM REGRESSO À MESMA ESTAÇÃO ÀS 22.58 h

Aos Excursionistas será facultado serviço de restaurante e bufete no comboio

Jantar (preço especial) 28$50

Bilhetes á venda na estação de Lisboa (Rossio), na Agência da E. G. T., na Rua do Arsenal, 124-1.º, e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, nas: Avenida Praia da Vitória, 36, 38; Travessa do Cais do Tojo, 15; Rua Almeida e Sousa, 14-A; Avenida de Roma, 4-B; Rua Marquesa de Alorna, 22-A; e Rua dos Anjos, 77-A. LOTAÇÃO LIMITADA.

Agricultores franceses dispersos com gases lacrimogéneos

RODEZ (Sul da França), 9 — Foram lançadas granadas de gás lacrimogéneo contra agricultores franceses que durante a noite tentaram invadir o pátio da prefeitura local.

Quatrocentos agricultores, alegando que só poderão vender o seu gado nos mercados locais se o Governo ou o prefeito os auxiliarem nesse sentido, assediaram a prefeitura de Aveyron, sendo dispersos com gases lacrimogéneos quando tentaram penetrar no pátio do edifício. — (R.).

DESFRALDADA UMA BANDEIRA DA O. A. S. EM PARIS

PARIS, 9 — Muitos turistas estrangeiros viram a noite passada bombeiros retirarem uma bandeira, com a inscrição «O. A. S.» (Organização do Exército Secreto), de um telhado, na grande avenida central dos Campos Elíseos.

Antes dos bombeiros chegarem ao local, explodiu uma bomba de fumo no telhado do edifício, enegrecendo a atmosfera e a vizinhança. — (R.)

TUDO PODE ACONTECER

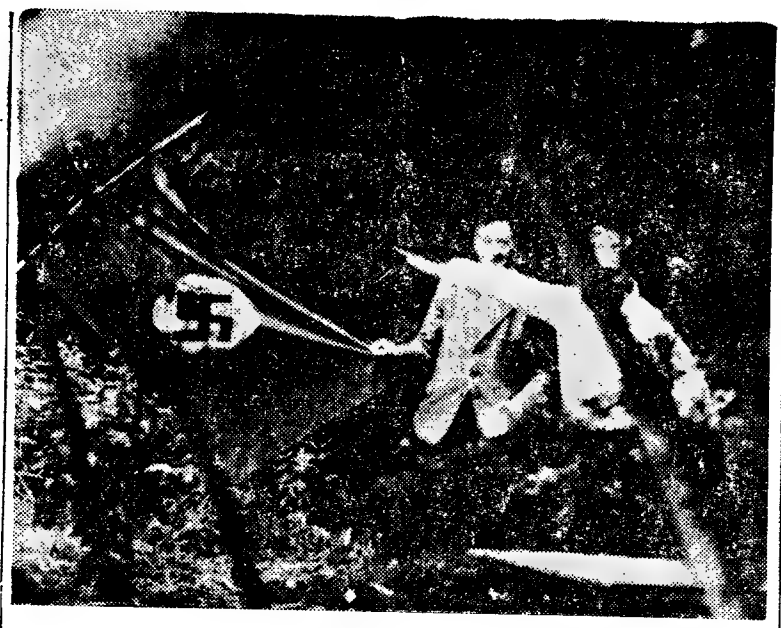
ROMA, 9. — Os mistérios da burocracia são insondáveis. Um habitante de Tolmezzo, pequena cidade na região de Udine, terá que pagar dentro de dez dias uma multa de 600 liras que lhe foi aplicada em 1938 «por ofensas ao fascismo», por força de uma lei publicada em 1930.

Uma interpelação escrita de numerosos parlamentares foi apresentada ao ministro da Justiça a propósito desse facto. — (F. P.).

PERSEGUIÇÃO PELOS TELHADOS DE MADRID

MADRID, 9 — Depois de uma espectacular fuga pelos telhados desta cidade, foram recapturados dois homens que eram conduzidos ao palácio da Justiça para serem julgados por roubo. Tendo conseguido escapar aos dois guardas que os escoltavam, os fugitivos enfiaram pela escada de um prédio, cujo terraço alcançaram e de onde passaram aos telhados vizinhos, sempre perseguidos pelos guardas, que acabaram por os encurralar e prender

Na rua, muita gente assistiu ao caso, julgando tratar-se das peripécias de um filme. — (A. N. I.).



A bandeira e a saudação nazis no acampamento que irados camponeses do Gloucestershire atacaram e arrasaram na noite de anteontem para ontem. A fotografia foi tirada antes da arremetida dos habitantes da região

Rockwell (o chefe nazi americano) foi esta manhã expulso de Inglaterra

LONDRES, 9 — George Lincoln Rockwell, o chefe do movimento nazi norte-americano, preso ontem á noite em Londres, foi enviado esta manhã de avião para os Estados Unidos.

Rockwell foi conduzido para o aeroporto de Londres sob escolta policial, seguindo no avião da carreira regular da «Pan-American» para Boston. Em cabelo e vestido de castanho, antes de transpor a porta do aparelho, levantou desafiadoramente o braço direito, fazendo a saudação nazi.

O facto de ter sido expulso de Inglaterra dispensou-o das formalidades alfandegárias.

Rockwell, que viera á Grã-Bretanha para tomar parte numa reunião de nazis de diversos países, fora transportado, após a sua prisão para a esquadra de Cannon Row, na City, em cujo calabouço passou a noite.

Ali, recebeu a visita de Colin Jordan, o chefe do movimento nazi britanico. «Os polícias disseram-me que não era possível recorrer» — declarou Jordan á saída.

Foi graças a um telefonema anónimo para a Scotland Yard, que quatro inspectores da Polícia conseguiram deitar a mão a Rockwell, quando este descia de um automóvel em Holborn Circus, próximo do bairro da Imprensa. «A ordem de expulsão vem a calhar» — disse aos agentes. — «Só tinha tirado bilhete de ida».

Antes da prisão, telefonara a um dos jornalistas do «Daily Mirror» afirmando-lhe que desejava entregar-se á Polícia.

Rockwell trazia consigo apenas uma pequena quantia em dinheiro inglês e algumas notas de dólar. — (F. P. e R.).

Os E.U.A. manifestam a sua «simpatia» pela política indiana

NOVA DELI, 9. — John Galbraith, embaixador dos Estados Unidos em Nova Deli, manifestou a noite passada a parlamentares indianos «toda a simpatia» que os Estados Unidos sentem pela União Indiana, relativamente aos problemas criados á India, pela China Popular.

O embaixador afirmou que a India e os Estados Unidos têm os mesmos pontos de vista, acerca do colonialismo.

Lembrou, a propósito, que, antes da intervenção indiana em Goa, reafirmara a opinião dos Estados Unidos de que «esses enclaves portugueses eram possessões coloniais no sentido clássico do termo».

«Os americanos» — disse ainda o embaixador — «não estão menos convencidos do que vós de que o tempo do colonialismo acabou». — (F. P.).

WASHINGTON PÕE EM CAUSA A AUTORIDADE DA COMISSÃO INTERNACIONAL DE ENERGIA ATÓMICA

WASHINGTON, 9 — Para poderem concretizar a venda de uma grande geradora nuclear á União Indiana, os Estados Unidos correm o risco de vibrar novo golpe na autoridade da Comissão Internacional de Energia Atómica — salienta-se nos círculos bem informados desta cidade.

Fundada depois e como consequência do discurso proferido pelo presidente Eisenhower nas Nações Unidas, em 1953, sob o tema «Átomos para a Paz», a Comissão internacional tem por missão impedir que os materiais utilizados ou produzidos nas centrais atómicas sejam empregados com ojecticos militares. Todavia, Washington por mais de uma vez desprezou a autoridade daquele organismo

Presentemente, a União Indiana encontra-se interessada na aquisição de uma central com a capacidade de produção de 300 000 quilovátios, que deverá ser construida em Tarapur a norte de Bombaim.

Os delegados indianos que passaram diversas semanas nos Estados Unidos para discussão da compra, afirmaram que o seu Governo está disposto a aceitar a fiscalização de Washington, mas que não acatará a interferência da Comissão Internacional. — (A.N.I.).

A Inglaterra desaprova as sanções contra a Katanga

NOVA YORK, 9 — Fontes geralmente dignas de crédito afirmaram, a noite passada, nesta cidade, que a Grã-Bretanha tornou claro á O. N. U. e aos Estados Unidos que é contra qualquer forma de sanções económicas contra a Katanga.

Essas fontes acrescentaram que discussões sobre um plano para exercer pressão sobre a Katanga estavam ainda em curso, sem se ter chegado a acordo final. As discussões centram-se á volta de um plano de 21 pontos apresentado ao secretário-geral, U Thant, na sexta-feira passada pelos Estados Unidos. Esse plano foi preparado em consultas com a Grã-Bretanha, Bélgica e França.

Entretanto foi anunciado que o secretário-geral da O. N. U., de acordo com o pedido do Governo de Leopoldville, nomeou quatro juristas para participarem na revisão da Constituição do Congo.

Os juristas são esperados este mês na capital congolesa. — (A. N. I. e R.).

Brochado da Rocha enfrentará amanhã o Congresso brasileiro

BRASILIA, 9 — Brochado da Rocha, primeiro-ministro brasileiro, esteve ontem á tarde na Camara dos Deputados para uma visita de cortesia aos chefes dos partidos políticos.

O primeiro-ministro informou ontem á noite os presidentes da Camara e do Senado que submeteria ao Congresso, amanhã, os vinte e dois projectos de lei do seu Governo visando obter, nomeadamente, uma delegação de poderes especiais e a realização rápida de um referendo sobre as instituições.

Brochado da Rocha anunciou que se apresentaria ele próprio na Camara dos Deputados para participar nos debates.

A União Democrática (do centro-direita) que conta entre os seus sequazes os adversários mais decididos do presidente Goulart, anunciou a sua intenção de depor uma moção de censura em consequência do «controle» exercido pelo ministro da Justiça sobre as estações de Rádio e de Televisão que difundiram o discurso do governador Carlos Lacerda.

Com efeito, aquele ministro, Candido de Oliveira, assinou ontem um decreto nos termos do qual as estações de Rádio e Televisão devem submeter á censura federal, com uma antecedência de 72 horas, todas as declarações de carácter político.

O decreto, que se apoia numa portaria do ex-presidente Quadros «legaliza» a censura imposta a noite passada ao governador do Estado de Guanabara, Carlos Lacerda. — (F. P.).

FORAM PRESOS OS CHEFES DOS CAMPONESES «REBELDES»

SALVADOR (Estado da Baía), 9 — Segundo informações publicadas pela Imprensa, a Polícia do Estado da Baía conseguiu capturar os dirigentes dos camponeses «rebeldes» que se encontravam foragidos na região de Tuiuti No seu refugio, os chefes rebeldes dispunham, segundo a Polícia, de um pequeno arsenal de armas modernas destinado a apoiar um movimento de guerrilhas no interior do Estado da Baía. Um dos chefes aprisionado seria o filho de um grande proprietário rural que os camponenses acusam de ter «vendido» o movimento á Polícia. — (F. P.).

O Brasil pede auxílio

(Continuação da 1.ª página)

transacções em divisas. A reacção sobre o mercado livre foi de verdadeiro panico, agravado pela evolução da situação política que, segundo o parecer de certos círculos financeiros, se encaminha para o caos.

UM DÓLAR VALE MAIS DE 500 CRUZEIROS NO MERCADO LIVRE

Enquanto o cambio do dólar no Banco do Brasil se mantém a 357/367 cruzeiros, no mercado livre uma nota de dólar vale mais de 500 cruzeiros e não tarda que se venda a 600. O Governo, desprovido de cobertura em divisas, encontra-se impossibilitado de intervir.

Tudo isso significa, como o acentuam os círculos competentes, que a missão de Moreira Salles em Washington será das mais difíceis, sem esquecer que as medidas de «controle» dos cambios que acabam de ser adoptadas contrariam radicalmente as recomendações do Fundo Monetário Internacional. O melhor argumento que Moreira Salles provávelmente utilizará é o de que os Estados Unidos não podem deixar o Brasil ir para a bancarrota. — (F. P.).

FOI MORTO À CATANADA E A TIRO

BISSAU, 9. — Com dois golpes de catana e seis tiros foi assassinado, por elementos subversivos, um nativo de raça fula, Samba Nhuc, pessoa muito estimada e cujos sentimentos de fidelidade a Portugal eram bem conhecidos.

O crime consumou-se a 5 quilómetros de Banta-el-Silá, povoação onde o nativo assassinado residia há 15 anos. — (A. N. I.).

ATIROU-SE DA TORRE DE PISA

PISA (Itália), 9. — Os turistas que diáriamente se reunem a contemplar a Torre de Pisa assistiram ontem, horrorizados, a uma cena inesperada: uma italiana de 31 anos atirou-se da altura de 42 metros, tendo encontrado morte instantanea ao embater no solo. A Polícia afirmou acreditar que se trate de suicídio. — (R.).

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

«LOLITA» NO FESTIVAL DE VENEZA

WASHINGTON, 9 — O filme «Lolita», extraído do romance de Wladimir Nabokov, representará os Estados Unidos no Festival de Veneza — segundo foi hoje anunciado em Washington pela Comissão da Industria Cinematográfica.

«Lolita» foi realizada por Stanley Kubrick. Os seus principais intérpretes são Sue Lyon, Shelley Winters, Peter Sellers e James Mason. — (F. P.).

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● **Francis Walter, presidente da comissão de actividades antiamericanos da Camara dos Representantes dos E.U.A., apresentou uma lei que suspenderia a emigração britanica para os Estados Unidos, a menos que a Grã-Bretanha fizesse regressar a este país o dr. Robert Soblen, o espião americano condenado. O congressista, um democrata pela Pensylvania, apresentou outra proposta de lei, prevendo sanções contra a «El Al», a companhia de transportes aéreos israelita, se continuasse a negar-se a trazer o dr. Soblen para os Estados Unidos.**

● A ofensiva contra os 50 mil pombos de Berlim Ocidental prosseguiu ontem, mas, segundo informações da Sociedade Protectora dos Animais, as baixas entre os pombos elevam-se apenas a 497.

● **Um informador do Ministério dos Correios do Japão revelou que o Governo vai pedir aos Estados Unidos para utilizar três satélites terrestres para uma transmissão global de televisão dos Jogos Olímpicos de 1964, que se realizarão em Tóquio.**

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava limpo, o vento era fraco ou moderado, do quadrante Norte, por influência da acção conjunta de uma depressão de origem térmica centrada sobre Espanha e de um anticiclone localizado na região dos Açores.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE: — Porto, 20°; Lisboa, 21°; Faro, 27°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 22°,6; na água do mar, 14°.5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LSBOA, ATÉ ÀS 16 HORAS: máxima, 28°; mínma, 16°,8. No mesmo dia do ano passado: máxima, 24°,1; mínima, 16°,3.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — No Minho e no Douro Litoral, céu pouco nublado, temporáriamente muito nublado, vento fraco tornando-se moderado de Noroeste durante a tarde, neblina e nevoeiros locais durante a noite e parte da manhã; nas restantes províncias do Continente, céu geralmente limpo, vento moderado do quadrante Norte, aumentando de intensidade durante a tarde, junto ao litoral Oeste; pequena subida de temperatura.

Vida literária e artística

NÚMERO 210
9-AGOSTO-1962

Suplemento semanal do «Diário de Lisboa»

50 ANOS DE IDADE DE JORGE AMADO

AMANHÃ, 10 de Agosto, perfaz cinquenta anos de idade o romancista brasileiro Jorge Amado. Escritor dos mais lidos em Portugal, com influência profunda em algumas das correntes mais vivas e criadoras da nossa literatura moderna, autor de maior irradiação mundial entre todos os que têm escrito na língua portuguesa, não podia essa data biográfica ficar esquecida entre noticiários transitórios. Jorge Amado é uma glória contemporanea mas perene da cultura de tronco comum luso-brasileiro — e a grandeza do seu êxito literário e humanístico está para além de ideologias, convicções ou crenças divergentes.

O escritor nasceu em 10 de Agosto de 1912 na fazenda de cacau Auriscídia, ao sul do Estado da Baía. Seu pai, João Amado de Faria, era um emigrante de Sergipe que em 1902 tinha vindo para Ilhéus, aí se casando com a baiana D. Eulália Leal, de ascendência aborígene brasileira. Agitadas lutas pela ocupação e exploração da terra, na cultura do cacau, envolveram a infancia de Jorge Amado. Atentados, acidentes ruinosos, constantes deslocações da família, sempre em demanda de melhores condições de vida, enchem os primeiros passos da dramática experiência vivida do futuro romancista. Em Fevereiro de 1922 vem para a Baía, ingressando no Colégio António Vieira, de padres jesuítas. Dois anos depois, inconformado com o ambiente de internato e com o ensino, Jorge Amado foge do colégio e, durante meses, vagueia pelo sertão sustentando-se de ocasionais expedientes. Refugia-se, por fim, em Itaporanga, onde o acolhe o avô paterno, regressando tempos depois á casa familiar e aceitando inscrever-se no internato Ipiranga, onde começa a escrever. Durante dois anos, em regime colegial de invulgar liberdade, Jorge Amado lê Balzac, Maupassant, Rodó, Vargas Vila. Com menos de quinze anos já se inicia na leitura dos modernistas brasileiros, como Oswald de Andrade e Menotti del Pichia. Escreve, então, o primeiro conto e, em 1927, estreia-se como escritor publicando numa pequena revista um poema inspirado no modernismo. Logo depois começa o escritor a trabalhar como repórter no «Diário da Baía», tendo apenas 15 anos de idade.

Não tardou Jorge Amado a lançar-se no movimento literário renovador, ao mesmo tempo que vai prosseguindo com intermitências os seus estudos. Em 1930 instala-se no Rio de Janeiro, onde prossegue o curso de Direito. E é ainda nesse ano que escreve o seu primeiro livro de significação pendurável, «O País do Carnaval», publicado em 1931 numa edição de mil exemplares pela casa que Augusto Frederico Schmidt pouco antes havia criado. A literatura de inspiração social originária de outros países começa então a vulgarizar-se no Brasil, ao mesmo tempo que a viragem política em marcha desde 1930 conduz muitos escritores a um interesse mais vivo e direto pelas realidades humanas brasilei-

(Continua na página central)

Busto de Jorge Amado, por Kuchilek

ALGUNS TESTEMUNHOS sobre a obra do escritor

«Inquieto, sofrendo pelo mal dos seus personagens, Jorge Amado é um grito de alarme aos que, fugindo da vida por medo ou por duvida, se inutilizam sem remédio».

MARQUES REBELO (1932)

«Com virtudes e defeitos, Jorge Amado afirma-se, de modo decisivo, um admirável construtor de gente, um admirável construtor de vida».

AGRIPINO GRIECO (1933)

«Em «Suor» há um personagem de carne e osso mais importante que os outros: é Jorge Amado, que morou na ladei-

(Continua na 19.ª página)

A vitória universal da obra de Jorge Amado assenta firmemente sobre um conjunto de qualidades que são tão numerosas como diversas. Romancista de alma veemente, namorado das estrelas e intérprete da Justiça, soube transmitir, com uma arte exultante, quanto há de poesia, de generosidade, de desapego ás ambições mesquinhas, no espírito brasileiro, e dar-nos nesse clima, através duma fina sensibilidade, aliada ás exigências da análise, os dramas do povo, as suas ansiedades, as suas lutas vencidas e sempre recomeçadas, as suas mais profundas esperanças — esse lume que acalenta as noites, tão expectantes e tão longas, das grandes causas humanas. Um forte poder de comunicabilidade, uma perene comunhão com os seus humildes heróis, uma densa simpatia que se evola de todas as páginas, de todas as situações, mesmo das cenas mais ásperas, completam os méritos de Jorge Amado e subjugam os seus leitores com uma espécie de magia, um feitiço de dupla eficácia, que ora parte da forma para a essência, ora da essência para a forma, como uma seiva aromática que ressumasse do cerne da árvore para a casca. E assim vemos a transmutação da realidade normal para a realidade literária operar-se de tão ciente maneira que as personagens, apesar da atmosfera de poesia em que se agitam e de que elas próprias se embebem, não perdem jamais a sua humanidade.

FERREIRA DE CASTRO

QUESTÕES DE LITERATURA POR JOSÉ RÉGIO

O «CASO» DE AGUSTINA BESSA LUÍS

NAS chamadas **orelhas** ou **badanas** do mais recente livro de Agustina Bessa Luís — **O Manto** — vem a seguinte declaração da autora: «E não creiam que eu falo de casos; eu interesso-me sobretudo por enigmas — e um caso nunca é um enigma». As declarações dos autores sobre a própria obra são sempre dignas do máximo interesse e atenção. Nem por isso nos devem tolher na interpretação dessa obra; mormente (e longo seria explicar porquê) as de Agustina Bessa Luís.

Não me impedirá aquela declaração autoral de continuar crendo que nos livros de Agustina Bessa Luís também se trata de **casos**. Casos-enigmas? Talvez. Casos em que se representam aspectos, problemas, obsessões, direcções da Humanidade? Sem duvida. Como quer que seja, não só há casos nos livros de Agustina Bessa Luís, mas, no meu parecer, é a própria autora um caso. Um caso-enigma: um dos mais surpreendentes casos enigmáticos da nossa literatura (nada fazia prever o aparecimento, na nossa literatura, de uma escritora como Agustina Bessa Luís) e o mais notável, do ponto de vista literário, de quantos, nos ultimos tempos, se nos têm revelado.

Eis uma afirmação que a muitos parecerá atrevida, ou excessiva, ou arbitrária. Arbitrária, por certo o é: pelo menos neste momento, em que **me não proponho sustentá-la com** a análise que os admiráveis livros de Agustina Bessa Luís exigem. Perfeitamente convicto de que o tempo — supremo joeireiro! — confirmará um juizo aliás não só meu; vou, porém, mais longe: Onde quer que um livro de Agustina Bessa Luís apareça em competição com outros seus contemporaneos e nossos conhecidos — todos esses outros passam (ou deveriam passar) a segundo plano. Isto, claro está, perante uma consciência crítica suficientemente livre para, numa obra literária, antes de mais apreender os valores literários. O que sucede é que a livre apreensão dos **valores literários nos é hoje coisa** difícil —; ou, sobretudo, se tornou difícil a valorização das obras segundo qualquer mais ou menos justa escala hierárquica, tal a chuva de estrelas que recentemente ziguezagueiam nos ares pátrios. Um felicíssimo concurso de descobertas, revelações, inesperadas obras-primas — dignamente saudadas — têm o efeito infeliz de quase relegar para a sombra uma obra notabilíssima, que já não é novidade, pois vem de há uma boa duzia de anos.

Sim, continuo a falar de Agustina Bessa Luís. Em flagrante correcção ao que vinha eu dizendo, o aparecimento de **A Sibila** não só mereceu a atribuição de dois prémios—Agustina Bessa Luís também já ganhou prémios! — como foi entusiástica e **unanimemente festejada pela crítica.** Simplesmente, já um livro tão excepcional como **Os Incuráveis** (que estaria traduzido para várias línguas se não fora escrito na bela língua portuguesa) não mereceu, e continua a não merecer, a atenção que indis-

(Continua na 19.ª página)

O mês de Agosto e as evocações literárias e artísticas em França

O mês de Agosto de 1962 é invulgarmente abundante em aniversários literários e artísticos. Em 19 de Agosto, há trezentos anos, morreu Pascal. No mesmo dia, há cem anos, nasceu Maurice Barrés. Também há cem anos, mas em 22 de Agosto, nasceu Claude Debussy em Saint-Germain-en-Laye. Pascal, Maeterlinck e Debussy são evocados em exposições na Biblioteca Nacional de Paris, que sobre as três grandes figuras coligiu reveladora documentação e curiosas testemunhos biográficos.

Também passaram cinquenta anos sobre a morte do compositor Bassenet, que ocorreu em 13 de Agosto. Em 15 deste mês, há setenta anos, nasceu o grande físico, que é também escritor apreciável nas matérias da sua especialidade, Louis de Broglie. Em 16 de Agosto de 1952 faleceu em Toulouse o historiador Joseph Calmette; em 25 de Agosto de 1862 nasceu o estadista, que foi igualmente bibliófico e escritor de mérito, Louis Barthou, assassinado em Marselha ao lado do rei Alexandre da Jugoslávia. Em 30, também há cem anos, nasceu Théodore de Wyzerva, grande escritor polaco em língua francesa.

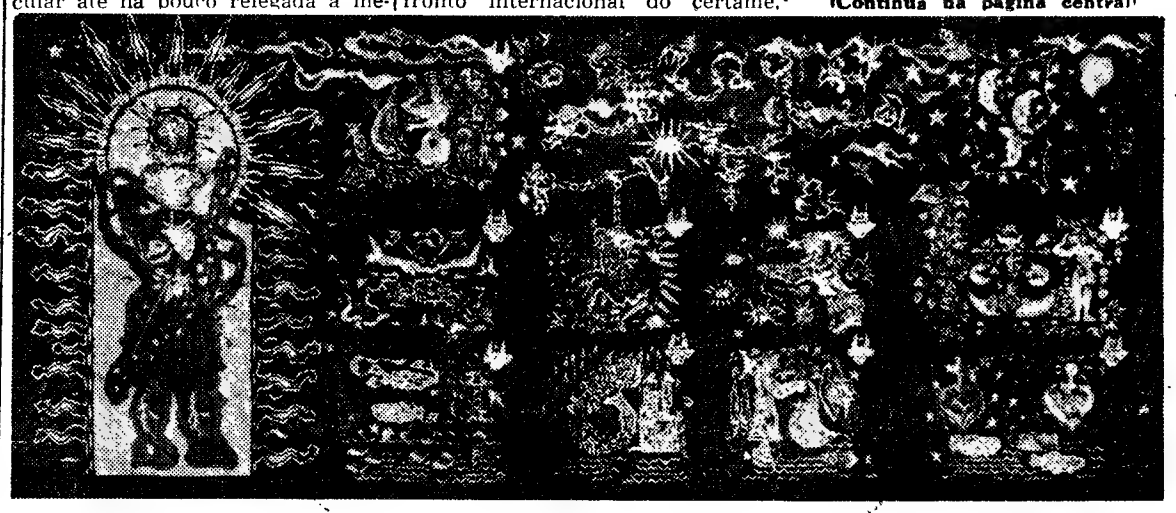
O gosto comemorativo francês não teria mãos a medir se quisesse atender a tão diversas evocações.

A primeira Bienal da Tapeçaria em Lausanne

AINDA não chegaram até nós ecos da primeira Bienal Internacional da Tapeçaria, que actualmente se realiza em Lausanne, apesar de decorridas três quinzenas sobre a sua abertura. Se a repercussão não adquire foros de maior acontecimento, não é por decadência de uma arte secular até há pouco relegada á menoridade das manifestações artísticas. Pelo contrário, o interesse crescente da sua renovação, os nomes de artistas que a animam, e o confronto internacional do certame, são motivos de sobra para encarecer a iniciativa.

Concorrem 17 países, estão ex-

(Continua na página central)



«A Poesia», de Lurçat

PEQUENO MAGAZINE

VER PARA CRER
ANTES DE CASAR...

Foi preso numa cidade norte-americana, um tal Joe Kolster, quando surpreendido empoleirado numa árvore a espreitar a vida íntima de uma jovem em sua casa.

Justificou-se assim no próximo posto policial:

— Como sempre ouvi dizer «antes que cases, vê o que fazes», e como tenciono casar com ela, quis certificar-me das prendas e virtudes da rapariga, vendo para crer, á maneira de São Tomé!

O BRASIL
recebe auxílio do F. I. S. I.

O Fundo Internacional de Socorro á Infancia (FISI) empregará no Brasil 1 500 000 dólares — a maior verba destinada a qualquer país da América Latina — principalmente para a defesa da saude publica e desenvolvimento da educação. Um milhão de dólares serão empregados no abastecimento de água, e o restante, numa escola de auxiliares de enfermagem (Pediatria).

Sapatos americanos para dançar o «twist», com um dispostivo na sola, que facilita os movimentos. Custo: 330$00.

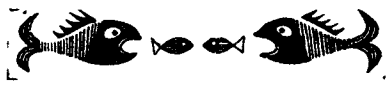
O PETRÓLEO DA VENEZUELA

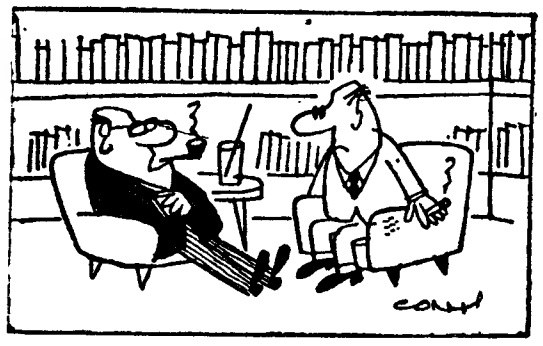
A exportação de petróleo pela Venezuela no ano passado atingiu a média diária de 2 775 000 barris. A Corporação Venezuelana do Petróleo, organismo recentemente criado, tem já em exploração cinco poços com a produção diária de 20 000 barris.

A fome devoradora do genial Balzac

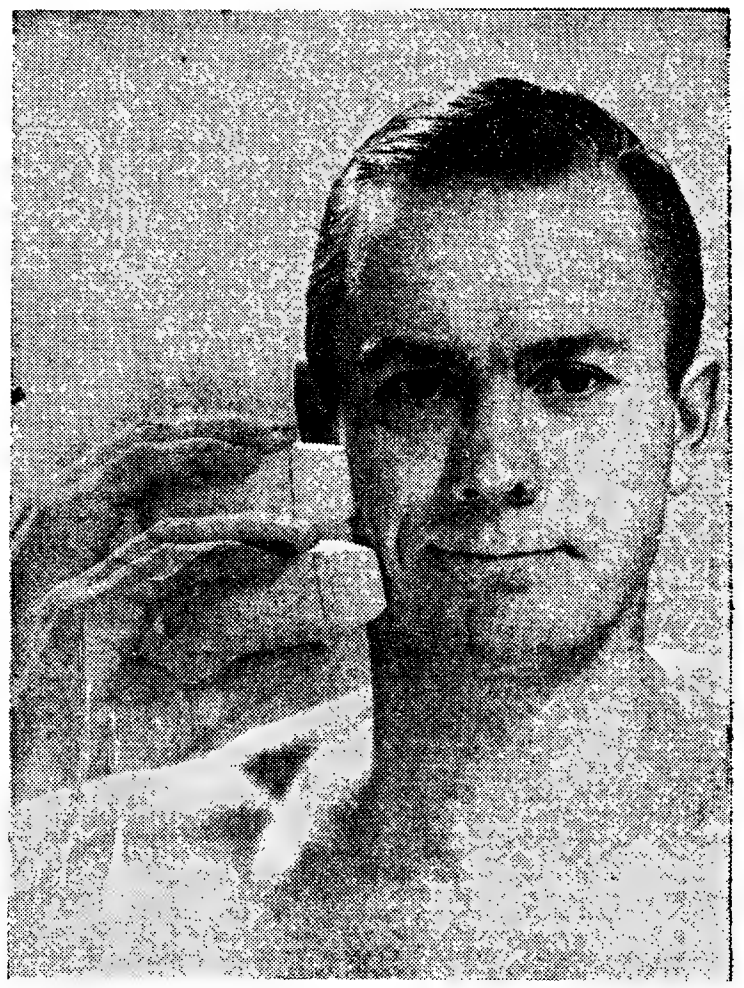
Durante grande parte da sua existência, já escritor consagrado, o genial Balzac vivia de café e pão nem sempre amanteigado, chegando até, por vezes, a desenhar na mesa tosca em que escrevia os pratos com imaginários manjares quando a fome mais o torturava.

Chegou, porém, a ocasião em que o autor glorioso da «Comédia Humana» pôde tirar a barriga de misérias, e então comeu de uma assentada: cem ostras, doze costeletas de carneiro, um pequeno pato, duas perdizes e um linguado.





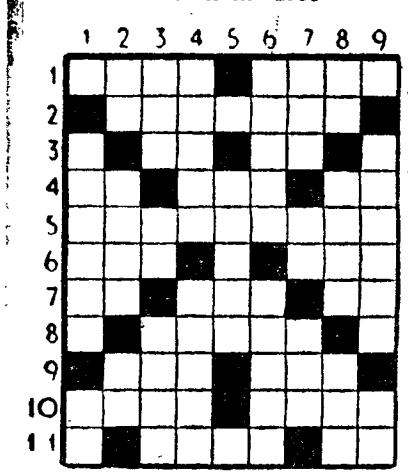
— Há muito tempo já que não leio, pois já sei tudo...



PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2755



HORIZONTAIS: 1 — Vou para fora. Burro. 2 — Mofa. 3 — Em partes iguais. Satélite de Jupiter. 4 — Preposição e artigo definido. Sinal ortográfico. Doutor. 5 — Puxar pelos cabelos. 6 — Rio de Portugal. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. 7 — Pertences. Caminha para cá. Suspiro. 8 — Emparelhar. 9 — Chiste. Senhor em inglês. 10 — Lama. Tombo. 11 — Rio da Toscana, Itália. Pedra de moinho.

VERTICAIS: 1 — Velhices. Pêlo de certos animais. 2 — Nesse lugar. Rezas. Isolado. 3 — Cólera. Letra grega. Pronome indefinido. 4 — Louco. Coragem. 5 — Cidade da Bélgica. 6 — Albergue. Mastigo sem engolir. 7 — Sadio. Nota musical. Esteiro. 8 — Preposição e artigo. Oferecia. Víscera dupla. 9 — Regato. O sono das crianças.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2754

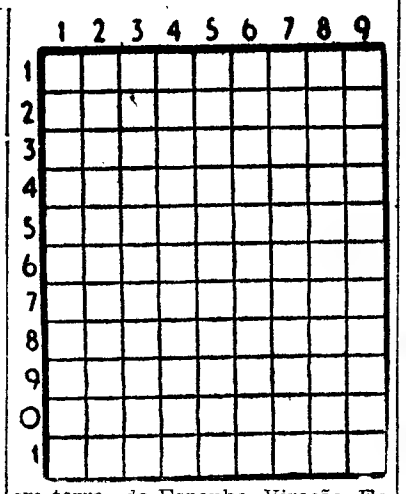
HORIZONTAIS: 1 — Ac. AVE. DE. 2 — Dons. XVII. 3 — Amos. Cata. 4 — Enovela. 5 — Ápode. 6 — Em. Roa. Pá. 7 — CASA. MAIS. 8 — Ate. Mau. 9 — Só. Sua. Sá. 10 — Doera. 11 — Eros. Ares.

VERTICAIS: 1 — Ada. Pecaste. 2 — COME. Mato. 3 — Nona. Se. DO. 4 — Assopra. Sós. 5 — Voo. QUE. 6 — Excedam. Ara. 7 — VALE. Am. Ar. 8 — Dita. Pias. 9 — Eia. Casuais.

PROVÉRBIO — *AVE DE CASA MAIS COME DO QUE VALE.*

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 4800



HORIZONTAIS: 1 — Furna. 2 — Povoação do concelho de Belmonte. 3 — Artigo definido (ant.). Pêlos de certos animais. Deus dos pastores. 4 — Apelido. Sacrificar. 5 — Falda. Larva das feridas dos animais. 6 — Cooperar. 7 — Rezar. Caruma. 8 — Chefe etíope. Ruído. 9 — Ir. Isolado. 10 — De cobre (pl.). 11 — Parte do Mundo a que pertencem as Guianas.

VERTICAIS: 1 — Desarmonia. 2 — Trabalhai. 3 — Antes de Cristo. Elevassem. 4 — Governador árabe em terras de Espanha. Viração. Espécie de tecido antigo. 5 — Estavam. Prefixo que designa ar. 6 — Acto ou efeito de rir. Artigo definido. Rata. 7 — Em a. Tocas de coelhos. Símbolo químico do escândio. 8 — Planícies desertas. 9 — Suspendêramos.

Solução do problema n.º 4799

HORIZONTAIS: 1 — Antílopes. 2 — Raer. Uivo. 3 — Boi. Vai. 4 — Rara. Isto. 5 — Ao. Ria. Al. 6 — Carme. 7 — Lá. Má. 8 — Dá. Pia. Rb. 9 — Irão. Laça. 10 — Aval. Tios. 11 — Sara. Asse.

VERTICAIS: 1 — Ar. Rás. Dias. 2 — Nabão. Larva. 3 — Teor. Cá. Aar. 4 — Iriara. Pola. 5 — Ir. 6 — Ouviam. Alta. 7 — Pias. Em. Ais. 8 — Evita. Arcos. 9 — Só. Olé. Base.

VENDA DE CORTIÇA

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita propostas até ás 16 horas do dia 29 de Agosto de 1962, para a venda da cortiça extraída dos seus sobreiros, no corrente ano, a qual se encontra depositada nas seguintes estações, num total de cerca de 3200 arrobas:

Torre das Vargens ...	1200	arrobas
Chança	800	»
Assumar	1200	»

As condições de venda encontram-se patentes naquelas estações e na Divisão da Via e Obras — Exploração Agrícola — em Santa Apolónia — Lisboa, onde será prestada qualquer informação.

FOTOS DE ARTE

Execução perfeita
Estúdios da Fotofilme
Rossio, 101 — Tel. 323192
(ao lado da Pastelaria Suissa)

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95. Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

LECTRIC SHAVE WILLIAMS

LECTRIC SHAVE WILLIAMS DUPLICA a eficiência da máquina eléctrica de barbear.

ESTE NOVO E ASSOMBROSO PRODUTO PARA A BARBA, INSTANTÂNEAMENTE: A) EVAPORA A TRANSPIRAÇÃO. B) TORNA A BARBA RIGIDA. C) LUBRIFICA A SUA PELE.

Williams representa um novo conceito do barbear eléctrico. Antes de usar a sua máquina eléctrica, humedeça abundantemente a face com LECTRIC SHAVE WILLIAMS. O resultado deixá-lo-á assombrado. Primeiro, LECTRIC SHAVE evapora a transpiração ao simples contacto, eliminando assim o «arrastar» da máquina que a transpiração provoca. A barba fica rígida. E, finalmente, um invisível ingrediente hidratante contido em LECTRIC SHAVE lubrifica a pele, para um barbear mais rápido e mais escanhoado. A sua máquina eléctrica de barbear *deslizará* na sua face. Escanhoar-se-á DUAS VEZES MELHOR ... com o DOBRO DO CONFORTO.

Compre hoje mesmo um frasco de LECTRIC SHAVE, Peça-o ao seu fornecedor pelo próprio nome: LECTRIC SHAVE WILLIAMS.

OUTRO EXCELENTE PRODUTO WILLIAMS

MARLO

O HOMEM DO ESPAÇO

Por PHIL EVANS e TOM COOKE
sob a orientação científica
do dr. I. M. LEVITT

261

RAMÓN PÉREZ DE AYALA
um rebelde que detestou a submissão

A notícia da morte de Ramón Pérez de Ayala correu célere atravessando fronteiras. Morreu na casa onde residia desde há alguns anos; um primeiro andar moderno, na «Calle Gabriel Lobo», mobilado a seu gosto e onde, pela tarde, se reuniam escritores, artistas e pintores que enchiam o seu gabinete de trabalho de uma atmosfera agradável, mantendo intacta a afeição pelas tertulias literárias, agora tão raras em Madrid.

Até aos ultimos momentos Ramón Ayala manteve muitos dos seus antigos costumes. Assim, todos os dias, chegavam a sua casa as principais revistas e diários do Mundo a que ele dedicava uma leitura interessada.

No seu ultimo aniversário foi procurado não só por amigos e conhecidos como, até, por simples admiradores. Nesse dia, e nos seguintes, Ayala falou aos jornalistas que o procuraram; a todos recebeu bem e, com uma espantosa lucidez, contou factos da sua infancia, nas Asturias, e dos primeiros anos de escritor.

Quando lhe pediram que contasse como passava os seus dias explicou: «Levanto-me cerca das dez horas e tomo o pequeno almoço sempre na cama. Depois, leio os jornais da manhã e entretenho-me a fazer palavras cruzadas. Ao meio-dia venho para o escritório e faço paciências; as paciências são a grande paixão da minha vida. Almoço perto da uma hora, mas como muito pouco; bebo, sim, bom vinho francês e conhaque. Fumo muito: cerca de sete *havanos* por dia. Pela tarde vejo televisão, o meu unico vício. Depois é a hora de reunir-me com os amigos. A' meia-noite, quase sem jantar, vou-me deitar. Durante uma hora fico de luz acesa a ler e adormeço, mesmo sem vontade!»

Quando lhe perguntaram o que pensava acerca do seu próprio carácter Ramón Ayala respondeu que sempre foi algo rebelde e nunca gostou de submissão cega. Acrescentando: «aos oito anos já me encantava participar em polémicas... e encontrava argumentos».

Quase ao terminar o século passado — precisamente nos seus ultimos meses — apareceu em Madrid um adolescente; chegado das Asturias pretendia fazer o Curso de Direito. No entanto, a sua grande ilusão era relacionar-se com o mundo literário madrileno. Conseguiu-o com certa facilidade e rápidamente conquistou simpatias; admiravam-no pelo ar ingénuo e provinciano e a sua excessiva juventude. Chamava-se Ramón Perez de Ayala e tinha publicado alguns artigos na Imprensa de Oviedo.

Pérez de Ayala encontrou-se em Madrid com homens que ocupavam a primeira linha da actualidade literária: Baroja, Unamuno, irmãos Machado, Azorin Valle-Inclán e Benavente, entre outros. Para o jovem Ayala este contacto foi de enorme emoção; sentiu-se, ainda, mais entusiasmado pela literatura. Esqueceu-se, mesmo, de que ambicionava ser engenheiro, carreira contrariada por sua mãe que não o queria vivendo em Bilbau ou Barcelona, unicas cidades onde existiam Faculdades de Engenharia Industrial. Enquanto esteve em Oviedo relacionou-se com «Clarín» que dava aulas de Direito Natural e iniciava os alunos no conhecimento da Literatura e dos seus valores. Este contacto do jovem Ayala com *Clarín* foi um grande impulso na vocação literária de Ramón Perez de Ayala. Ficou-lhe muito grato; não admira, portanto, que o seu primeiro artigo publicado em Madrid — em 1901, no jornal «El Imparcial» — tenha sido uma série de impressões de *Clarín* que acabava de morrer. Este artigo foi a consagração literária do jovem Ramón e a sua colaboração passou a estender-se a outros jornais.

Começou a escrever romances. «Tinieblas en las Cumbres» foi o seu primeiro título, mas assinou com o pseudónimo de Platino Cuevas. Seguiram-se, depois, outras obras como: «La Pata de la Raposa», «Prometeo Luz de Domingo», «Luna de Miel, Luna de Hiel» e «Tigre Juan», entre outros. Escreveu oito romances e um dia desistiu. Porquê? Ele mesmo declarou: «Meteram-se tanto comigo e com tão demasiado rigor que resolvi dizer — Basta!».

Escreveu e publicou alguns livros de poesia. A propósito da sua obra poética afirmou Ruben Dario: «E' um poeta absolutamente século XX: os seus poemas são de uma modernidade intensa». Dos seus romances podemos afirmar que Pérez de Ayala sempre procurou, e conseguiu — através da sua formação humanista e de um estilo maravilhoso — torná-los numa condensação da vida. Escreveu-se: «Ramón vivia primeiro e depois romanceava».

Morreu o escritor mas ficou a sua obra: obra que é a afirmação pujante do carácter de um dos maiores vultos da literatura espanhola e que foi também divulgada entre nós pelas traduções de Rogério Perez.

O seu escritório, de amplas janelas, fchou-se encerrando as ultimas rcordações de um contemporaneo da geração «del 98». Ele gostava de abrir as janelas, de par em par, para deixar entrar a luz do sol. Já não o pode fazer Terminou, também, mais uma tertulia literária que definia os homens que dela participavam.

JOSÉ REIS

Ramon Pérez de Ayala

Testemunhos sobre Jorge Amado

(Continuação da 17.ª página)

ra do Pelourinho e lá conhece.. Maria Cabussu e todos aqueles seres estranhos que lhe forneceram material para um excelente romance».

GRACILIANO RAMOS (1935)

«Jubiabá» é um livro que fala com eloquência formidável da desgraça, do sofrimento de uma humanidade que Deus esqueceu pelos morros e pelas plantações de fumo da Baía. Quem escreveu «Jubiabá» domina todas as dificuldades».

JOSÉ LINS DO REGO ((1935)

«Se eu tivesse engenho e arte havia de escrever o A B C de Jorge Amado, um sujeito magro, de olhos de chinês, que nasceu na Baía, foi rebelde, fugiu de casa, viu a vida e viveu-a com ansia; um sujeito que ama os humildes e os oprimidos e que, aos 23 anos, é um dos maiores romancistas que o Brasil tem».

ERICO VERISSIMO (1935)

«Um romancista como Jorge Amado e uma obra como «Jabiabá» são sinais dos tempos e dizem-nos muito sobre o profunda renovação que se está dando na nossa época: humanização da literatura e alargamento das zonas de interesse do escritor».

A. CASAIS MONTEIRO (1937)

«Os livros de Jorge Amado revelam mais que um escritor, que um romancista, que um artista. Revelam uma força da natureza, uma espécie de harpa eólia que ressoa á passagem dos ventos dos dramas da miséria».

MONTEIRO ROBALO (1937)

«Certamente que esta segurança de Jorge Amado, que toda uma voz gritando amor é uma contradição nos nossos dias de confusão, de luta e de ódio, em que os homens se desinteressaram dos artistas e os artistas dos homens. Mas, estejamos certos, a contradição é a fonte da afirmação».

MÁRIO DIONÍSIO (1937)

«Em «Terras do Sem Fim», Jorge Amado nos põe em contacto com um grande drama brasileiro, americano, humano e não apenas baiano: o da conquista da terra. O cacau dá a esse drama sabor local sem comprometer-lhe a universalidade do sentido».

GILBERTO FREYRE (1944)

«O aspecto mais surpreendente deste pináculo da novelística do sr. Jorge Amado — «Gabriela, Cravo e Canela» — é o intenso sopro de poesia que o percorre do princípio ao fim. Um livro que marca na nossa literatura...».

TRISTÃO DE ATAÍDE (1959)

«Tenho ideia que a eleição de Brasileira de Letras resultou Jorge Amado para a Academia da intervenção pessoal directa, extra-académica, de uma senhora: a baiana D. Gabriela... Jorge teve a votação maciça de 35 votos, creio que a maior que já houve na Casa».

MANUEL BANDEIRA (1961)

«Conversando com Jorge Amado,
mi compañero de años y de luchas:
— De donde vienes tu ahora?
...Le conté mis caminos
Él regresaba
Solene era el silêncio
Largos habiam sido los caminos
y la aurora golpeaba las ventanas
de nuevo
para irse com nosotros por el Mundo».

PABLO NERUDA (1954)

«...Grande escritor, expoente de uma esplêndida geração de romancistas...».

JANIO QUADROS (1961)

«A arte de Amado mostra, mais uma vez, até onde são infundados os receios dos escritores que fogem da vida para se isolar num mundo artificial, achando que as paixões sociais matam a literatura. Jorge Amado dedica o seu coração, as suas forças, o seu tempo, á luta por uma vida mais digna para o homem».

ILYA EHRENBURG (1954)

«...Um exemplo admirável do que é o verdadeiro romance popular: «Gabriela, Cravo e Canela», de Jorge Amado».

JEAN-PAUL SARTRE (1960)

«Jorge Amado realiza poderosamente sua ascensão, anunciada em «Suor», magistralmente erguida em «Jubiabá». Eu já disse: ele é Castro Alves».

OSWALD DE ANDRADE (1945)

NOVIDADE LITERÁRIA

ANGOLA

TERRA NOSSA

«DIÁRIO DO TERRORISMO»

Por Alencastre Telo

Relato verdadeiro dos acontecimentos em Angola, a sua crua realidade assemelha-se a um pesadelo e vale como documento histórico.

320 páginas ilustradas com 30 fotografias do terrorismo

35$00

Em todas as livrarias do País

Distribuidores gerais:

Editorial Organizações, Ld.ª
Largo Trindade Coelho, 9, 2.º
Telef. 327507 — LISBOA-2

O «CASO» DE AGUSTINA BESSA LUÍS

(Continuação da 17.ª página)

cutívelmente merece. Agustina Bessa Luís tem publicado regularmente os seus romances. Todos, mais ou menos, são obras de um interesse literário (no mais amplo sentido do qualificativo) que os individualiza entre toda a nossa actual ficção, e cujo valor só entre os superiores documentos da ficção portuguesa podem achar termos comparativos. Mas o nome de Agustina Bessa Luís **vai sendo hàbilmente empurrado para uma penumbra de estima, digamos, e quase só vem á tona por ocasião da crítica oficial das gazetas aos livros de que lhes são enviados dois exemplares. Todos sabemos como o silêncio combinado e o esquecimento calculado sobre certos nomes — colaboram**, para as correntes injustiças da **celebridade**, com o reclamo tão bem montado, tão bem defendido, em volta doutros. A nossa actual vida literária está precisando de limpeza, e talvez **lá fora** aconteça o mesmo.

Independentemente desses enredos, a crítica tem apontado graves defeitos aos romances de Agustina Bessa Luís. Salta á vista — e salta — que tais livros são mal compostos, aferida a sua composição pela dos grandes modelos do género **romance**. Que os contornos de várias figuras se diluem, ou interpenetram, a ponto de quase se confundirem umas com outras. Que muitas vezes não falam elas senão pela boca da autora, ou, se quiserem, não é senão a autora **que através delas fala. Que a improvisação**, a inoportunidade, a supérflua divagação de muitas e muitas páginas é manifesta. Que nenhuma história quase tem seguimento ou conclusão nas suas histórias, intrometendo-se frequentemente umas nas outras a ponto de já não saber o leitor **a quantas anda**, isto é: em que história, geração ou personagem **está. Etc., etc., etc. A tudo isto pouco** tenho a objectar, e devo confessar que, pessoalmente, não gosto de semelhantes características. Por mim, gostaria que Agustina Bessa Luís utilizasse os seus dons geniais com mais economia, ou economia mais hábil, e em obras mais regu**larmente estruturadas. O génio e a** habilidade não me parecem incompatíveis. Mas preferências pessoais são uma coisa — e a vontade de compreender as superiores criações literárias é outra. Depois de Proust, de Joyce, de Thomas Man, de Virginia Woolf, de Kafka, de Robert Musil; depois de vários outros até anteriores; depois das novas e novíssimas vagas que por aí rolam nessa coisa do **roman nouveau** — só, talvez, por ser portuguesa merece Agustina Bessa Luís as censuras que não ousam os críticos portugueses fazer aos grandes nomes internacionais. Então, não posso deixar de pensar: Ainda bem que também entre nós surgiu uma obra que, mesmo sujeita a hesitações graves, se desenvolve com a liberdade a que aspira o romance moderno.

Mas adiante! Reconhecidos os grandes **defeitos** dos livros de Agustina Bessa Luís —, de toda a justiça e lealdade fora reconhecer-lhes as extraordinárias virtudes; virtudes sem par na nossa actual ficção. Por exemplo: Uma riqueza de matéria psicológica, humana ou intelectual que se patenteia a cada página, conferindo a tais livros uma densidade verdadeiramente rara. Uma acuidade e opulência de sensações, uma originalidade de sentimentos, uma afluência de reflexões ou sugestões que certamente são afinal parte de tal densidade. Um estilo que é uma autentica e sempre renovada criação individual, revelação, só por si, de uma personalidade artística de primeiro plano. Uma pormenorização do real que de modo nenhum constrange a expansão das profundas raizes poéticas —, profundamente poética como é a visão da vida nesta prosadora. Uma criação de figuras que por vezes ficam imprecisas, mas atingem anormal relevo em certos aspectos, e através das quais são possíveis inesperados mergulhos na complexidade humana. Etc., etc. etc.

Sem nada, ou muito pouco, destas qualidades, que sem duvida são agentes da superior **qualidade** de uma criação literária, decerto se publicam hoje livros muito mais correctos, mais bem compostos, mais equilibrados, mais conformes com os processos consagrados, mais bem escritos no estilo neutro actualmente em favor: livros mais tranquilos e mais tranquilizadores, em suma, que não solevam grandes perplexidades nos críticos. E a minha questão é a seguinte: Que mais importará, afinal, numa obra literária: o génio ou talento superior com a sua originalidade e riqueza por vezes chocan**tes, até o desequilibrio que por vezes** não consegue vencer, ou o talento prudente e bem informado, fácilmente agradável, conquistador de loiros oficiais, exercido, porém, sobre um fundo que se adivinha medíocre, uma interioridade que se pressente pobre?

JOSÉ RÉGIO

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANÍBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

Jorge Amado
com sua mulher,
Zélia Gattai

OS CINQUENTA ANOS D

FULGURANTE CARREIRA LITERÁRIA

(Continuação da 17.ª página)

ras. Jorge Amado acolhe ardentemente esse apelo, associando-o com a visão da terra baiana a que volve com frequência, Em 1933 termina o romance «Cacau», que é editado em Maio desse ano com ilustrações de Santa Rosa e logo esgota os dois mil exemplares da tiragem no primeiro mês de venda. A crítica corrobora calorosamente o entusiasmo do publico leitor. E Murilo Mendes, grande poeta de formação muito diversa, consagra Jorge Amado em três artigos vibrantes, como autor de primeira linha entre os novos escritores brasileiros.

A carreira literária estava definitivamente lançada, a partir dos 21 anos do escritor. Em 1934 publica «Suor», no ano seguinte «Jubiabá», que constitui com «O Moleque Ricardo» de Lins do Rego, um dos dois «best-sellers» do ano. Em 1937 é editado «Capitães da Areia», seguindo-se a «Mar Morto» que lhe fez conquistar o prémio «Graça Aranha». Prisões, exílios, clandestinidades, residências fixadas, uma vida instável e inquieta, não detêm o seu trabalho criador. É de 1940 «O ABC de Castro Alves»; de 1942 «O Cavaleiro da Esperança»; de 1943 «Terras do ... Fim»; do ano seguinte «São Jorge dos Ilhéus». Já então : traduções dos seus livros circulam pelo Mundo em diversas línguas e as reedições no Brasil nunca ficam aquém de 15 mil exemplares. Deputado á Constituinte em 1946-47, viajar demorado pela Europa logo a seguir, a experiência do mundo em marcha alarga-se em longas digressões por outros continentes. Em 1953 voltou Jorge Amado ... asil, escrevendo nos anos seguintes «Subterraneos da Liberdade», «Gabriela, Cravo e Canela», «Velhos Marinheiros» No final de 1961, com vinte edições no Brasil totalizando 160 mil exemplares, e dezenas de edições em outros países que elevam a tiragem total da obra a m... de um milhão, «Gabriela ... conquista o título de grande «best-seller» mundial. O triunfo prodigioso, a unanimidade consagradora da crítica, os prémios mais prestigiantes, a aura universalista de um escritor que sendo profundamente brasileiro sabe falar a linguagem íntima do povo para todos os povos, não alteraram a trajectória humana do grande escritor: é sempre o homem simples e claro, fiel aos seus ideais de juventude, recebendo cordial e risonho na sua casa de Copacabana os amigos e admiradores que vêm do mundo inteiro para o conhecer — e continuando uma obra que não perde, pela diversificação, a sua fundamental unidade.

Jorge Amado é hoje um escritor em plena glória — uma dessas grandes figuras singulares que não enriquecem apenas o património espiritual e intelectual do seu povo mas o da humanidade inteira. Muitos milhares dos seus anónimos leitores portugueses acompanham com fervor a mensagem de admiração, de solidariedade em espírito e em afectividade, que lhe enviam de longe os amigos que conta neste País ao celebrar-se o seu 50.º aniversário.

O ESCRITO

VISTO POR ELE

FUMANDO com poucos intervalos, usando as mãos em gestos curtos e cortantes, Jorge Amado parece concentrar nisso seus nervos. Consome de três a quatro maços de «Lincoln» por dia. Fala com facilidade, com disposição. Pára com dificuldade. A todo instante é chamado ao telefone. Sai da sala falando e ainda lança algumas frases do corredor até que se some da vista do interlocutor. Ele excita-se mais quando fala de livros. Dos seus e dos dos outros. Então levanta-se da escrivaninha e vai á estante, pisando e, ocasionalmente, tropeçando em volumes empilhados no chão pela falta de espaço na biblioteca. «A desordem é temporária», explica, enquanto vai sacando obras suas editadas em árabe, chinês, dinamarquês e outras línguas que não entende. A Baía nunca viajou tanto como na literatura de Jorge Amado.

Sua pele é morena, o branco já está instalando-se no seu cabelo. E tem o peso de seus quarenta e oito anos. É gordo no meio. Sua atitude geral indica um repouco controlado, adquirido á custa de esforço, mas já hábito. Conversa sobre si próprio sem inibições. Tem o que dizer.

Jorge Amado é um profissional de literatura. Não há muitos no Brasil. Ele vive exclusivamente de ficção. Ganha em média sete milhões de cruzeiros por ano em edições nacionais e estrangeiras, o que exclui a venda de direitos para o cinema e outros extraordinários. Esses lucros também não incluem a renda da ...a obra na U... ...munista, pois ...de ser conve... ...nfancista faz ... «Nossos escrit... ...ncionários pu... ...c. Alguns, com José Lins do ...egos que lhes ...dispensável par... ..., não. Nos i... ...eratura. Hoje, ... de ganhar ma... ...ros por mês e... ...eratura não d... ...quente o caso ... com um prin... ...lo o mundo fa... ...r. O Brasil é ... ...ro. É natural: ...n filhos, quer l... ...rdo com suas ...n o senso de i... ...acterístico da ...se afunda em ...blicidade, etc. E... ...» para uma lit... Em ultima aná... ...ioria desses es... Literatura dá ...stão de tempo ... trabalho. Tive ... ...ita gente, recon... ...do livro, «Caca... ...iro. Mas duran... ...i vida modesta. ...fenho um amig... ...nta anos de id... ...» para se dedi... ...esses que come... ...iaram para ou... ...ra se meteu num... Ainda pega um ...jornalístico, mas ...o dinheiro. Ele ... ...fizesse isso, não ...o de escrever ... ...os ultimos an... ...s. Esse homem ...de em obter ... ...que fora da ... ...escritor, antes ...o ele, estão al... ...talentos da min... ...e ... ...os jovens, eu di... ...nalizassem ou q... ...antivessem em e... ...á literatura, com ...exemplo. ...uando falo em «c... ...alho», não me qu... ...ao acto de cri...

F. R.

O panorama da tapeçaria moderna na Bienal de Lausanne

(Continuação da 17.ª página)

postas 58 peças, algumas de formato monumental. Um bom catálogo com introduções de Lurçat, Le Corbusier e Richard Neutra, inclui a reprodução de todos os exemplares expostos, com biografias de cada expositor e uma resenha histórica da tapeçaria em cada país. Um prenuncio prometedor para a continuidade da iniciativa, está na organização e objectivos em que se fixou o Centro Internacional de Tapeçaria, a que a mesma se deve.

Sintomático para um indício das perspectivas abertas á arte da moderna tapeçaria é o facto de se terem encarregado das introduções Lurçat, um mestre da modalidade, Le Corbusier e Neutra, dois arquitectos notáveis.

Não vamos compartilhar inteiramente do optimismo de Lurçat, aceitando que a tapeçaria tenha «despido as opulências parasitárias que a asfixiavam». Nela, como em todas as artes, vem percutir o conflito das gerações, da liberdade de expressão e do condicionamento da encomenda, que necessáriamente atrasam a evolução progressiva. Demais qualquer outra arte mural evolui no mesmo sentido. A tapeçaria não perdeu ainda, não obstante as transformações sociais dos tempos modernos, certas prerrogativas aristocráticas que a isolam nos palácios dos grandes ou nos edifícios de um Estado magnanimo. Nem tão-pouco a temática que adopta constitui linguagem clara para o vulgo.

Le Corbusier faz o seu diagnóstico enunciando uma teoria que o seu próprio exemplo tornou já realidade. «A tapeçaria tornou-se o mural dos tempos modernos. Somos nómadas, habitando edifícios arrendáveis, mudamos de casa segundo a evolução da nossa família, mudamos ás vezes de condição, de bairro, de país. A tapeçaria presta-se a mudança nesta existência amovível... e pela sua textura a sua matéria traz o seu próprio calor a um interior. Todas as possibilidades da arte pictural lhe são acessíveis...»

Interrompemos aqui Le Corbusier para uma conjectura que nos sugere o seu argumento. Decerto que vemos modernamente expresso em tapeçaria, com plena liberdade e sem aparente dificuldade técnica, a «ideia» de que o artista concebe e exprime por meio de uma mancha ou de uma linha. Mas a impressão que nos dão certas ideias, por demasia subjectivas ou por demasia acanhadas, e que não contêm força expressiva para se transportarem a uma arte mural de intenção ou função comunicativas. A «ideia» nem sempre se impõe só porque se realizou a ampliação de um tema. Acontece isto com a estatuária e com todas as artes monumentais. E se a função é decorativa apenas, também esta tem as suas exigências. Está aqui o segredo de Lurçat, em quem não vemos sómente ideias modernas, mas uma feliz adaptação decorativa de cores e motivos rebuscados no fabulário da tapeçaria medieval.

Uma particularidade que notámos foi o relevo de uma tapeçaria obtido pelo engrossamento do ponto em zonas parciais. Será isto uma fórmula inconvencional das técnicas de tecelagem, mas há que reconhecer, como o empastamento em pintura, que o relevo também tem os seus efeitos.

Alguns apontamentos rápidos do certame: Da representação francesa, salientamos, Matisse com duas tapeçarias de Beauvais: *Polinesia* (1946/8), um xadrez salpicado de pombas, algas e moluscos, dispostos em graciosa volitação; George Adam, uma tapeçaria de Aubusson: *Galaxia* (1960), com uma linha cruzada que lembra uma técnica de gravura; Le Corbusier, uma tapeçaria: *Unesco* (1962) com uma linha gráfica entre manchas de cor viva; Lurçat, uma peça de Aubusson: *Poesia* (1962) com motivos avulsos do bestiário medieval; Migot, um Gobelins: *Orly* (1961) uma impressão abstracta dos sulcos das pistas do aeroporto; Prassinos (um artista grego agora naturalizado francês) com *Macbeth*, uma espantosa dramatização a duas cores.

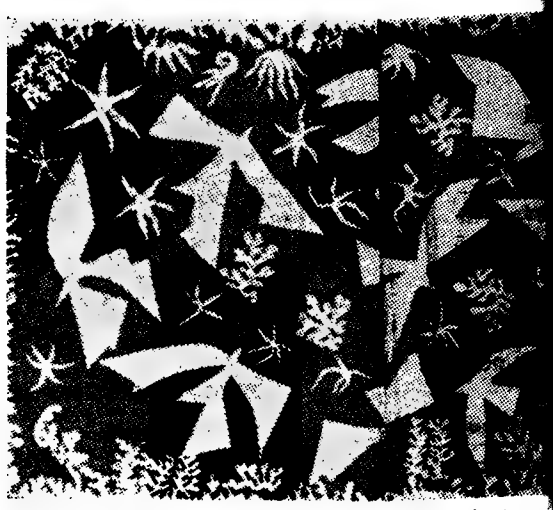
Os motivos e cores folclóricos repetem-se em «novidades» que foram já temas de velhas histórias e velhas místicas. Exemplo: Istvan Ban (Hungria), Antonin Kybel (Checoslováquia), etc. Hans Stocker (Suiça) em *Eucaristia* faz uma autêntica transposição para a tapeçaria de fresco de uma qualquer capela romanica. Vladimir Sychra (Checoslováquia) em *Carlos IV— Fundador da Universidade em Praga* faz outra transposição de uma iluminura antiga. Em contraste com esta representação de tema remoto, a Polónia apresenta todos os seus cinco artistas com motivos abstractos.

Também concorrem seis artistas por Portugal, com peças que julgamos já comentadas. Almada Negreiros, com *O Numero* (1958), pertencente ao Tribunal de Contas; Carlos Botelho, com *Lisboa* (1955), pertencente á Casa de Portugal em Paris; Guilherme Camarinha, com *Senhor de Matosinhos* (1960), pertencente á Comissão Municipal de Turismo de Matosinhos; Fred Kradolfer, com *Jardins de Tivoli em Roma*, pertencente ao Hotel Tivoli em Lisboa; Rogério Ribeiro, com *Limite da Era Atómica* (1961), pertencente á Universidade Clássica de Lisboa; Amandio Silva, com *Fidelidade no Juramento* (1961), pertencente ao Palácio da Justiça do Porto.

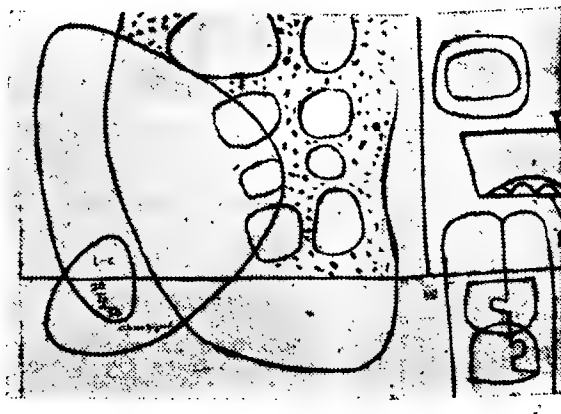
D. Maria José de Mendonça escreveu para o catálogo o esquema histórico da tapeçaria em Portugal. A história começou, realmente, há 15 anos, como o escreveu, com a fundação de uma manufactura em Portalegre.

Como já conjecturámos, a tapeçaria ainda não se vulgarizou pelo contacto ou pela função. Não o sentimos mesmo ainda no ambiente internacional do certame de Lausanne. As ideias de Le Corbusier vêm rasgar horizontes e podem ser aqui lembradas muito a propósito. «A tapeçaria residencial deve proporcionar-se para a vista e altura do homem. A sua altura é, pois, determinante: 220 cm ou 290, ou 360 (dimensões do Modulor, etc.). Assim entrará como um elemento utilizado na composição da arquitectura moderna e não como decoração. Além do que a parede de lã, pode em certos casos desempenhar uma missão acustica capital. No Caxemira, fizeram tecer 650 m2 de tapeçarias para as salas do Tribunal de Chandigarh. Bela ocasião para entregar a arquitectura do betão armado (material sonoro) ao artífice da lã (substancia absorvente do som). Já vimos algumas reproduções destas salas: Não são meros painéis dependurados de uma parede, mas o seu revestimento completo e constitucional.

«Macbeth», de Prassinos



«Polinesia — O céu», de Matisse



Cartão da tapeçaria «Unesco», de Le C...

...IOS DE JORGE AMADO

...CRITOR POR ELE MESMO

...s interva- ...em gestos ...orge Ama- ...sso seus ...a quatro ...dia. Fala ...ção. Pára ...o instante ...ai da sala ...umas fra- ...some da ...excita-se ...Dos seus ...anta-se da ...e, pisando ...ando em ...chão pela ...oteca. «A ...xplica, en- ...suas edi- ...dinamar- ...e não en- ...ajou tanto ...ge Amado. ...branco já ...cabelo. E ...enta e oito ...ua atitude ...controlado, ...forço, mas ...si próprio ...dizer. ...fissional de ...no Brasil. ...de ficção. ...nilhões de ...dições na- ...que exclui ...o cinema ...sses lucros ...renda da

...a obra na U. R. S. S. e China ...omunista, pois este dinheiro não ...de ser convertido em divisas. O ...ntancista faz uso dele «in loco».

«Nossos escritores» — diz — «são ...ncionários publicos, publicitários, ...c. Alguns, como Machado de Assis ...José Lins do Rego, tinham em- ...regos que lhes permitiam o tempo ...dispensável para escrever. A maio- ...a, não. Nos intérvalos é que faz ...eratura. Hoje, um jovem de talento ...de ganhar mais de cem mil cru- ...iros por mês em diversos afazeres. ...iteratura não dá isso, no início. É ...equente o caso do escritor que sur- ...com um primeiro livro de que ...do o mundo fala, para depois su- ...ir. O Brasil é o país do primeiro ...ro. É natural: o sujeito se casa, ...m filhos, quer levar uma vida de ...ordo com suas responsabilidades, ...m o senso de importancia que é ...racterístico da gente de talento. ...se afunda em relações publicas, ...blicidade, etc. Este não é o cami- ...o para uma literatura realizada.

«Em ultima análise, o que falta á ...aioria desses escritores é paciên- ...a. Literatura dá dinheiro. É uma ...estão de tempo e de concentração ...o trabalho. Tive mais sorte do que ...uita gente, reconheço. No meu se- ...ndo livro, «Cacau», já ganhei di- ...eiro. Mas durante muito tempo ...vei vida modesta.

«Tenho um amigo que, com cin- ...enta anos de idade, abandonou ...do para se dedicar á literatura. ...desses que começaram bem e se ...sviaram para outras actividades. ...ora se meteu num quarto de pen- ...o. Ainda pega um ou outro traba- ...o jornalístico, mas mantém-se com ...uco dinheiro. Ele me disse que se ...o fizesse isso, não lhe sobraria ...mpo de escrever o que precisava. ...nos ultimos anos produziu três ...ros. Esse homem não teria difi- ...ldade em obter uma posição de ...staque fora da literatura. Mas é ...n escritor, antes de mais nada. ...mo ele, estão alguns dos melho- ...s talentos da minha geração.

«Se me pedissem um conselho ...ra os jovens, eu diria que se pro- ...sionalizassem ou que, ao menos, ...mantivessem em empregos corre- ...os á literatura, como o jornalismo, ...r exemplo.

«Quando falo em «concentração no ...abalho», não me quero referir ape- ...s ao acto de criar. O problema do livro, no Brasil, é primeiramente editorial. E o escritor precisa compreendê-lo, participar dele, defender-se no plano comercial. Isso é aborrecido, por certo, mas faz parte da nossa profissão.

«Os editores locais são, em geral, bons sujeitos. Mantenho com eles excelentes relações de amizade. Mas acumulam funções de que não se podem desincumbir. São editores, distribuidores e até livreiros. Na Europa ou nos E. U. A., esses trabalhos são divididos em três partes, resultando em três responsabilidades, cada uma dependendo de si própria para subsistir. Estamos ainda num período artesanal, semi-amadorístico.

«Não é só a movimentação do livro. O caso das reedições, por exemplo. Na Europa, o livro não desaparece como aqui. Graciliano Ramos, para citar apenas um nome, há cinco anos que não é editado em larga escala. Ora, neste tempo, um numero considerável de leitores chegou á maturidade, sem a oportunidade de encontrar Graciliano. Foi recebido nas livrarias com o clássico «esgotado», ou «fora do prelo». Essa é a política geral dos nossos editores, com o consentimento (ainda que por omissão) de seus contratados. Seu trabalho não tem a necessária continuidade. Com Martins, meu editor, consigo uma reedição anual dos meus livros, de acordo com as possibilidades do mercado».

Jorge Amado tem uma longa experiência editorial, não sómente do «outro lado»; como escritor, pois já foi chefe de publicidade de José Olympio.

São conhecidos ainda os casos dos editores paternalistas, os que trancam livros durante anos sem lançá-los, e sem dar compensação aos profissionais, etc. A posição do romancista é que ambos os grupos precisam actualizar-se. Ele vê um grande publico surgindo das universidades e um apetite geral por literatura crescendo em todo o país, como decorrência da fase de desenvolvimento que atravessamos. E acha que o mercado editorial brasileiro ainda não está preparado para satisfazer a procura de livros.

«Aqui no Rio» — continua — «faz-se mais vida literária do que literatura. Isso não é muito mau, porque não engana o publico. Só engana os escritores cuja fama repousa nessas reuniões entre amigos, onde todo o mundo é simpático, onde se satisfaz a vaidade do autor, cuja obra vende quase nada nas livrarias. É verdade que essa rotina talvez confunda os jovens. Eles podem pensár que literatura é vida literária. Mas logo aprendem, ou se não aprendem é porque não dão mesmo para outra coisa.

«Eu, francamente, não escrevo bem aqui no Rio. Na Baía funciono melhor. Minha mulher diz que quando chego lá fico logo de bom humor, calmo, etc. É provável que ela tenha razão. O facto é que só escrevo bem sobre a gente baiana. É a gente que sinto, cuja voz oiço. Não oiço a voz da gente daqui ou de São Paulo. Tenho que construir o seu diálogo. É possível que os psicólogos tenham razão quando dizem que a base emocional do homem se forma na meninice. «Mar Morto», por exemplo, é o meu livro de que mais gosto. Vivi aquilo, com aquele povo, a pesca, os saveiros. Mas o meu melhor livro, o mais «igual», o mais bem estruturado, é «São Jorge dos Ilhéus». Mas, como todo escritor, posso acrescentar que o melhor é o próximo.

«Não, não, a crítica não me ofende. Quando é um ataque pessoal, do bénero «Kruchev mandou», etc., nem leio até ao fim. Quando se trata de um trabalho sério, pró ou contra, examino atentamente o que o crítico tem a dizer, perguntando a mim mesmo onde ele acertou, onde ele errou, onde eu acertei, onde eu errei. Quando se trata de um desses elogios que não querem dizer nada, também não leio. Agradeço — mal é que não me faz — mas não leio. Sou o que sou e não posso ser outra coisa.

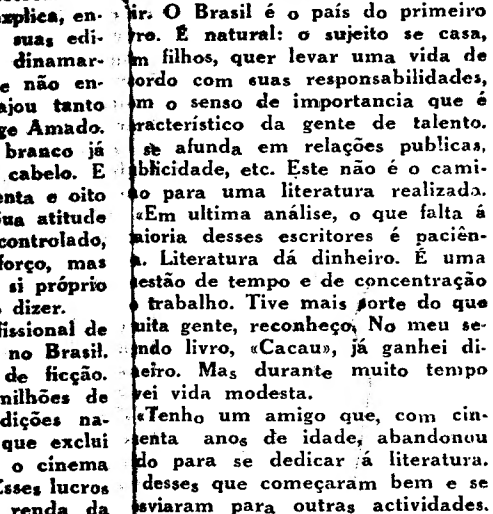
«Não me considero um regionalista, no sentido de ficar preso a maneirismos e nada mais. Procuro dar um carácter universal á minha obra. Se consigo ou não, é um outro problema. O movimento modernista, Mário de Andrade, etc., fez aquela libertação violenta da linguagem de Portugal, do academicismo formalista em que tinhamos caído. Depois viemos nós, Rachel (de Queirós), Zé Lins e eu, com nossa linguagem talvez bárbara, mas contando com honestidade a nossa experiência de terra, de gente.

«Há quem diga que escrevo mal, mas escrevo o que posso. Não acredito que o estilo possa ser desligado da expressão do talento do autor. Procurei o estilo para o que eu tinha a dizer. Se escrevo bem ou mal, só o futuro poderá dizer, quando minha obra puder ser examinada com a distancia crítica necessária.

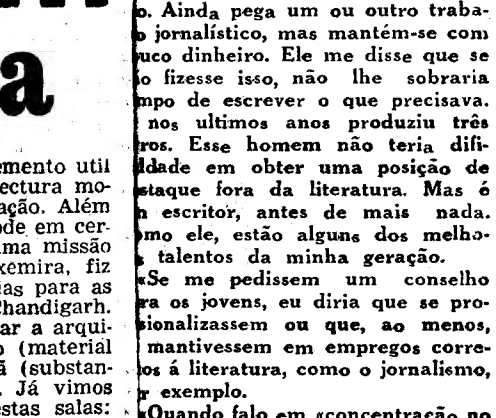
«Reconheço que não fiz o romance de cidade que é parte importante do processo de desenvolvimento do país, uma expressão desse desenvolvimento no que tem de urbanizante, de industrial. Mas só escrevo sobre o que conheço, como expliquei antes. Essa tarefa cabe aos escritores do Rio e de São Paulo, no momento. Mas eles não conseguiram fazê-lo. Um exemplo é o problema do café. Zé Lins captou o ciclo da cana-de-açucar; eu, o do cacau. O café, muito mais importante como fenómeno social, permanece a descoberto.

«Noto nos jovens de hoje uma tendência para o formalismo, para o que é antibrasileiro, que me inquieta. É como se estivéssemos voltando ao passado, em ritmo burlesco. Ou são os falsos regionalistas, usando «apenas» os exteriores, transformando nossas maneiras em maneirismos, ou

(Continua na 24.ª página)



...nesia — O cé, de Matisse



...peçaria «Unité», de Le Corbusier

Durante uma das fases mais críticas da última guerra, em que o seu país se debatia com graves problemas, a escritora francesa Giselle d'Assailly veio até Lisboa, como mensageira amável da França — numa evocação gentil e simultânea da elegância da mulher parisiense e da beleza espiritual da grande nação amiga. Depois, sem abandonar a sua actividade literária e até, pelo contrário, exercendo-a com fecunda regularidade, acompanhou também a obra de seu marido, o conhecido editor René Julliard. Agora, porém, que o editor faleceu, Giselle d'Assailly substituiu-o na direcção efectiva da casa, entregando-se total e corajosamente à sua nova tarefa

«ASSOMBROS»
— um novo livro de contos de Manuel Mendes

A capa do novo livro de Manuel Mendes, «Assombros», que foi desenhada por Carlos Botelho

Pela Sociedade de Expansão Cultural acaba de ser publicado o volume de contos «Assombros», de Manuel Mendes. É uma colectanea de seis narrativas palpitantes de vida e de verdade humana, em que um franco realismo se conjuga com a discreta sensibilidade de quem não assiste indiferente ás misérias, aos sofrimentos, ás humilhações alheias. Nessas páginas se encontra, em multiplas facetas de um só prisma essencial, que é o da realidade observada e sentida, tudo o que tem sido revelação forte e calorosa na obra de Manuel Mendes — não apenas como ficcionista, mas como cronista da «petite histoire» quotidique os leitores do «Diário de Lisboa» têm apreciado na sua colaboração regular.

Na secção crítica semanal será considerado, em breve, este novo livro de Manuel Mendes. Mas não podemos deixar de assinalar, desde já, o significado relevante de «Assombros» no perpassar multiforme da vida literária portuguesa, como livro de penetrante sentido humano, de realismo muito pessoal e de descoberta emocionada e emocionante de tantas figuras que muitas vezes vemos passar indiferentemente ao nosso lado. «Assombros» é, sem duvida, uma obra á medida e á altura do autor de «Estrada» — onde há valores excepcionais do conto português moderno — e do romance «Pedro», que definitivamente situou Manuel Mendes entre os nossos maiores escritores de ficção.

«NAS ROTAS Históricas do Mundo»

Deve aparecer nas livrarias, no princípio de Outubro, um novo livro de reportagens do nosso prezado colega de Imprensa Marques Gastão, que se intitula «Nas Rotas Históricas do Mundo». A obra abrange várias séries de crónicas de viagens sobre os povos Inca, Asteca, guanche (nas Canárias), Vikings e ainda sobre os Lugares Santos e na Rota da Latinidade, com uma série de cerca de 100 fotografias, com capa do artista Carlos Carmo.

ESCAPARATE

(De 31/7 a 7 de Agosto de 1962)

Autores portugueses

Título — Ovar na Literatura e na Arte — (Subsídios para um Dicionário Bibliográfico e Biográfico do Concelho).
Autor — Zagalo dos Santos.
Editora — Camara Municipal de Ovar.
Numero de páginas — 217.
Preço — 25$00.

Autores estrangeiros

Título — «Sem Ordem para Voltar».
Autor — Jacques-Gérard Linze.
Tradutor — Fernando de Castro Ferro.
Editora — Estudios Cor.
Colecção — Col. Cor de Bolso, n.º 2.
Numero de páginas — 292.
Preço — 20$00.

Título — «No Gume da Lei».
Autor — Richard Dening.
Tradutor — Eduardo Saló.
Editora — Livraria Ática.
Colecção — Col. Enigma, n.º 46.
Numero de páginas — 179.
Preço — 12$50.

Título — «Os Testes, Balões-Sondas da Psicologia».
Autor — Gérard Klein.
Tradutor — Eduardo Nunes dos Santos.
Editora — Editorial Estudios Cor.
Colecção — Col. Diagramas, n.º 7.
Numero de páginas — 94.
Preço — 20$00.

M. L.

Diario da

OUTRA BANDA

Quase 7800 contos
foi a receita da Câmara do Montijo em 1961

Encontra-se publicado o relatório da Camara Municipal do Montijo respeitante a 1961, extenso documento no qual, pormenorizadamente, se atesta o progresso de uma zona fortemente industrializada, cuja expansão maior se antevê, a curto prazo. Os seus numeros mais expressivos situam-se no capítulo das finanças, verificando-se que as receitas e as despesas, no ano findo, ascenderam, respectivamente, a 7 794 975$50 e 7 181 734$80, do que resulta um saldo de 613 240$70.

Em relação ao ano anterior (1960) verifica-se que a receita ordinária aumentou cerca de 90 contos, enquanto que a despesa da mesma categoria passou de 3 259 084$90 em 1960 para 4 011.221$20 no ano seguinte, havendo, portanto um aumento de 752 136$30, o que equivale a um acréscimo de despesa relativamente ao acréscimo de receita, na ordem dos 835 por cento. «Esta substancial percentagem de aumento na despesa deve-se em parte ao incremento registado nos serviços municipais, o que se aponta como uma das principais consequncias da redução do saldo de gerência» — acentua-se no relatório em apreço.

Na discriminação da receita (impostos directos), verifica-se que as licenças de estabelecimento comercial ou industrial, em 1961, renderam a apreciável soma de 1 560 407$00, mais 49 608$00 do que no ano anterior, prova do apreciável índice de desenvolvimento daquele concelho ribeirinho. Na receita extraordinária avulta a importancia de 981 372$20, menos 232 600$80 do que em 1960.

Afirma-se no referido documento: «Assim uma breve análise diz-nos que os aumentos mais acentuados verificam-se nos: *a)* impostos directos provenientes das percentagens sobre as contribuições do Estado; *b)* rendimento de bens próprios — provenientes de maior lucro dos Serviços Municipalizados; *c)* consignação de receita consequente de maior volume geral de receitas; *d)* receita extraordinária — resultado de maior receita de venda de terrenos e do recebimento do empréstimo de 500 contos destinado aos Serviços Municipalizados. Regista-se também a baixa de receitas em: *a)* taxas diversas — proveniente especialmente do menor numero de suínos abatidos».

O movimento do matadouro

Dos diversos serviços industriais do Município montijense salienta-se o respectivo matadouro, departamento cuja actividade se desdobra, na freguesia de Canha, do mesmo sector regional. Assim naquela antiquíssima povoação, que já foi sede de concelho, foram abatidas as seguintes reses: 3 bovinos; 927 ovinos e 716 suínos; enquanto que na vila-sede o movimento se cifrou deste modo: 1074 bovinos; 7480 ovinos; 1205 suínos; 105 equídeos; e 176 caprinos.

Cinemas

COSTA DA CAPARICA — *Cine Copacabana* — Às 21 e 15: «Duelo na Calama» e «Os inocentes» (17 anos).

BARREIRO — *Esplanada Luso* — Às 21 e 15: «O Mundo de noite» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gameiro* — Largo António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALMADA — *Macedo H. riques* — Rua Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel. 271297).

BARREIRO — *Normal* — Avenida da Bélgica, 116 (Tel. 223035).

COVA DA PIEDADE — *Castro Rodrigues* — Praça 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121).

MOITA — *Silva Rocha* — Praça da Republica, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — *Higiene* — Rua José Joaquim Marques, 142 (T. 230370).

SEIXAL — *Godinho* — Largo da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

SESIMBRA — *Leão* — Avenida Salazar (Tel. 229025).

SETUBAL — *Marques* — R. Arronches Junqueiro (Tel. 22783).

FESTAS E ROMARIAS

Feira de São Mateus

SOURE, 9. — E' já no próximo mês de Setembro que se realizam nesta vila as tradicionais festas e feira anual de São Mateus, que costumam atrair grande numero de forasteiros.

Do programa faz parte a exibição da Orquestra Típica de Castelo Branco e dos ranchos Gonçalo Sampaio, de Braga, e Típico de Paleão, este já apurado para a final do I Concurso Folclórico Nacional.

Em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 9 — De 13 a 20 do corrente, efectuam-se, nesta cidade, as famosas e encantadoras festas da romaria da Senhora da Agonia, uma das mais concorridas e apreciadas de todo o País.

Do excelente programa fazem parte os seguintes acontecimentos: um espectáculo do Centro Português de Bailado; um cortejo luminoso; fogo de artifício variado, todas as noites, o Oitavo Festival Internacional de Folclore de Santa Marta de Portuzelo; uma verbena; diversos festivais; feiras francas; um concurso pecuário; desfile de grupos de zés-pereiras; concertos musicais; o Cortejo do Trabalho e da Organização Corporativa; a participação da Banda Municipal de Vigo; exibições de ranchos folclóricos; arraiais; o Festival do Trajo; uma tourada; uma serenata no rio Lima; e, no ultimo dia, cerimónias religiosas que terminam com uma procissão, ás 17 e 30.

Um «Expresso-Popular» a Viana do Castelo

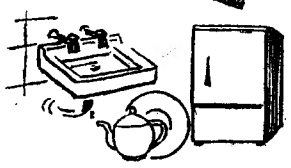
A C. P. volta a organizar este ano — no dia 19 — um «Expresso-Popular» de Lisboa a Viana do Castelo e volta, o que permitirá a todas as pessoas que queiram assistir ás festas tradicionais da Senhora da Agonia transporte rápido, cómodo e barato. O comboio — 3.ª classe — sairá de Santa Apolónia ás 5 e 45 e chega a Viana do Castelo ás 11 e 56; a partida de Viana está fixada para a 1 e 30 da madrugada do dia 20, e a chegada a Lisboa para as 7 e 21. Haverá um serviço de bufete permanente.

O preço de cada bilhete é de 155 escudos.

com DURO PLASTIC®

RESOLVA POR SI PRÓPRIO TODOS OS SEUS PROBLEMAS DE REPARAÇÃO

PARA TAPAR FALHAS EM LOIÇAS E ESMALTADOS



PEÇA LITERATURA DETALHADA NO REVENDEDOR LOCAL OU NO

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

PENHORES
ALMADA
Cruzamento D. Nuno-O. Salazar
PARAGENS: PANCAO E AQUÁRIO

QUINTA
C/ MORADIA

A 3 k. de Cascais c/7 casas assoalhadas e 4 casas de banho e mais dependências. Bela vista e óptimos ares. Vende o próprio ao próprio. Resposta a este jornal ao N.º 340.

NA
FARMÁCIA
INTERNACIONAL
além das secções
INFANTIL
e
PERFUMARIA
encontrará
meias elásticas ELASAN
para o CONFORTO E SAÚDE DAS SUAS PERNAS

RUA DO OURO, 228, 230 • LISBOA-2 • TELEFS. 32 20 17 - 3 02 03

ETP-7

A MAIS MODERNA FÁBRICA ALEMÃ
KING

Preços Fixos

110 lts	modelo de mesa	3.460$
120 lts	modelo de mesa	3.690$
155 lts	freezer s/s	4.560$
155 lts	freezer total	4.780$
200 lts	freezer total	5.650$
200 lts	congelador	6.070$

E. T. REPRESENTANTE ROBERTO CUDELL, L.DA
À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS
Assistência técnica garantida

CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
ANDAR ALUGA-SE

A Caixa de Previdência do Ministério da Educação Nacional, com sede em Lisboa, Praça D. Pedro IV, n.º 45-3.º andar, aceita propostas até ao próximo dia 16, em carta fechada e lacrada, com oferta de renda e indicação do seu fim, para o arrendamento do 2.º andar direito do prédio sito na Rua Augusto José Vieira, n.º 28.

O andar tem 3 divisões assoalhadas, cozinha, marquise, casa de banho, podendo ser visitado todos os dias das 9 horas às 15, e esta Caixa reserva o direito de aceitar ou não as propostas recebidas.

ENSINO PRÁTICO COMERCIAL — BENFICA
Rua Cláudio Nunes, 21 — Tel. 701338
EXTERNATO ANGOLANO
Cursos Primário e Técnico (diurno/nocturno)
Esteno-Dactilografia — Mecanografo/a Contabilista — Máquinas de Contabilidade e escrever «Olivetti» — Explicações
ABERTAS AS MATRICULAS

Empresa Industrial de Frio, Lda.
Cinjal — Cacilhas Telef. 271647 e 270851/2

COMUNICADO

Após os melhoramentos introduzidos nas suas instalações, esta Empresa ficará apta a fornecer, diàriamente, 100.000 quilos de gelo a preços fora de toda a concorrência.

ANTES E DEPOIS DO BANHO DE SOL USE
APYROL
A venda em todas as Farmácias

FOLHA-DE-FLANDRES — Sempre a preços muito acessíveis — CICC, LDA. — Rua D. João V, 7-1.º — LISBOA — Telefs. 684141/2/3

ALGARVE

Na praia de Albufeira, alugam-se bonitos andares mobilados, compreendendo cozinha (com frigorífico, fogão a gás e esquentador), casa de banho, sala de estar, sala de jantar, quarto, balcão, garagem privativa e terraço. Completamente equipados com loiça e roupa. Preço, Esc. 1.200$00 por semana.

Para informações, escreva para RESIDÊNCIAS «BOA VISTA», Rua B, ALBUFEIRA.

A ARMA ASSASSINA

por FRANK GRUBER

FOLHETIM SEMANAL DO Diario de Lisbôa

16

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — Sam Vedder, da Agência de Detectives Bligh, encarregada pela sr.ª Evelyn Walker de recuperar uma carta na posse de um chantagista, de nome Adam Lord, descobre Lord assassinado na sala de estar do seu apartamento. As impressões digitais da sr.ª Walker estão na arma do crime — um histórico «Colt» da Armada. Vedder descobre que o revólver era de Roscoe Underwood, que acusa outro rico coleccionador de armas, Stuart Canfield, de lho ter roubado. Vedder é raptado por um pistoleiro chamado Jake. Foge, mas a Polícia deita-lhe a mão sob a acusação de homicídio.

CAPÍTULO IV

— Sam Vedder. Sou um detective privado e... — parou, ao notar na expressão de pasmo do polícia.

— Sam Vedder, han? — O punho subiu novamente e uma vez mais agarrou Vedder pelo colarinho. — Pois considere-se preso!

— Preso? — repetiu Vedder. — O senhor está doido! Disse-lhe que tinham tentado raptar-me e...

— Anda a Polícia toda á sua procura, fique sabendo. Você é procurado por... homicídio!

E agora, Sam Vedder encontrava-se num cubículo, sentado numa cadeira sem braços e sob o foco impiedoso de uma lampada de trezentas velas.

Sam já contara a sua história por três vezes — a parte que ele sabia não valer a pena tentar ocultar —, mas os detectives continuavam a metralhá-lo com perguntas.

Sam não revelara que Evelyn Walker era cliente da Agência Bligh. Ao admitir a sua identidade, ela dissera serem amigos. E Vedder agarrara-se a essa declaração. Sim, fora agredido por Adan no Clube 66. Sim, fora ele quem provocara a briga. Porquê? Porque Adam procurava meter-se com a sua convidada.

Um detective entrou nesse momento e cochichou qualquer coisa ao ouvido de Downing.

— Raios! — exclamou Downing. — Está bem... Mandem-no entrar!

17

O capitão Bligh entrou no gabinete.

Sam Vedder soltou um gemido e encolheu-se na cadeira.

— Olá, Sam — disse o capitão. — Que estão eles a fazer-te?

— Nada, Bill — grunhiu o inspector Downing. — Nada comparado com o tratamento que lhe vamos aplicar a seguir.

— E que tratamento é esse, meu caro?

— Vamos prendê-lo sob a acusação de ter assassinado Adam Lord, meu velho.

— Está bem, prendam-no — desafiou Bligh. — Tenho o Eggleston na sala ao lado com o telefone ligado para o juiz Purdy. E o juiz está pronto a assinar o «habeas-corpus» e mandá-lo aqui num quarto de hora.

O inspector Downing soltou uma praga obscena.

— Mas, que diabo, Bligh! Este velhaco introduziu-se no apartamento de Lord.

— E que roubou ele?

— Ainda não sei. Mas... Inferno! Leva-o daqui para fora antes que eu dê cabo da mobília!

Passaram por outro gabinete e entraram numa sala grande, onde, entre outras pessoas presentes, se encontravam Bobcat e Evelyn Walker. Havia também um sujeito alto, bem constituído, dos seus quarenta anos.

— Capitão Bligh — disse Evelyn. — Apresento-lhe o meu marido. Jim, o capitão Bligh. E «mr.» Vedder.

Jim Walker não estendeu a mão, limitando-se a baixar a cabeça secamente.

— Acho melhor irmos a um sítio qualquer para conversarmos.

Junto ao passeio, encontrava-se um carro grande. Os Walker e os membros da Agência Bligh entraram no carro. Quando o carro arrancou, Jim Walker disse bruscamente:

— Evelyn já me contou tudo. Tem sido indiscreta. Bem, é tarde de mais para agir. O problema está agora em mantê-la fora de toda esta embrulhada, capitão Bligh.

— A Polícia tirou-lhe as impressões digitais, sr.ª Walker? — perguntou Vedder.

18

Evelyn Walker soltou uma interjeição de surpresa.

— O cartão, Jim! O cartão que o inspector me entregou. É costume os polícias apresentarem os seus cartões de visita?

— Não! — exclamou o capitão Bligh. — Isso foi golpe do Downing! Estendeu-lhe esse cartão justamente para lhe apanhar as impressões digitais.

— O senhor acha que eles vão prender a minha mulher? — perguntou Jim.

O capitão Bligh encolheu os ombros.

— Talvez, mas nunca antes de amanhã. Eles estão ao corrente da sua situação social, sr.ª Vedder, e agirão pelo seguro. Mas as suas impressões digitais estão na arma do crime. O que é muito mau!

— «Mr.» Walker — disse Vedder, de repente. — Gostaria de coleccionar armas? Tenho uma ideia. Compre alguns modelos antiquados e deixe que a sua mulher lhes pegue. E quando o inspector Downing o procurar e lhe atirar essa de ter encontrado as impressões digitais da sua mulher no velho «Colt» da Armada, o senhor finge-se espantado e exclama: «Mas essa arma foi-me roubada há coisa de umas semanas! Não é de admirar que tenha as impressões digitais da minha mulher!»

— Bela ideia, «mr.» Walker! — rugiu Bligh. — Se souber representar o seu papel, Downing morderá a isca!

— E onde vou eu desencantar essas tais armas antiquadas? — perguntou Jim Walker.

— Talvez possa adquirir algumas a Henry Underwood ou a Stuart Canfield — sugeriu Vedder.

Walker respirou com mais força e depois dardejou um olhar colérico a Vedder.

— Que sabe o senhor a respeito de Underwood e de Canfield?

— Pouco, excepto que ambos colecciónam armas. Se não quiser, tente o armeiro Weisbecker.

— Bem, não temos muito tempo a perder. Tenho de arranjar as armas até amanhã.

Deu umas ordens ao motorista e o carro encostou ao passeio. Os membros da Agência Bligh saíram e o carro voltou a partir.

19

Vedder voltou-se para o capitão.

— Tenho uma pista que me apetece seguir... — disse.

O capitão Bligh segurou-o pelo braço.

— Estiveste com Underwood? Viste o Canfield?

— Sim. A arma que matou Lord foi roubada a Underwood há coisa de um mês.

— Quê? Meu palerma! — explodiu o capitão Bligh. — Não te dás conta do sarilho em que meteste os Walker? Se a Polícia descobre que a arma pertenceu a Underwood, deduz imediatamente que a sr.ª Walker não lhe poderia ter tocado.

— Disso não sei. Bem vê, o revólver foi *surripiado*, quando a casa estava cheia de gente, incluindo o casal Walker. Underwood desconfia de que foi Canfield quem lha roubou, mas podia muito bem terem sido os Walker.

— Tu... — rugiu o capitão Bligh. — Isso é admitir que os Walker não são, no fim de contas, senão um casal de gatunos...

— É melhor ser gatuno que assassino, patrão. «Mr.» Underwood não participaria dos Walker. Não poderia fazê-lo sem provas de que Jim Walker ou a mulher lhe tinha roubado o revólver.

O capitão olhou zangado para Vedder.

— A habilidade que tu tens para misturar tudo! E a respeito de Canfield? Porque é que ele não podia ter roubado a arma... e ser o assassino?

Vedder fechou a boca com força.

— Podia muito bem ter sido — disse ao cabo de uns momentos. — Mas por cada mil dólares que tem o Walker ou o Underwood, Canfield tem um milhão.

— Ah, é *esse* Canfield — disse Bligh. — Bem, já foi um dia cheio de emoções. Vou voltar para o clube e tomar um banho turco.

Um táxi encostou ao passeio e o capitão Bligh aproveitou-o.

— O pavão! — exclamou Bobcat para Vedder. — Vê lá se ele me perguntou o que fiz esta noite.

— Bem. Realmente, que foi que fizeste?

— Estive a «espremer» o comando da Polícia. Downing sabe perfeitamente que as impressões digitais na arma são as de Evelyn Walker. O que ele pretendia era obrigar-te a confessar que tinhas estado em casa de Lord, numa missão por conta de Evelyn.

20

— E os outros pássaros? Canfield e Underwood?

— Não sabem de nada a respeito de Underwood. Canfield é justamente aquilo que tu acabas de dizer! Um tipo cheio de «pasta». Há coisa de uns cinco anos, esteve metido em trabalhos...

— Que espécie de trabalhos?

— Cena de tiros — replicou Bobcat. — Zangou-se com um tipo e ferrou-lhe um tiro. Mas o tipo restabeleceu-se e Canfield teve que largar muita «massa» para lhe pôr uma mordaça.

Vedder inspirou profundamente.

— Espera, no fim de contas talvez não fosse uma carta que ela escrevesse a Lord, mas sim, uma carta escrita a Canfield, de que Lord se tivesse apoderado.

— É bem possível, mas se foi isso, porque não tentou Canfield reavê-la de Lord? Um cavalheiro era assim que procederia.

— Talvez tenha sido o que Canfield fez. Ou talvez Jim Walker estivesse mais ao corrente dos feitos da mulher do que deixa transparecer.

— Escolhe o caminho que mais te agradar. Bem, dás-te por satisfeito por hoje?

— Mas são apenas dez e meia! Escuta. Quero que voltes para junto dos teus amigos e procura extrair mais informações do amigalhaço que lá tens. Descobre que mais sabem eles acerca do «Colt» da Armada.

— Peabody vai ficar fulo comigo. Foi ele quem me segredou que tu tinhas sido apanhado.

— Pois trata de lhe passar a mão pelo pêlo. E, depois, vai para o «Beaumont». Telefonar-te-ei para lá.

Vedder atravessou a rua e encaminhou-se para a Grand Central, a menos de um quarteirão dali. Dirigiu-se directamente para a bateria de cabinas telefónicas no andar principal. Pegou num anuário comercial e procurou o capítulo «Armeiros».

Encontrou o nome Weisbecker, anotou a direcção na agenda e tornou a guardá-la. Preparava-se para marcar o numero de Weisbecker, quando

21

olhando casualmente para a porta de vidro, deu com um rosto gordo e ameaçador a observá-lo.

Vedder sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha. Era Jake, o pistoleiro, o mesmo que tentara raptá-lo e o agredira no táxi.

Ficou com a testa banhada de suor. Estava desarmado e o homem que o vigiava trazia consigo uma pistola 38! E ainda por cima, chegava bem — e sobrava — para a constituição física de Vedder.

O rapaz abriu a porta da cabina e saiu, começando a caminhar rápidamente.

— Psst! Ó menino! — gritou Jake, dando um passo em frente.

Vedder nem voltou a cabeça e acelerou o passo.

Dirigiu-se directamente para o balcão das informações e fingiu estar a consultar os horários dos comboios. Pelo canto do olho, viu que Jake o vigiava, com as manápulas metidas nos bolsos.

Não podia passar o resto da noite na estação. E não podia sair dali, sem que Jake se atirasse a ele imediatamente. Nem mesmo pensar em mergulhar para um táxi. Os táxis eram ás dezenas e Jake imediatamente tomaria outro, lançando-se em sua perseguição.

E claro que Vedder podia atracar-se a Jake. Um dos polícias de serviço na estação interviria imediatamente e os dois acabariam no posto. Mas pensar que Bligh o livraria do calabouço duas vezes numa só noite, era exagerar.

Caminhou despreocupadamente até uma sala de espera no extremo oeste da estação. Viu que Jake se aproximava. Entrou na sala de espera e caminhou para a porta em frente, abrindo para um longo tunel que dava para o Hotel Roosevelt na Rua 54, a quase três quarteirões de distancia dali.

(Continua)

TEM CARRO?
TEM PRÉDIO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
Visite a
ORCOSI
R. 1. Dez. 45. 3. — T. 367444
A FIRMA QUE RESOLVE OS SEUS PROBLEMAS FINANCEIROS NAS MELHORES CONDIÇÕES RAPIDEZ E SIGILO

DURAMINA
A marca da Loiça
que lhe serve melhor

LINHA DE CASCAIS
Para sua comodidade adquira, em qualquer das estações desta linha, séries de 20 bilhetes sem data de validade

FÁTIMA
Peregrinação dias 12 e 13
FÁTIMA
Assistindo á missa
(todos os domingos)
MADRID - LOURDES - PARIS
Partida em 1 de Setembro
Maravilhosas excursões em que se utilizam luxuosos autocarros
Informações e inscrições:
TURIJORGE
Agência de Turismo Eduardo Jorge, Lda. — PRAÇA DE LONDRES, 9-B — Telefone 72495
Autocarros Eduardo Jorge
Agência em Lisboa na RUA JARDIM DO REGEDOR, 35 — Telefs. 30971-3

Na CASA DO PRETO em MOSCAVIDE, vende-se o «Diário de Lisboa».

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«Sob Céus Estranhos»

por Ilse Losa

Alma dividida desde as suas fundas raízes, como a das gerações europeias que foram marcadas para sempre pelo barbarismo e pelo monstruoso racismo nazistas, Ilse Losa tem assinalado a sua obra — afinal escrita, toda ela, não na língua originária, mas na língua portuguesa de adopção — um drama que talvez nunca venha a extinguir-se. O drama do desenraízamento exprime-se nos seus livros sob duas formas contrapostas: na evasão lírica dos poemas em prosa e da literatura infantil, igualmente impregnados de subtil melancolia e de sonho; e nas criações de ficção em que defronta o tema crucial da sua própria experiência de perseguida e de refugiada. O livro de viagem «Ida e Volta — À Procura de Babitt» é também uma testemunha dessa confrangida, dolorosa e insanável inquietação que vem do remoto mas sempre presente abismo da adolescência.

O romance «Sob Céus Estranhos» não procura a evasão mas, pelo contrário, o desvendamento das realidades psicológicas e sociais a autora mais profundamente conhece. É legítimo acentuar que Ilse Losa criou, com este livro, a sua primeira obra de ambiente português bem definido. O enquadramento genérico — o do meio social, o da teia de personagens secundárias, o da «brandura tradicional dos costumes» — é tipicamente português, na verdade. Mas a substancia mais íntima do romance, o seu corpo psicológico essencial, não se relacionam especificamente com uma breve e limitada expressão geográfica: o protagonista é o desenraizado que não consegue cortar totalmente as velhas raízes mas que também não consegue afundar raízes novas, apesar da fixação pragmática, do casamento até do

Ilse Losa

nascimento de um filho. E é essa situação do protagonista, naturalmente, que domina o romance, lhe imprime o acorde dominante, lhe envolve a atmosfera — e até lhe determina o estilo, numa alternancia difusa de claridades e de sombras. Ilse Losa não realizou ainda um livro essencialmente português. Nem isso importa.

«Sob Céus Estranhos» é um romance de sentido cosmopolita, ou mesmo universalista — e é aí que a escritora dá bem a sua medida: a de «depoimento admirável», que já Vitorino Nemésio lhe apontou: a da «singeleza emocionante», que João Gaspar Simões justamente lhe atribuiu.

O que mais fundamente atinge a sensibilidade reflectida, neste livro, é o sentido penetrante, ao mesmo tempo feliz e amargo, da unidade e continuidade da vida: «Percorremos sempre o mesmo círculo. Somos, alternadamente novos, velhos, vivos, mortos... Porque somos tudo aquilo que já fomos e que havemos de ser...». Assim monologa uma das figuras evocadas do romance. «Formamo-nos, pela vida fora, das muitas parcelas que são os outros, e somos, por nossa vez, uma parcela desses mesmos outros» — reflecte o protagonista. A narrativa desenrola-se com delicadeza, ternura, melancolia, algumas vezes com agitação, sob esse signo da permanência da verdade humana através de todos os contrastes ou das aparentes contradições. E é ao transpor esse sentimento — mais poderoso como sentimento diluído do que como ideia clara — para apreensão íntima do real, que Ilse Losa alcança as suas mais belas fórmulas literárias e as suas mais penetrantes expressões humanas.

No romance há, apenas, um defeito mais directamente sensível: o excessivo alongamento dos monólogos intimistas, entrecortados na representação do que procuram exprimir, embora profundamente expressivos. Com mais firme garra ficcionista a autora obteria os mesmos efeitos — e literáriamente mais válidos — através do próprio encadeamento romanesco das situações e dos diálogos. É mais perfeito, de resto, o estilo da escritora, quando descreve com impressiva brevidade um facto ou cadeia de factos que vêm a revestir significado profundo na teia da narrativa. Assim se constata, por exemplo, na abertura do capítulo 2.º do romance, em que se encadeiam maravilhosamente certas recordações de juventude.

Com «Sob Céus Estranhos» retomou Ilse Losa um labor de romancista plenamente adulta — e capaz de exprimir com feminina delicadeza, com elegancia formal e com densidade psicológica de raízes experienciais muitas facetas profundamente humanas da vida comum. (*Colecção Contemporanea, Portugália Editora, Lisboa*).

«Álbum»

por Marta de Lima

Com este livro de contos obteve a autora o *Prémio Revelação* (Romance, Novela e Conto), de 1961, da Sociedade Portuguesa de Escritores. Os prémios literários significaram muito pouco — ou até revestiram um curioso significado negativo — em Portugal, durante largo tempo. Começam agora ter um sentido válido. E, mais ainda, desde que foram muito judiciosamente extintos certos prémios. O país real começa a imprimir dignidade ao que não a tinha — ao menos neste domínio tão flutuante mas tão nacionalmente significativo da literatura.

A atribuição do *Prémio Revelação* a Marta de Lima tem uma justificação intrínseca que dispensa o conhecimento das outras obras concorrentes. É um bom livro e, sobretudo, um livro abertamente prometedor. Há nestes contos, decerto, a heterogeneidade de estilo, de temática e de conteudo expressivo que é própria de quem começa — mas de quem começa com talento criador incontestável. Nos primeiros contos do volume afigura-se Marta de Lima uma colecionadora de personagens hipersensíveis, «rebuscando tão fundo nos outros e em si próprios que nunca alcançam a paz». Vem depois uma certa ironia caricatural; e ainda um sensibilismo muito excessivamente feminino; e depois uma forma aleatória de populismo na narrativa e na linguagem. Esse flutuar nos contos da escritora agora revelada não é um testemunho de força literária na diversidade: é a fragilidade de uma pesquisa incipiente que não conseguiu ainda fixar-se. Mas a vibração constante, a personalidade a si mesma se construindo no que escreve, o senso agudo da dor e da injustiça que perpassa em tantas páginas do livro, revelam efectivamente uma contista em germinação. Só importará, doravante, que Marta de Lima não se deixe embalar pelas ilusões que confessa na «carta a Irene Lisboa» com que fecha o volume: é Irene Lisboa que tem razão, não se cingindo ao indivíduo como tema de literatura mas integrándo-o (e com que inteligência e finura...) numa ordem de classe.

Dos contos de «Album», é de mais profunda e lancinante verdade humana «Auto-Retrato». E' bem desenhado na simplicidade dos caracteres e das circunstancias o conto «Morreu o Anjo». Em «A Primeira Dama», que toma maior corpo no volume e, por isso, se pretenderá considerar mais significativo,

Marta de Lima

há um certo convencionalismo irónico — ou uma ironia demasiado intencional — que chega a afigurar-se dolorosa por não acertar devidamente com a protagonista. E a narrativa arrasta-se demasiado por ambientes muito diversos, com uma estrutura de novela a que falta essencial unidade. Mas é já um conto excelente e muito bem construido «Aceita-me esta carta?», em que a autora dá a sua melhor medida de ficcionista. Também na carta a Irene Lisboa — uma carta que, dolorosamente, já não encontrou a destinatária — há belos, embora divagantes passos, de afirmação literária.

Marta de Lima deve encontrar, certamente, o seu definitivo rumo — mas não pelas aparências fugazes de um individualismo de representações humanas que vem a resultar em deformação do homem. Porque os homens, como as estrelas que a novel escritora invoca, não se definem, realmente, nas ilusórias grandezas sob a visão imediata, mas pelas aproximações constelares que são o signo e a condição essenciais da própria vida. (*Coimbra Editores, Lisboa*).

Registo

● *A* Casa dos Estudantes do Império, *de Lisboa, editou com um prefácio de Alfredo Margarido a antologia «Poetas Angolanos». A selecção e coordenação foram orientadas com seriedade e oferecem um panorama vivo, aliciante e límpido da lírica africana em língua portuguesa. A modernidade e a frescura dessa poesia gerada num naturalismo ainda muito próximo e num populismo que é, em quase todos os representados da antologia, uma razão de ser tão literária como social, imprimem ao volume um interesse que bem justifica a sua larga divulgação entre nós. O prefácio de Alfredo Margarido, embora difuso em muitos passos e comprometido em outros pela sua habitual terminologia, é de uma inteligência vigorosa e penetrante na apreensão do essencial da nova poesia angolana.*

● *O «Ensaio sobre o Romancilho», que Hernani Anjos acaba de publicar pela* Editorial Minerva, *é um curioso testemunho da experiência literária pessoal a que não faltam apreciáveis sugestões. Observa-se, porém, que o autor poderia ter dito em muito menor espaço — e com vantagem — o que prolonga por duas centenas e meia de páginas. E a sua concepção do «romancilho», inspirada nos meios modernos de irradiação da palavra falada ou escrita, terá viabilidade na medida em que o próprio Hernani Anjos a testemunha em obra literária*

● *Pinharanda Gomes escreveu um breve ensaio intitulado «José Marinho — a situação actual do saber antigo». É uma ilusão do autor imaginar que a linguagem supostamente e embrenhadamente filosofante é filosofia. Nem o autor nem José Marinho ficam a ganhar coisa alguma com esta obscura divagação verbalista.*

● *A «Introdução á História de Portugal á luz de uma nova ciência» é dos livros mais saborosamente humorísticos que têm vindo a publico neste País. O autor Mário Belo, diverte-se largamente com o assunto e com os seus possíveis leitores. A imaginação extraordinária de que dá provas, num encadeamento de fórmulas ultrapitorescas de interpretação da história, é motivo bastante para que os leitores não lhe faltem.*

● *A* Livraria Bertrand *editou em português mais um romance de Virgil Gheorghiu, «Perahin»—história pungente, angustiada e, apesar de tudo, com certo sabor irónico ou até singelamente risonho, que bem revela o dramático autor de «A 25.ª Hora». Uma visão melancólica da natureza humana e do destino — e neste, sobretudo, das suas amargas ironias—é a substancia mais funda deste livro.*

● *Na série dos Livros Pelicano que a* Editora Ulisseia *está a publicar foi incluido o volume «O Problema do Conhecimento», um estudo sobre os principais problemas filosóficos relacionados com as teorias epistemológicas: métodos de filosofia e do conhecimento, cepticismo e certeza, percepção, memória, o «eu» e os «outros». O autor, A. J. Ayer, é professor de filosofia na Universidade de Londres possui um sentido clarificante da divulgação filosófica que constitui mérito primacial da obra.*

● *A* Editora Ulisseia *publicou ultimamente, também, três livrinhos de literatura ligeira especialmente destinados á juventude: «O grande desafio», por Chris Landier, que faz a história animada da vida e carreira de um futebolista famoso; «Sílvia, estrela de cinema», por René Philippe, pondo em causa a escolha de um destino por uma rapariga simples; e «Regresso ao Futuro», de Anton Hanna, apresentado como curiosa experiência de ficção científica. Os volumes referidos fazem parte, respectivamente das colecções Marabu Junior, Marabu Mademoiselle e 3-C.*

SEMANA DE MADRID

por MANUEL RIUTORT

O Instituto de Estudos Madrilenos vem publicando uma série de folhetos dedicados ao quarto centenário da capital espanhola; o ultimo volume posto á venda intitula-se «El Madrid de 1586», de Manuel Alvarez.

*

JUAN PAYNO, a quem foi concedido o ultimo prémio «Nadal» não encontrou, entre o publico, o acolhimento que se esperava. A novela «El Curso», tem relativo interesse, mas não deixa perceber um futuro prometedor para o seu autor.

*

DEVE seguir dentro de pouco tempo para Itália o escritor Juan Garcia Hortelano que pensa viver, durante um ano, na cidade de Torino.

*

FALEI com Castillo-Puche e perguntei-lhe pelo seu romance «Paralelo 40». Deve ser editado muito brevemente em França, Inglaterra, Itália e América. Por enquanto, está posta de parte a possibilidade de edição em Espanhha.

*

«MSV» é o título da próxima peça teatral de Alfonso Sastre. Trata-se do processo judicial de Miguel Cervette Villanorano.

*

COMO tema literário, a «guerra civil» continua a ser inesgotável. Têm-se publicado muitas novelas em que os protagonistas são soldados de Infantaria. Em «La Soledad de Alcuneza», de Salvador Garcia Pruneda, são de Cavalaria alguns dos protagonistas do conflito.

*

FOI, agora, posto á venda «La corriente», ultimo romance de Luís Romero, director do vespertino «Pueblo» e consagrado escritor. Neste livro volta a afirmar o seu estilo de uma agradável beleza literária.

*

SINAL dos tempos. Mais um café de tertulia literária vai desaparecer. Agora é o café «Lyon d'Or», por onde apareciam Valle Inclán e Unamuno, entre outros da geração do «98».

*

JUAN CABEZAS continua trabalhando na grande biografia de Cervantes; obra que lhe tomará bastante tempo, pois tem de consultar muitos documentos antigos.

*

«EL PAN MUERTO», de Máximo Regidor, apareceu nas montras. É uma novela que trata da jornada estival de um lavrador castelhano. Obteve o Prémio «Ateneo de Valladolid», em 1961.

JORGE AMADO

visto por ele mesmo

(Continuação da página central)

os esteticistas, que procuram para a palavra uma liberdade, uma autovalidade que, a meu ver, ela não tem. A palavra é um elemento de comunicação do homem, antes de mais nada. E a geração de hoje, que vê o país mudando de feição, se politizando mais e mais, está fugindo á responsabilidade de expressar esse movimento. Não estou falando de talentos isolados, que continuam surgindo e actuando, mas das tendências gerais. Daí eu encarar com a maior ternura o trabalho de uma parte da gente de teatro, a do Arena, em particular, que está empreendendo esse trabalho de tentar compreender a sua época.

«Passei muitos anos na militancia política, mas hoje acho que a melhor contribuição que posso dar ao socialismo é como escritor».

Sobre isso, ele diz: «Não renego essa fase. Era uma necessidade espiritual minha e da minha geração, ou ao menos dos que estavam no mesmo barco que eu. Um escritor é a soma das suas experiências. Os livros que escrevo hoje seriam outros se não fosse esse interregno. Todo o livro é político, ainda quando pretende ser apolítico — o que é uma atitude política. Tudo é uma questão de gradação e esta é determinada por circunstancias que, muitas vezes, superam nossas inclinações individuais».

(Extractos de um depoimento divulgado em Portugal pelo «Escritório de Propaganda Comercial do Brasil em Lisboa»).

NOVO PRESIDENTE

do P. E. N. Clube

Na recente reunião em Bruxelas, o P. E. N. Clube Internacional elegeu o seu novo presidente.

É o escritor holandês Victor van Vrieslaud, que sucede ao romancista italiano Alberto Moravia.